

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI

O USO DA EXPRESSÃO DO FUTURO EM TEXTOS LITERÁRIOS
Uma análise em tempo real de curta duração

CURITIBA
2010

MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI

O USO DA EXPRESSÃO DO FUTURO EM TEXTOS LITERÁRIOS
Uma análise em tempo real de curta duração

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Linguística.

Orientadora: **Prof^a Dr^a Odete Pereira da Silva Menon**

CURITIBA
2010



PARECER

Defesa de dissertação da mestranda MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados ODETE PEREIRA DA SILVA MENON, JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER e TERESA CRISTINA WACHOWICZ arguíram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“A expressão do futuro em textos literários. Uma análise em tempo real de curta duração”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
ODETE PEREIRA DA SILVA MENON		Aprovada
JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER		Aprovada
TERESA CRISTINA WACHOWICZ		Aprovada

Curitiba, 19 de março de 2010

Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran
Coordenadora

Prof.ª Dr.ª Maria José Foltran
Coordenadora
Matrícula SIAPE: 0344084



Ata quadringentésima sexagésima segunda, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI**. No dia dezanove de março de dois mil e dez, às quatorze horas e quinze minutos, na sala 1020, 10.º andar, no Edifício Dom Pedro I, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: **ODETE PEREIRA DA SILVA MENON**, Presidente, **JOSÉ LUIZ DA VEIGA MERCER** e **TERESA CRISTINA WACHOWICZ**, designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada “A expressão do futuro em textos literários. Uma análise em tempo real de curta duração”, apresentada por **MARIA JOSÉ FERREIRA STROGENSKI**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos Examinadores para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora **ODETE PEREIRA DA SILVA MENON** retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**, devendo encaminhar à Coordenação em até 60 dias a versão final da dissertação. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia dezanove de março de dois mil e dez. xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

Dr.^a Odete Pereira da Silva Menon

Dr. José Luiz da Veiga Mercer

Dr.^a Teresa Cristina Wachowicz

Maria José Ferreira Strogenski

Ao Igor – por fazer valer a pena.

***Aos meus pais. Início de tudo;
Ao Paulo, meu grande amor, por ser um porto
seguro nesta tempestade;
Às minhas irmãs e minha mãe: minhas
ouvintes pacientes, minhas colaboradoras
ativas e minha platéia particular;
À minha orientadora Odete, por ter tido
paciência com a minha ignorância e por ter
sido muito mais que uma orientadora neste
tempo.***

A distinção entre passado, presente e futuro é apenas uma ilusão teimosamente persistente.

Albert Einstein

RESUMO

Esta é uma dissertação sobre a expressão do futuro no português do Brasil cujo *cópus* baseou-se em textos narrativos ficcionais, especialmente romances da literatura brasileira. Está fundamentada na Teoria Sociolinguística Variacionista e na perspectiva Funcionalista, baseada nas ideias de HOPPER e TRAUGOTT. Foram utilizadas duas variáveis para expressão do futuro: as formas do presente do indicativo, com as variantes perífrase com *ir+inf.*, forma sintética do futuro do presente e presente do indicativo; e as do futuro do pretérito, com as variantes perífrase com *ia+inf.*, forma sintética do futuro do pretérito e as formas no pretérito imperfeito, com valor de futuro do pretérito. Para as duas variáveis, também, considerou-se, como variante, a perífrase com o verbo *haver* – *haver+de* e *havia+de*. A análise demonstrou que a forma perifrástica vem ocupando o espaço do futuro do presente, inclusive em textos escritos e que está havendo uma variação entre as formas de pretérito imperfeito e futuro do pretérito.

Palavras chaves: *futuro do presente; futuro do pretérito, formas perifrásticas, formas sintéticas, verbo haver.*

ABSTRACT

This is a composition about future expression in Portuguese of Brazil, whose base of the corpus is a narrative fictional texts, especially, romances of the Brazilian literature. It's fundamentated in Variacionist Sociolinguistic Theory and in Functionalism perspective, in agreement with Hopper and Traugott ideas. In this was used two variables for future expression : the present form of the indicative form, with variants forms with "*to go+ infinitive form*", synthetic form of the future of the present and present form of the indicative; and the past future, with variants: form with "*went + infinitive form*" synthetic form of the past future and the past imperfective form, meaning past future. For two variables, either, were used as a variant, the *have* verb forms – *have+prep.* And *had+prep.* The analyses shows that periphrastic form is occupying the space of the present future form, inclusive in written texts and that is having a change with past imperfect form and past future.

Key words: *future of the present form; past future forms; periphrastic form; sintetic form; have verb form.*

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	<i>Quadro demonstrativo das ocorrências de perífrases com gerúndio.....</i>	<i>54</i>
Tabela 2:	<i>Futuro do Presente – Todos os Períodos – Rodada Geral – Todas as variantes.....</i>	<i>65</i>
Tabela 3:	<i>Futuro do presente – Pesos Relativos da Perífrase em relação às demais variantes.....</i>	<i>66</i>
Tabela 4:	<i>Futuro do Presente – 1º Período – Rodada Geral - Todas as variantes.....</i>	<i>67</i>
Tabela 5:	<i>Futuro do Presente: 1º Período – Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com vou+inf., futuro do presente sintético e presente do indicativo.....</i>	<i>68</i>
Tabela 6:	<i>Futuro do Presente – 1º Período – Rodada Binária entre a perífrase com vou+inf. x futuro do presente sintético.....</i>	<i>68</i>
Tabela 7:	<i>Futuro do Presente – 2º Período – Rodada Geral - Todas as variantes.....</i>	<i>69</i>
Tabela 8:	<i>Futuro do Presente – 2º Período – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com vou+inf., futuro do presente sintético e presente do indicativo.....</i>	<i>70</i>
Tabela 9:	<i>Futuro do Presente – 2º Período – Rodada binária entre a perífrase com vou+inf. x futuro do presente sintético.....</i>	<i>70</i>
Tabela 10:	<i>Futuro do presente – 3º Período – Rodada Geral - Todas as variantes.....</i>	<i>71</i>
Tabela 11:	<i>Futuro do Presente – 3º Período – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com vou+inf., futuro do presente sintético e presente do indicativo.....</i>	<i>71</i>
Tabela 12:	<i>Futuro do Presente – Todos os Períodos – Rodada ternária entre as variantes vou+inf., futuro do presente e presente do indicativo.....</i>	<i>72</i>
Tabela 13:	<i>Futuro do Presente – 3º Período – Rodada binária entre a perífrase com vou+inf. x futuro do presente sintético.....</i>	<i>73</i>
Tabela 14:	<i>Futuro do Pretérito – 1º e 2º Períodos – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.....</i>	<i>74</i>
Tabela 15:	<i>Futuro do pretérito – Todos os Períodos – Pesos Relativos – Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.....</i>	<i>75</i>
Tabela 16:	<i>Futuro do Pretérito – 1º Período - Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.....</i>	<i>76</i>
Tabela 17:	<i>Futuro do pretérito – 1º Período – Pesos Relativos entre a perífrase com ia+inf. x futuro do pretérito sintético.....</i>	<i>76</i>
Tabela 18:	<i>Futuro do Pretérito – 2º Período - Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.....</i>	<i>77</i>
Tabela 19:	<i>Futuro do Pretérito – 2º Período - Rodada Binária entre a perífrase com ia+inf. x futuro do pretérito sintético.....</i>	<i>78</i>

Tabela 20:	<i>Futuro do Pretérito – 3º Período - Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito</i>	<i>79</i>
Tabela 21:	<i>Futuro do Pretérito – 3º Período - Rodada Binária entre a perífrase com ia+inf. x futuro do pretérito sintético.....</i>	<i>79</i>
Tabela 22:	<i>Futuro do Pretérito – Rodada Geral entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e os verbos modais devia e podia.....</i>	<i>80</i>
Tabela 23:	<i>Futuro do Presente – Contexto Oracional.....</i>	<i>81</i>
Tabela 24:	<i>Futuro do Pretérito – Contexto Oracional.....</i>	<i>82</i>
Tabela 25:	<i>Futuro do Presente – Número de Sílabas – Todas as variantes</i>	<i>83</i>
Tabela 26:	<i>Futuro do Pretérito– Número de Sílabas - Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito</i>	<i>84</i>

GRÁFICOS

Gráfico 1: <i>Futuro do Presente – 1º Período – Pesos Relativos – Todas as variantes</i>	80
Gráfico 1: <i>Futuro do Presente – 2º Período – Pesos Relativos – Todas as variantes</i>	81
Gráfico 3: <i>Futuro do Presente – 3º Período – Pesos Relativos – Todas as variantes</i>	85
Gráfico 4: <i>Futuro do Pretérito – 1º Período – Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito</i>	89
Gráfico 5: <i>Futuro do Pretérito – 2º Período – Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito</i>	90
Gráfico 6: <i>Futuro do Pretérito – 3º Período – Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito</i>	93
Gráfico 7: <i>Futuro do Presente – Contexto Oracional</i>	100
Gráfico 8: <i>Futuro do Pretérito – Contexto Oracional</i>	104
Gráfico 9: <i>Futuro do Presente – Número de Sílabas – Todas as variantes</i>	108
Gráfico 10: <i>Futuro do Presente – Número de Sílabas – Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com vou+inf., futuro do presente sintético e presente do indicativo</i>	111
Gráfico 11: <i>Futuro do Pretérito – Número de Sílabas – Rodada Ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito</i>	111

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 A EXPRESSÃO DO TEMPO NO PORTUGUÊS DO BRASIL.....	5
3 PARADIGMA VERBAL.....	12
3.1 O VERBO.....	12
3.1.1 O Modo.....	13
3.1.2 O Aspecto.....	15
3.2 OS USOS DAS FORMAS QUE EXPRIMEM O FUTURO DO PRESENTE E O FUTURO DO PRETÉRITO.....	18
3.2.1 O Futuro do Presente.....	20
3.2.2 O uso do presente do indicativo para expressar futuro.....	22
3.2.3 O Futuro do Pretérito.....	24
3.2.4 O uso do pretérito imperfeito para expressar futuro do pretérito.....	27
3.2.5 O uso das perífrases para expressar futuro.....	29
3.2.5.1 <i>A perífrase com o verbo ir.....</i>	<i>29</i>
3.2.5.2 <i>A perífrase com o verbo haver.....</i>	<i>35</i>
3.3 A NOÇÃO DE GRAMATICALIZAÇÃO.....	39
3.4 A MUDANÇA E A VARIAÇÃO: a relação com o texto escrito.....	45
4 METODOLOGIA	50
4.1 DELIMITAÇÃO DOS CORPUS.....	50
4.2 A COMPOSIÇÃO DO CORPUS.....	52
4.2.1 Os casos com o verbo haver.....	52
4.2.2 Problemas e restrições.....	53
4.3 A DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL.....	59
4.4 O CONTEXTO ORACIONAL.....	60
4.5 O NÚMERO DE SÍLABAS.....	64
5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	65
5.1 O FUTURO DO PRESENTE.....	65
5.1.1 1º Período.....	66
5.1.2 2º Período.....	69
5.1.3 3º Período.....	71
5.2 O FUTURO DO PRETÉRITO.....	73
5.2.1 1º Período.....	75
5.2.2 2º Período.....	77
5.2.3 3º Período.....	78
5.3 O CONTEXTO ORACIONAL.....	81
5.3.1 O Futuro do Presente.....	81
5.3.2 O Futuro do Pretérito.....	82
5.4 O NÚMERO DE SÍLABAS.....	83
5.4.1 O Futuro do Presente.....	83
5.4.2 O Futuro do Pretérito.....	84
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	85
6.1. O FUTURO DO PRESENTE.....	85

6.2 O FUTURO DO PRETÉRITO.....	95
6.3 O CONTEXTO ORACIONAL.....	107
6.4 O NÚMERO DE SÍLABAS.....	116
6.4.1 Futuro do Presente.....	116
6.4.2 Futuro do Pretérito.....	118
7 CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	127

1 INTRODUÇÃO

O estudo sobre a representação do tempo futuro na linguagem tem merecido a atenção de muitos autores, em função da problemática que é tentar descrever de que forma esta representação acontece no português do Brasil, doravante tratado como PB. Em função disso, entendeu-se ser relevante um estudo mais aprofundado sobre a representação dos tempos verbais no PB, mais especificamente sobre a expressão do futuro.

Para isso, foi realizada uma análise da representação do tempo futuro, cujo *cópus*¹ foi composto a partir da linguagem de narrativas literárias ficcionais da segunda metade do século XIX e do século XX, dividido em três períodos, entre os quais estão 13 romances, 1 livro de contos e 1 coletânea de textos (do autor Paulo Coelho, publicados no jornal *A Folha de São Paulo*, no ano de 1995). As obras estão delimitadas em um período de pouco mais de 150 anos,

A intenção foi registrar as ocorrências de uso do futuro do presente do indicativo e do futuro do pretérito simples, em comparação às formas perifrásticas, mais especificamente, as formadas com o verbo *ir* mais verbo no infinitivo e com o verbo *haver*. As formas verbais do presente do indicativo e do pretérito imperfeito também foram analisadas, quando dentro de um contexto semântico que expressasse ideia de futuro do presente e futuro do pretérito, respectivamente.

Adotou-se uma perspectiva variacionista, fundamentada nas ideias de Weinrich, Labov e Herzog (2006), sobre variação e mudança linguística. Outros trabalhos de Labov também serviram como base teórica, considerando-se que foi realizada uma pesquisa quantitativa para este trabalho, com uma análise em tempo real de curta duração. O ponto de vista teórico privilegia as ideias da Gramaticalização, conforme Hopper e Traugott (1993) e, nesse sentido, o enfoque é funcionalista e variacionista.

Foram adotadas duas variáveis dependentes: a primeira variável é o futuro do presente do indicativo e a segunda é o futuro do pretérito.

¹ Neste trabalho adotou-se a palavra *cópus* com acento, em conformidade com o uso sugerido e defendido por Menon, quando professora do mestrado em Linguística, na UFPR.

Quanto às variáveis independentes, selecionaram-se o contexto sintático e o número de sílabas das formas sintéticas.

Tomou-se por pressuposto ser a escrita uma representação na qual há uma maior formalidade quanto ao uso da língua, por ser uma linguagem mais elaborada. Considerou-se, ainda, que a representação escrita é uma expressão muito mais conservadora da língua, ou seja, é uma linguagem na qual as variações demoram mais a acontecer e na qual os reflexos da língua oral acontecem de forma muito mais lenta. Sendo assim, quando tais variações já podem ser encontradas em textos escritos, como é o caso da perífrase com *ir+inf.*, seria um sinal de que estas formas já estão ocorrendo há muito tempo na língua oral.

O principal objetivo desta pesquisa é o de saber se é possível verificar uma mudança em curso quanto à expressão do futuro, especificamente em relação ao futuro simples e a forma perifrástica, nos textos selecionados. Outros objetivos também a nortearam. São eles:

- 1. verificar, no caso dos textos literários, se é possível perceber o quanto os casos de uso da perífrase formada com *ir+inf.*, no presente do indicativo, estão se equiparando à forma sintética do futuro do presente;**
- 2. analisar, com base nos resultados obtidos pela pesquisa, se esta concorrência entre as formas citadas pode ser identificada por período;**
- 3. registrar as ocorrências com o verbo *haver* em perífrase, para estabelecer sua variação entre as formas de expressão de futuro;**
- 4. identificar as orações em que ocorrem as expressões do futuro, para uma análise de contexto e para se estabelecer se algum tipo de oração pode favorecer alguma variável, em particular;**
- 5. determinar se o número de sílabas dos verbos na forma sintética de futuro do presente ou do pretérito, influencia o favorecimento da forma sintética ou perifrástica;**
- 6. determinar a frequência das ocorrências da perífrase com *ia+inf.*;**
- 7. verificar se a perífrase do futuro do pretérito acontece nos mesmos contextos desencadeadores que a formada no presente do indicativo; e**
- 8. comparar as duas formas, *vou+inf* e *ia+inf.*, para se estabelecer similaridades e discrepâncias.**

Pode-se afirmar que as hipóteses que determinaram esta pesquisa referem-se ao fato de a perífrase verbal, formada com o verbo *ir*, mais especificamente, já fazer parte da língua há bastante tempo. Entretanto, diferentes perífrases expressaram o futuro durante esse tempo. Em princípio, conforme será visto mais adiante, a perífrase com o *haver + de + inf.*, é que concorreu com o futuro simples. Depois essa perífrase perdeu espaço para a formada com o *ir+inf.*, e foi ela que passou a concorrer com os verbos na forma sintética do futuro do presente.

Com base nessas afirmativas partiu-se da premissa que as perífrases, em especial a formada com o verbo *ir + inf.*, iniciaram um lento processo de concorrência com a forma sintética do futuro e, ao longo de cada período estudado, esse processo foi se incrementando, até chegar ao ponto de a perífrase poder substituir a forma sintética, principalmente a do futuro do presente do indicativo. O mesmo pode ser aplicado à perífrase formada com *ia + inf.*, para expressar o futuro do pretérito.

Acredita-se que a perífrase com *ia+inf.*, também vem ocupando espaço na língua e, ao que parece, está iniciando o mesmo processo de concorrência com a forma sintética do futuro do pretérito, que a perífrase com o futuro do presente.

Tanto a perífrase formada com *ia+inf.*, quanto a forma sintética do pretérito imperfeito, já aparecem em algumas gramáticas, como a de Pereira (1950), ou Cunha e Cintra (1985), como uma das formas de representação do futuro do pretérito. Porém, há restrições de traços de significação inerentes aos itens lexicais (questão que será investigada neste trabalho) que a impede de avançar da mesma forma que a perífrase no presente do indicativo.

Quanto ao contexto sintático, este foi considerado importante por se acreditar que alguns tipos de orações possibilitariam algumas formas de futuro.

Em relação ao número de sílabas, estas parecem interferir no uso, ou da forma perifrástica, ou da forma sintética de futuro. Entende-se que, quanto maior o número de sílabas de uma forma verbal, maior será a utilização da perífrase, por razões tanto de nível fonológico como de nível lexical. Por exemplo, as formas como *tagarelarei*, ou *quererei*, tendem a ser substituídas, normalmente, pela forma perifrástica: *vou tagarelar*, *vou querer* e é nesse sentido que o número de sílabas parece favorecer a forma perifrástica.

Este trabalho está dividido em 7 seções, considerando-se a Introdução como a primeira.

Na segunda seção trabalha-se a expressão do tempo no PB. Há, também, uma exposição sobre o tratamento dado à expressão do tempo em algumas gramáticas tradicionais.

A terceira seção realiza uma investigação sobre o paradigma verbal, a princípio de forma genérica para, em seguida, dar-se maior atenção à representação do tempo futuro, no PB. Nesta seção é tratado o verbo como expressão de tempo, modo e aspecto. Também são vistas as formas que exprimem o futuro do presente e do pretérito, como o uso das formas sintéticas, o presente e o pretérito imperfeito e as perífrases com *ir* e com *haver*.

Foi feita, ainda, uma análise sobre o processo de gramaticalização do verbo *ir*, como verbo auxiliar para representação de futuro e breves considerações sobre a ideia de mudança e variação.

A quarta seção foi dedicada à metodologia e nela há uma apresentação detalhada dos procedimentos adotados para a pesquisa. Nela, são retomados os objetivos e os pressupostos que nortearam este estudo para, a partir disso, discutir-se o levantamento do *cópus* e a explicação sobre as variáveis estudadas.

Na apresentação dos resultados, quinta seção desta dissertação, estão apresentadas as tabelas que incluem as porcentagens do levantamento dos dados e os pesos relativos de cada variável em relação ao *cópus* adotado. Nela, como em todo o presente trabalho, há uma divisão entre o estudo do futuro do presente e o futuro do pretérito, como forma de tratar questões específicas a cada tempo verbal. Entretanto, ainda que se tenha tratado as duas formas de representar o futuro, isto é – futuro do presente e futuro do pretérito – como variáveis distintas, houve a preocupação de se fazer comparações e análises, em relação as suas semelhanças e discrepâncias, no que se refere à expressão de tempo.

A sexta seção constitui-se da análise dos resultados apresentados e a última seção é a conclusão.

2 A EXPRESSÃO DO TEMPO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

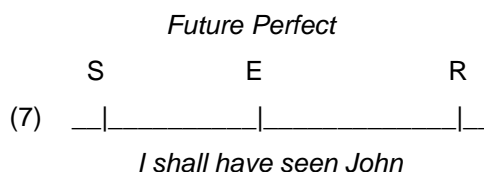
Soares Barbosa (1822, p. 203), ao fazer uma explicação do que seria o tempo na linguagem, o faz considerando o momento da fala, isto é, a localização temporal dos eventos tem relação com acontecer antes, durante ou após este momento. Além disso, o autor tem uma grande preocupação quanto à duração dos tempos, que pode ser continuada ou acabada.

Ele define tempo como: “uma parte da duração ou existência, quer continuada da mesma coisa, quer sucessiva de muitas, que se seguem umas as outras.” Havendo uma sucessão continuada e não interrompida de eventos, os tempos serão relativos a uma época arbitrária, fixa e para dela se proceder uma comparação de um espaço anterior e de outro posterior. Para o autor, há verdadeiramente três tempos: o presente, que é o momento da fala; o pretérito, que é tudo aquilo que precedeu o momento da fala; e o futuro que é tudo o que virá, após o momento da fala. Ao continuar, ele cita que ao se tratar da duração dos diferentes tempos, há dois modos a serem considerados: os que são continuados, ou não acabados, e os não continuados e acabados.

Esta noção de tempo continuou prevalecendo e ainda é adotada, embora tenha sofrido algumas adequações.

O físico Reichenbach (2004, p. 526-533), por exemplo, em seu artigo “*The Tenses of Verbs*” analisou a expressão da temporalidade nos verbos. Ele representa o tempo na linguagem através de uma concepção linear, na qual estariam localizados três pontos que dariam uma representação do tempo na fala: *the point of speech*, ou o momento da fala; *the point of the event*, o ponto do evento; e *the point of the reference* ou o ponto de referência

Através desta representação, Reinchenbach explica que há o momento em que o falante produz um enunciado, o momento da fala, há o momento da ocorrência do evento, que poderá ser antes do momento da fala, simultâneo ou posterior a ele. Quanto ao ponto de referência, este representaria os momentos que servem de base para o momento do evento, em relação a um outro momento, que não o da enunciação do falante. A representação dada pelo autor, acontece através de uma linha, na qual estarão representação os três momentos. Em relação ao tempo futuro, esta representação ficaria:



No exemplo (7)², de Reinchenbach (2004, p. 527), “S” representa o momento da fala (*point of speech*), “E” o momento do evento (*point of the event*) e “R” o ponto de referência (*point of reference*). Nesta representação observa-se que o evento aparece após o momento da fala, e R representaria um ponto posterior a este momento, significando que não há um momento certo, absoluto do quando alguém terá visto John, mas que isto ocorrerá após o momento da enunciação.

Verifica-se que a proposta de Reinchenbach, para a representação do tempo, acontece através de uma noção metafórica, que remete à ideia de espaço, no qual os eventos podem aparecer antes, durante ou depois do momento da fala. Esta proposta foi largamente aceita pelos linguistas quanto a representação da expressão de tempo e válida para a análise adotada nesta dissertação.

Pontes (1990 p. 8) desenvolveu esse conceito, explicando a maneira como o espaço e o tempo são representados e demonstrando quais elementos auxiliam na construção da ideia de tempo na língua portuguesa e examinando a maneira como as preposições, os advérbios de lugar, os pronomes demonstrativos e as locuções adverbiais a representam. Através de uma perspectiva semântica, ela apresenta uma concepção de tempo relacionada à ideia de espaço:

O que acontece é que é a nossa concepção de tempo se constrói em cima do conceito de espaço. Nós concebemos o tempo como se ele fosse igual ao espaço. Como tempo é um conceito abstrato, nós o tornamos mais concreto, nós o vemos como se fosse outra coisa, neste caso, espaço. Esta é a essência da concepção de metáfora; ou seja, pensar uma coisa em termos de outra. (p. 71)

Pontes também relaciona a concepção de tempo como uma linha na qual os acontecimentos ocorrem em relação ao “antes” e “depois” do momento da fala e na qual os próprios acontecimentos seriam os marcadores de tempo.

² *I shall have seen John*, que em português significa “*Vou ter visto John*”, ou “*Terei visto John*”.

Já para Costa (2002, p.17), o tempo é uma categoria que marca na língua (através de lexemas, de morfemas, de perífrases) a posição que os fatos ocupam no tempo, “tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação”. Segundo a autora, “É, assim, uma categoria dêitica, como a Pessoa.” Esse ponto de vista do tempo, como categoria dêitica, faz-se importante na análise da linguagem literária, por exemplo, uma vez que esse tipo de linguagem apresenta um contexto temporal que lhe é próprio e intrínseco. Este contexto revela uma relação temporal que se mistura à narrativa e a transcende, impossibilitando uma simples interpretação morfológica dos lexemas verbais.

Os textos escritos ou literários têm o momento da fala mais explicitado nos diálogos ou nas narrativas nas quais o narrador “se comunica” com o leitor. Sendo assim, o eixo temporal dêitico se estabelece em relação ao próprio texto e ao contexto textual, no qual é possível trabalhar-se com a proposta de linha temporal, onde se inserem passado, presente e futuro.

Costa (2002) utiliza a classificação apresentada por Lyons³ (1980:74), na qual o tempo é representado nas línguas em um nível semântico, através do que ele denomina de entidades, que são de primeira, segunda e terceira ordem.

As entidades de primeira ordem são os objetos físicos, tais como, prioritariamente, os seres humanos, depois os animais e, finalmente, os seres inanimados. Na linguagem estas entidades são privilegiadas, uma vez que na estrutura sintática ocupam, na maioria dos casos, a primeira posição na sentença. As entidades de terceira ordem são as de tipo abstrato. Não cabe aqui um aprofundamento maior sobre estas duas entidades. São as chamadas entidades de segunda ordem que interessam ao presente trabalho.

As entidades de segunda ordem são os acontecimentos, os processos, os estados e outros tipos de ocorrências que podem ser localizados no tempo.

De acordo com os autores acima, os verbos não são itens lexicais com significados estanques. Dependendo de sua morfologia e da estrutura sintagmática, eles podem expressar modo, aspecto e tempo.

³ LYONS, **John. Introdução à Linguística Teórica.** [Introduction to Theoretical Linguistics]. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Hélio Pimentel. São Paulo, Cia. Editora Nacional/EDUSP, 1979. (Biblioteca Universitária, série 5ª. – Letras e Linguística, 13).

Essa mesma ideia pode ser encontrada no artigo denominado “*Variação nas Categorias Verbais de Tempo e Modo na Fala de Florianópolis*”, de Görski *et alii*. (2002, p. 223). As autoras iniciam sua explanação sobre os tempos verbais, explicando que, no funcionamento do discurso, o tempo não é expresso somente através da flexão verbal. Ele apresenta, conforme elas sugerem, uma configuração temporal complexa, que envolve o momento da fala, o momento da situação e um ponto de referência (Conforme modelo proposto por Reinchenbach). Este ponto de referência diz respeito a uma representação temporal mensurada através de uma linha. Nesta linha, o futuro fica representado à direita de um ponto de referência e o passado à esquerda desse ponto de referência, configurados pelo momento da fala (tido como eixo temporal dêitico ou ponto zero), podendo ser considerados como absolutos, dêiticos ou primários (é o caso do pretérito perfeito, do presente e do futuro do presente, respectivamente, anterior, simultâneo e posterior ao momento da fala).

Com base no que foi visto até aqui, a análise das formas de representação do tempo na língua, em especial no PB, demonstra que, apesar das diferentes nomenclaturas, a noção de tempo está ancorada a dois conceitos que lhe são fundamentais: o espaço e os eventos. Torna-se importante, então, trabalhar melhor a ideia dos eventos e a representação do tempo.

Para Corôa (2005 p. 33) “são os verbos que mais comumente, tanto nas gramáticas quanto na consciência do falante, aparecem com a tarefa de situar no Tempo o processo da comunicação”. Ela cita dois autores alemães para explicar melhor a relação entre o tempo e o verbo:

“BAUMGÄRTNER & WUNDERLICH (*apud* Corôa, 2005, p. 33) dizem que: ‘tempo da fala é o intervalo de tempo, de cada oração no ato da comunicação, não é um período concreto de tempo, mas uma classe temporal; o tempo da ação é um intervalo de tempo do ato verbal, ou seja, o intervalo de tempo que se atribui ao referente de um verbo; o tempo da referência é um intervalo de tempo da contemplação do ato verbal pelo falante que transmite esta perspectiva ao ouvinte.’”⁴

⁴ BAUMGÄRTNER, K. & WUNDERLICH, D. **Ansatz zur einer Semantik des deutschen Tempussystem.** Wirkendes Wort, Beiheft 20 (1969), Dusseldorf, pp. 23-49

Essa explicação aplica-se tanto à teoria de Reichenbach, como mostra também, o verbo como expressão de tempo, um tempo constituído através da linguagem. Neste caso, o estudo fica vinculado ao momento da enunciação, ao discurso e o processo de comunicação. Porém, o aspecto mais importante a ser considerado é em relação à ideia do tempo aliada às teorias nas quais ele, como objeto de estudo linguístico, é tratado como uma sucessão de eventos e que são estes eventos que significam e marcam o tempo na enunciação.

Em seguida a autora introduz o conceito da teoria do *tempo relacional*, fundamentado nas ideias de Aristóteles. Segundo ela, esta teoria tem somente um objeto irreduzível, que seriam os eventos. Nesta teoria não há a existência da entidade chamada tempo, uma vez que o tempo seria constituído a partir dos eventos e suas relações. Sua validade, para uma perspectiva linguística, está no tratamento dado à sucessão dos eventos, considerando-se que na linguagem não é possível perceber ou representar uma entidade chamada tempo, a não ser por uma concepção metafórica para sua descrição (como o caso do uso da concepção de tempo estar construída em cima do conceito de espaço), ou através de códigos adotados para a expressão temporal, como, por exemplo, o uso dos calendários.

Nessas teorias, há um elemento comum para explicar a noção de tempo:

Não faz sentido, portanto, falar de momentos em que nenhum evento ocorre, pois aqueles são definidos a partir destes. O tempo é a ordem das coisas não contemporâneas e todos os elementos podem ser ordenados pela relação de contemporaneidade (coexistência) ou anterioridade/posterioridade temporal (sucessão). (p.27)

É a sucessão de eventos e a sua relação com a anterioridade e posterioridade ao momento da fala que parecem melhor explicar a relação do tempo expressa pelos falantes. E os eventos seriam os fatos a serem projetados em relação à anterioridade e à posterioridade.

Em se tratando dos textos ficcionais, este conceito parece muito apropriado, pois nele a narrativa é atemporal, isto é, ela permanece contextualizada, podendo ser lida e compreendida em qualquer época, independente da época de sua produção, e o tempo é uma sucessão de eventos, transmitidos através da percepção de mundo real do autor que contemporiza a narrativa.

Portanto há duas noções que parecem determinar o estudo da representação do tempo na linguística e que foram considerados relevantes para esta dissertação: uma é a noção do tempo linear e a outra é a noção do tempo baseada na sucessão dos eventos.

Há, porém, uma outra noção que mereceu atenção: Ilari (2001, p.36) compreende que um estudo adequado da expressão linguística do tempo, em português, deveria partir da descrição das expressões e construções gramaticais que o indicam, com a interpretação das sentenças em que ocorrem.

Para o autor, todo predicado comporta um “esquema temporal subjacente”. Esta é uma constatação fácil de se verificar ao se pensar que alguns processos, como *correr* e *ler*, podem durar indefinidamente, pois não têm limite imposto pela natureza da ação, enquanto que *correr os quatrocentos metros rasos* ou *ler Guerra e Paz* têm um limite intrínseco e só duram até seu complemento natural. Além disso, a questão não estaria na definição do tempo, mas no estudo das expressões e construções que o indicam e, conseqüentemente, o significam. É possível estabelecer, segundo Ilari, três processos sobre a duração do tempo subjacente do verbo, que ele classificou como:

- processos pontuais;
- processos duráveis, que evocam a ideia de “tempo gasto”, “tempo empregado”;
- e processos duráveis que evocam a ideia de “tempo escoado” e, entre esses últimos, os que indicam estados (como “ser brasileiro”) e os que indicam atividade (como “correr”, “ler”). (p. 39)

Para o autor, o PB não possui uma conjugação própria para indicar o processo durativo. Para essa função existem os adjuntos que qualificariam a duração do processo e de auxiliares que veiculam (possivelmente entre outras) a ideia de duração.

O verbo *ir*, então, se encaixaria no denominado “processo durável”, por remeter a um processo homogêneo, isto é, quem vai a algum lugar durante o dia, o faz a cada minuto do tempo que levou para chegar ao lugar pretendido, em um processo de ir. Diferente de quem faz um trabalho durante a semana, que não o faz a cada minuto da semana, mas em momentos estanques. Sendo assim, o processo durável é intrínseco ao verbo *ir* e é este processo que o relaciona à ideia de futuro, especialmente, quando usado como auxiliar.

Ao se pensar nas formas de se expressar o tempo futuro, é necessário estabelecer de que maneira e em que contexto elas são utilizadas e estabelecer parâmetros sobre quando algo ocorrerá, em relação ao momento da enunciação⁵, isto é, se antes, durante ou depois de seu enunciado.

Nesse trabalho, iniciou-se a investigação a partir da ideia da sucessão de eventos, conforme proposição de Corôa (2005, p. 26), que ocorrem antes, durante ou após o momento da enunciação, ou momento da fala. Isso porque se entendeu que, em se tratando de textos escritos, o tempo é algo concebido dentro da linguagem.

⁵ Toma-se aqui, como enunciação, o conceito proposto pelo Dicionário linguagem e linguística (TRASK, 2004, p.92): Enunciação: um fragmento de fala específico, produzido por um indivíduo específico numa ocasião específica. Em linguística, uma sentença é um objeto linguístico abstrato que constitui uma parte do conjunto de recursos expressivos de uma determinada língua. Portanto, quando falamos, não produzimos propriamente sentenças: produzimos, sim, enunciados.

3 O PARADIGMA VERBAL

A ideia de tempo, com base nos autores vistos, está vinculada à ideia dos elementos que o representariam. Isto é, na linguagem, o tempo está relacionado a elementos linguísticos e a categorias linguísticas que o descrevem. Entre esses elementos estão as preposições, os advérbios, as conjunções e, principalmente, os verbos. É o verbo o melhor representante da expressão de tempo, pelo menos na língua portuguesa e é preciso recorrer-se ao estudo deste item lexical para entender como essa representação acontece.

3.1 O VERBO

Conforme Corôa (2005 p. 33), são os verbos os melhores representantes da expressão do tempo no PB, o que os torna merecedores de um estudo mais detalhado. Pelo menos no que diz respeito ao paradigma da conjugação verbal para representar tempo, uma vez que a maior parte das gramáticas tradicionais atuais, conforme Menon (2003, p. 2), sequer citam os auxiliares modais e aspectuais, por exemplo, como parte deste paradigma.

Soares Barbosa (1822, p. 192), em sua *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, define:

O verbo he huma parte conjunctiva do discurso, a qual serve para atar o attributo da proposição com o seu sujeito de baixo de todas suas relações pesoaes e numeraes, enunciando por diferentes modos a coexistencia e identidade de hum com outro por ordem aos diferentes tempos, e maneiras de existir.

Para o autor, o verbo teria uma significação primária e principal, que é a de existência. É o verbo *ser* um verbo substantivo por excelência, por ser de uma necessidade indispensável na oração. Os demais verbos são conceituados como verbos adjetivos, por exprimirem a coexistência de dois termos (um verbo substantivo e outro verbo adjetivo) da proposição com seus modos, tempos, pessoas e números, e porque eles estão sempre relacionados com o verbo substantivo. E são os verbos auxiliares que contribuem com o verbo *ser* para construir todas as formas compostas e são eles que ajudam o verbo substantivo a

expressar os diferentes modos de existência (começada, continuada, ou acabada) em que se pode considerar qualquer objeto ou ação.

O autor não visualiza o verbo *ser* como palavra, mas como representação do ser na linguagem. A partir disso, ele construiu a ideia do que seriam os verbos auxiliares: eles são os que ajudam a construir a significação de outro verbo, ou seja, o principal. A importância desta conceituação está no fato de o autor não só explicitar o papel dos verbos auxiliares como elementos importantes, mas, também, por auxiliarem na construção da ideia de tempo.

Soares Barbosa cita, a princípio, como verbos auxiliares, os verbos *haver*, *estar* e *ter*. Em seguida, ele cita outros três, que são o verbo *andar*, o verbo *vir* e o verbo *ir*. Estes, além de exprimirem os diferentes estados da existência, exprimem também os três diferentes modos de ação e movimento, indicando a duração de uma ação. Estes verbos, por sua natureza de “movimento”, podem exprimir um movimento reiterado e frequente da ação – *ando* ou *vou escrevendo* -, correspondendo aos verbos frequentativos latinos; ou uma ideia de pretérito próximo – *venho de escrever* (não mais usado, atualmente). Estes seriam, para ele, auxiliares de verbos adjetivos, isto é, os “indeclináveis”, já que os verbos adjetivos teriam se originado nos ablativos dos participios latinos e por serem adjetivos, não aparecem na conjugação regular. Ele explica que os verbos auxiliares não têm a mesma acepção que têm em sua forma primitiva, como verbos ativos, transitivos ou intransitivos.

3.1.1 O Modo

Soares Barbosa (1822, p. 200) define Modo como a maneira de enunciar a existência, ou seja, de forma simples ou vaga (*ser amante*); direta e afirmativa (*sou amante*); ou indireta e dependente (*for amante*); e às diferentes maneiras de enunciar a coexistência do atributo no sujeito da proposição. Para Soares Barbosa o *modo* tem uma relação intrínseca com a sintaxe, isto é, as espécies de orações. Para ele, existem as orações Principais, as Subordinadas e as Regidas, que são as que servem de complemento aos verbos e às proposições.

Na classificação deste autor existem três Modos: o Infinito, o Indicativo e o Subjuntivo. No modo Indicativo estariam inclusos o Imperativo e o Condicional. Ele

apresenta o modo indicativo como pertinente a todos os tempos, isto é, existem no modo indicativo três presentes, cinco pretéritos e dois futuros.

Em gramáticas mais antigas do século XX, como a de Eduardo Carlos Pereira (1950, p. 123), publicada originalmente em 1926, por exemplo, são apresentados cinco modos:

- 1) O INDICATIVO, que enuncia o fato verbal de modo positivo e categórico, p. ex.: *estudo, estudarei, tenho estudado.*
- 2) O CONDICIONAL, que enuncia o fato sob a dependência de uma condição, p. ex.: *Eu estudaria se pudesse.*
- 3) O IMPERATIVO, que enuncia o fato com império, exortação ou súplica, p. ex.: *Sai daqui. – Sê forte. – Ouvi-me vós, que sois meus amigos.*
- 4) O CONJUNTIVO OU SUBJUNTIVO, que enuncia o fato verbal de um modo subordinado a algum verbo a que se junta para formar sentido perfeito, p. ex.: *Eu desejo que escrevas. – Eu queria que estudasses.*
- 5) O INFINITIVO OU INFINITO, que enuncia o fato verbal de um modo vago, indefinido, indeterminado, p. ex.: *Viver é lutar.*

Para Mattoso Câmara (1970, p. 99) a noção gramatical de tempo aparece, no seu desdobramento plano, no modo indicativo. Isso porque, no subjuntivo e no imperativo há, pelo falante, uma tomada de posição subjetiva, sendo que o subjuntivo tem a característica sintática de ser uma forma verbal dependente de uma palavra que o domina, como um advérbio, por exemplo; o imperativo tem, somente, uma “assinalização”, isto é, uma característica subjetiva, mas não sintática dependente, e o indicativo não tem nem uma nem outra e, por isso, foi descrito por Câmara, como tendo um desdobramento plano.

Conforme o autor, há no indicativo do PB dois sistemas verbais possíveis, um exclusivo do outro e que dependem de formas específicas, marcadas para o futuro.

O primeiro sistema é o utilizado na língua oral e opõe entre si um presente e um pretérito (Câmara cita a oposição presente e pretérito, porém, não é sobre essa ideia que discorre em seguida, naquele texto.). O segundo sistema superpõe-se à oposição presente – pretérito, cuja base é a noção de futuro.

Já as gramáticas mais recentes, como a de Celso Cunha (1980, p. 368), apresentam somente três modos: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo.

Nesta gramática, o verbo é uma palavra com forma variável que exprime o que se passa, ou seja, que representa um evento representado no tempo (p. 367). Segundo este autor, o verbo adquire diferentes formas para expressar certeza, dúvida, suposição, etc., e a isso se denomina modo verbal. Quanto ao tempo, ele é

representado pelo momento em que se dá o fato expresso pelo verbo, através da flexão verbal de tempo.

3.1.2 O Aspecto

Entre os gramáticos pesquisados há, normalmente, uma explicação sobre o caráter *imperfectivo* e *perfectivo* dos tempos verbais. Poucos são os que tratam o *aspecto* como categoria verbal

Mattoso Câmara (1959, p. 166) expõe o aspecto como uma categoria verbal que apresenta um processo, isto é, a ideia de uma duração intrínseca apresentada pelos verbos. Sendo assim, há verbos que apresentam um caráter de princípio, ou de uma ação iniciada. Outros, indicam um caráter de processo e há aqueles que apresentam um caráter cessativo, por exemplo.

Em vista disto, o autor criou uma esquematização teórica dos diversos tipos de aspectos que podem existir em uma conjugação verbal, o que resultou em uma classificação dos tipos de verbos, apresentados como:

Aspecto pontual ou momentâneo:	assinala um processo realizado de maneira súbita e instantânea;
Aspecto durativo:	frisa a duração do processo, o qual pode intensificar-se cada vez mais (progressivo), ou desenrolar-se simplesmente (cursivo), ou repetir-se por uma série de processos pontuais (frequentativo ou iterativo);
Aspecto permansivo:	o processo é apresentado como persistente em seus efeitos, à maneira de coisa adquirida;
Aspecto inceptivo:	apenas marca o princípio de um processo;
Aspecto cessativo ou conclusivo:	que marca ao contrário o fim e o
Aspecto resultativo:	registra os resultados de um processo realizado

Entretanto, para Câmara, o aspecto funciona subsidiariamente em português. Há um recurso, que é o uso das formas compostas ou perifrásticas, nas quais o verbo auxiliar se combina com uma determinada forma verbal para expressar um tipo de aspecto, indicando, simultaneamente, o tempo e o modo.

Para Cunha e Cintra (1985, p. 370) a categoria aspecto é a forma pela qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo, isto é, se é uma ação concluída, perceptível no seu término ou no seu resultado, ou se não concluída, na qual se observa a sua duração ou repetição. Segundo eles, este conceito foi aprofundado por alguns estudiosos, que consideram o valor semântico intrínseco do verbo e sua relação com contexto, como no exemplo a seguir:

João começou a comer
 João continua a comer
 João acabou de comer. (p. 370)

Nos exemplos dados pelos autores, é o próprio significado dos auxiliares que transmite ao contexto os sentidos de incoativo (princípio), permansivo e conclusivo. Com base nisso, os autores elaboraram uma classificação para os tipos de aspecto verbal que, embora assumam uma nomenclatura um pouco diferente da de Mattoso Câmara, ainda mantém uma mesma relação de significados. Tal classificação pode ser entendida como:

Aspecto pontual ou aspecto durativo:	<i>Nesse caso a oposição aspectual se dá pela maior ou menor extensão de tempo da ação verbal;</i>
Aspecto contínuo e aspecto descontínuo:	<i>é a oposição entre o processo de desenvolvimento da ação; e</i>
Aspecto incoativo e aspecto conclusivo:	<i>o primeiro exprime a fase inicial da ação e o segundo, um caráter final, ou conclusivo da ação verbal.</i>

Cunha e Cintra também trataram das formas perifrásticas cujos auxiliares dão ideia de movimento, como as formadas com os verbos auxiliares *andar*, *vir*, *viver*, etc. Todavia, eles não fazem alusão ao verbo *ir*, que também indica ideia de movimento.

Já Bechara (2004, p.213) adota a nomenclatura e explicações de Eugenio Coseriu,⁶ para trabalhar com a ideia de aspecto. Ele cita as subcategorias dadas por aquele autor, como o nível temporal, a perspectiva primária e a secundária e a duração da ação verbal, etc., para trabalhar a ideia de aspecto verbal. Embora a nomenclatura adotada seja diferente dos autores citados anteriormente, a ideia da ação intrínseca do verbo, como cursiva, durativa, etc., expressa por Coseriu e citada pelo autor, permanece a mesma.

Neste momento, é importante que se faça uma conceituação entre a diferença do que seriam os chamados aspecto lexical e aspecto gramatical do verbo. Para isso tomou-se por base um artigo de Wachowicz e Foltran (2006), no qual as autoras adotam a perspectiva de Vendler.

Vendler (*apud* Wachowicz e Foltran, 2006, p. 212)⁷ desenvolveu a mais utilizada divisão das chamadas classes acionais pela linguística. Para ele um item lexical verbal pressupõe e envolve uma noção de tempo, isto é, as expressões verbais realizam diferentes esquemas de tempo, depreendidos na seguinte divisão: estado, atividade, *accomplishment* e *achievements*. Para o autor, os verbos predicam de um esquema de tempo constituído por meio deles, o que significa que eles expressam um significado que vai além do item lexical. Isso caracterizaria o chamado aspecto lexical do verbo. O verbo *ir*, como verbo pleno, pode ser caracterizado como um verbo *achievements*, pois se desenvolve no tempo para um ponto final determinado. No entanto, ao desempenhar a função de auxiliar, o verbo *ir*, acompanhado de um verbo no infinitivo, transferirá esta característica de movimento ao verbo pleno, que passará a expressar a ideia de futuridade. A partir disso ele deixa de ter somente um aspecto lexical e passa a desempenhar um aspecto gramatical. Conforme as autoras, o aspecto gramatical vai além das informações lexicais:

Logo, as informações lexicais estão para as classes acionais dos verbos e aos traços [+ télico]⁸ do VP, ou para o aspecto lexical, assim como a morfologia verbal está para as leituras perfectiva vs. imperfectiva, ou para o aspecto gramatical. (p.223)

⁶ O texto não esclarece a qual das obras citadas nas referências bibliográficas pertence o assunto tratado.

⁷ VENDLER, Z. (1967). **Linguistics in Philosophy**. Ithaca, NY: Cornell.

⁸ A noção de télico refere-se à ideia de um chamado ponto de culminação ou ponto final determinado.

Sendo assim, o verbo *ir* como verbo pleno expressaria o aspecto lexical, na medida que sozinho, denota uma noção de movimento que lhe é intrínseca. Porém, ao constituir uma perífrase, ele passa a adquirir um aspecto gramatical, uma vez que unido a um verbo pleno, ambos adquirem um novo significado, expressando tempo e modo.

O estudo do paradigma verbal e da expressão do tempo nas flexões verbais mostra-se profícuo e bastante abrangente. Nesta dissertação, interessam as formas como o verbo representa a expressão do tempo, ou seja, a conjugação dos verbos simples, compostos e as perífrases. O Modo e o Aspecto, conforme visto, também são imprescindíveis neste estudo, uma vez que deles dependerá a escolha que o falante fará de uma determinada forma verbal.

3.2 OS USOS DAS FORMAS QUE EXPRIMEM O FUTURO DO PRESENTE E O FUTURO DO PRETÉRITO

Mattos e Silva (2006, p.118), ao trabalhar com o português arcaico⁹ trata da passagem do verbo do latim para o português e explica que foi no início do século XIII que o português apareceu documentado. Entretanto, quando apareceu, as profundas reestruturações sofridas no sistema modo-temporal do verbo latino já haviam acontecido.

Foi no Império Romano, que tais reestruturações ocorreram no latim corrente originando os sistemas verbais românicos, entre eles o português.

Nesse sistema, a categoria aspecto não é morfologicamente marcada, restando somente a oposição entre perfeito e imperfeito.

Tendo desaparecido os futuros *perfectivo* e *imperfectivo* do latim, surgiu uma locução verbal para expressar futuridade, constituída do *infinito* de qualquer verbo seguido de *habére* (do tipo *amare+habeo/amare+ habebam*) que, através de processos fonológicos regulares, resultaram, de acordo com a autora, nas formas gramaticalizadas do futuro do presente e futuro do pretérito (*amarei/amaria*). Nesse sistema, a forma do presente também podia expressar futuro, pois, com o desaparecimento do futuro do imperativo, ficou no português o presente.

⁹ A autora compreende como português arcaico o período histórico da língua portuguesa que se situa entre os séculos XIII e XV.

As gramáticas, de maneira geral, adotaram diferentes classificações para explicar o futuro, como um tempo verbal, e passaram a utilizar uma nomenclatura que apresenta o modo temporal, e o aspecto, que passou a ser visto somente como *imperfectivo* ou *perfectivo*).

Um gramático mais antigo, como Soares Barbosa (1822, p.221,222), por exemplo, dividiu o tempo futuro em: futuro imperfeito e futuro perfeito. O futuro imperfeito exprime um acontecimento (ou como descreve ele, uma existência) posterior à época da qual se fala e que indica uma continuação, ou duração em um determinado tempo, após o momento da fala. Por exemplo, o verbo *ser* com flexão de futuro ficará “serei”. “Serei” indicaria um evento começado e por concluir (*infectum*¹⁰). Quanto ao futuro perfeito, este indicaria a ideia de algo que ainda que está por ocorrer, mas com um caráter conclusivo (*perfectum*). Pode-se citar como exemplo deste tempo verbal as perífrases com o verbo *ter*, com o particípio perfeito “Amanhã, a esta hora, já terei chegado).

Já para Mattoso Câmara (1976, p. 170) a concepção de futuro não é própria, normalmente, da linguagem informal. O futuro como forma de expressão de tempo, depende de condições especiais de comunicação, nas quais se indica dúvida, desejo. Mesmo no latim clássico, atenta o autor, o futuro provém de formas volitivas ou de subjuntivo. “*Foi a disciplina gramatical e a norma da língua escrita e literária que as trouxe para uma aplicação de futuro temporal estrito.*” Portanto, seria o presente que normalmente indicaria futuro, em função de seu valor modal.

Aliás, segundo Mattoso Câmara (p.101), teria sido Said Ali quem teria empregado a terminologia, posteriormente adotada pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, de futuro do presente e futuro do pretérito.

Para Said Ali (1971, p. 317), o futuro, além de significar algo que ainda acontecerá, não se restringe somente a isso. Ele serviria também, para um uso “artificial”, isto é, refere-se a fatos ou intenções do presente, mas que convém apresentar como pertencentes ao domínio vago e indefinido do porvir.

Nas gramáticas normativas da Língua Portuguesa, o futuro nos é apresentado como um tempo verbal que, de acordo com Cunha (1980, p.368), expressa um fato

¹⁰ Esta é a nomenclatura para o imperfeito, adotada pelo autor, que, no decorrer do trabalho será adotada como imperfeito ou imperfectivo. O mesmo se aplica ao *perfectum*.

ocorrido após o momento em que se fala e que este tempo verbal poderá ser simples ou composto, no modo indicativo, imperativo ou subjuntivo.

3.2.1 O Futuro do Presente

Dias (1916, p. 192) trata do tempo futuro de acordo com o contexto de uso. O futuro, como tempo verbal, pode ter diferentes subdivisões. Há o chamado futuro imperfeito, que tanto pode exprimir uma ação futura em relação ao presente – futuro imperfeito do presente – quanto a uma ação futura em relação ao passado, neste caso então, um condicional presente e que expressaria, segundo ele, verdadeiramente um futuro imperfeito do pretérito: *Disse que voltaria no dia seguinte*.

Ao tratar do futuro perfeito, Dias (p.195) esclarece que quando se quer enfatizar a certeza de uma ação futura, utiliza-se o futuro perfeito ou o presente: *Se fizermos isto, teremos alcançado uma grande vitória* (e enfaticamente: *temos alcançado* ou *alcançamos*).

Há, também, o futuro imperfeito (p.192) – que, neste caso, expressa uma ação futura em relação ao presente, diferente do condicional presente: *Disse que voltará amanhã*. O futuro imperfeito, a partir do presente, expressaria, ainda, uma coisa possível, uma suposição ou uma afirmação feita com reserva: *Que horas serão?* Para este autor, o futuro do presente aparece como um futuro perfeito, porém, como uma ação futura em relação ao tempo presente, que estará consumada antes de outra ação, também futura: *(Quando eu chegar, já terei jantado)*.

Já para Said Ali (1971, p. 145), o futuro do presente teria aplicações secundárias, ou funções mais específicas, como a função imperativa e a compulsiva. O autor subdivide ainda a função compulsiva em categórica ou sugestiva. A categórica exprime uma ordem no presente, sobre a qual há a certeza de que será cumprida. É uma linguagem mais enérgica, imperativa e não se considera a vontade do indivíduo com quem se fala.

É o caso das leis, por exemplo, pois estas definem obrigações, dando aos verbos a forma de futuro, com um sujeito em 3ª pessoa, e não anunciam nem profetizam coisa alguma. Isso pode ser verificado no artigo 8º, por exemplo, retirado do Código de Proteção e Defesa do Consumidor (2006, p. 16):

Art. 8º: Os produtos e serviços colocados no mercado de consumo não **acarretarão** riscos à saúde ou segurança dos consumidores, exceto os considerados normais e previsíveis em decorrência de sua natureza e fruição, **obrigando-se** os fornecedores, em qualquer hipótese, **a dar** as informações necessárias e adequadas a seu respeito.(grifo meu).

Neste exemplo, os verbos estão no futuro do presente, com o sujeito em 3ª pessoa, e nele fica clara a ideia da função categórica, uma vez que as leis, têm um caráter incisivo, pois não podem permitir ambiguidades.

Estes também são, conforme exemplo do autor, os casos dos mandamentos do antigo testamento:

Não *acendereis* lume em todas as vossas casas no dia de sábado – *Farás* também um altar de pau de cetim – *Honrarás* a teu pai e a tua mãe – Não *matarás*... (p. 318).

Novamente permanece, em mais esse exemplo da função categórica, a ideia da obrigação, em uma linguagem direta e objetiva, que determina algo que deverá ser seguido, sem contestação.

O futuro sugestivo, por sua vez, é diferente do categórico por ser uma forma mais polida de se fazer um pedido. É um estratagema da linguagem para se conseguir que o indivíduo nos atenda.

Há ainda, o que o autor denomina de futuro compulsivo sugestivo, que nada mais é do que um outro recurso, determinado pelo contexto sintático, em que os verbos, no futuro do presente do indicativo, aparecem um seguido do outro, conforme exemplo dado por ele:

Será bom que vós caleis, e mais *sereis* avisada que não me *respondereis* nada.

(Gil Vicente, 3.145).

O termo compulsivo, diz respeito ao fato da forma futura ser apresentada sucessivamente.

Há, portanto, nuances no uso do futuro que terão significado somente no contexto de uso. Said Ali expõe, além do futuro categórico e do sugestivo, o futuro problemático. Ele surge na forma sintética do futuro do presente, na qual a certeza do fato só acontecerá posteriormente, depois do fato consumado, se o for, e refere-se às questões chamadas de

retóricas. São os questionamentos que se faz sem a espera de resposta imediata, ou com tempo previsto. Seriam expressões interrogativas do tipo: *Que será dele?* A este futuro, o autor também denomina de futuro diplomático e ele pode, também, expressar futuro do pretérito: *Que seria de nós, sem sua ajuda?* Porém, o futuro do pretérito, seria a forma verbal empregada para indicar algo que não se realizou e nem se realizará : *Se pudesse lá iria.*

3.2.2 O uso do presente para expressar futuro

Para Soares Barbosa (1822, p. 212 - 213), o presente, no modo indicativo pode ou expressar uma época atual, ou uma passada, ou o futuro. Para ele, há o presente absoluto, que indicaria uma simultaneidade entre a enunciação e o momento da fala. Há também o presente imperfeito imperativo, que significaria uma enunciação no presente com execução no futuro. E ainda o presente perfeito, que implica em algo que continuou acontecendo até o momento presente.

Há um problema que a forma verbal no presente estabelece quando se trata de expressar o momento da fala, e sobre isso vale a pena observar o exposto por Dias (1918, p. 184). Para este autor, o presente serve para indicar algo que está ocorrendo no momento da fala, porém é a forma perifrástica a melhor maneira de evitar a ambiguidade de sentidos. O autor indica o uso da conjugação perifrástica, composta com o verbo *estar* mais o particípio presente, ou com o infinitivo presente, precedido de *a*, como uma maneira de resolver a questão: *Ele está a jantar*, o que atualmente seria expresso como *Ele está jantando*. Ainda que a grande maioria dos autores indique o tempo presente para expressar algo que acontece no momento da fala, o que se verifica é que, realmente são as locuções com o verbo *estar* + *infinitivo* que indicariam algo que está acontecendo no momento da enunciação, como em *“Estou passando a ligação”*.

Essa forma evidenciaria que o enunciado refere-se ao presente que ocorre no momento da fala. No entanto, o presente pode expressar ainda algo que aconteceu no passado e continua a acontecer até o momento da fala e para substituir o pretérito, que o autor exemplifica como as situações de narrativas animadas, em que o narrador expressa um fato do passado como se estivesse no presente. E finalmente, o presente também pode expressar um futuro imperfeito enfático e, na conversação, um simples futuro imperfeito: *Volto amanhã*.

Said Ali (1971, p.135) também faz alusão ao uso do presente com intenção de futuro, denominado por ele como um presente-futuro. Essa forma de presente seria usada mais comumente em âmbito familiar ou muito informal e pode ser um recurso de linguagem no qual se pretende passar uma ideia de certeza sobre o que se fará. Há ainda o valor do imperativo empregado para significar convite: *O senhor janta comigo hoje* e assemelhando-se ao valor do imperativo como em: *Vais-me fazer um favor*.

Cunha (1980, p. 430) faz referência ao fato de o verbo no presente, no modo indicativo, servir para expressar futuro: “5º) *para marcar um fato futuro, **mas próximo**; caso em que, para impedir qualquer ambiguidade se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial” (grifo meu). Ao apresentar exemplos deste uso, ele utiliza duas orações sendo que uma delas aparece com uma perífrase:*

“-Amanhã **vamos passar** o dia no Oitiveiro.”

(Grifo meu - J.L. do Rego, ME, 62).

“**Volto** a semana que vem.”

(M. de Andrade, PC, 315).

Nas demais explicações sobre o presente, ele também se refere ao fato de este tempo verbal ser usado para expressar uma ação no passado, como é o caso do chamado presente histórico, e também no futuro. Essa questão é interessante por demonstrar o problema de se definir o presente como um tempo que corresponde a algo que está acontecendo no momento da fala. Segundo o autor, o presente com uso de futuro sempre está relacionado à ideia de certeza.

No entanto, o interessante sobre Cunha é que ele sugere um uso comedido do presente para indicar futuro é um recurso precioso ao expressar certeza da atualidade de um fato a ocorrer. Além disso, também denota delicadeza se usado no lugar do futuro do presente do indicativo ou no lugar do imperativo, ao se fazer um pedido, conforme demonstra o exemplo:

Você me resolve isto amanhã (= Resolva-me isto amanhã ou: Você me resolverá isto amanhã). (p. 431)

O que chama a atenção na explicação do autor é a sua arbitrariedade, pois o presente tem sido usado com valor de futuro há bastante tempo na língua, além de, conforme Mattoso Câmara (1959, p. 166), ser mais natural no PB, do que o próprio futuro.

3.2.3 O futuro do pretérito

Observa-se, em gramáticas mais antigas, que a nomenclatura do futuro do pretérito era diferenciada.

Soares Barbosa (1822, p. 213), por exemplo, o descreve como uma forma de pretérito e o subdivide em pretérito imperfeito absoluto, perfeito absoluto, imperfeito condicional, perfeito relativo e perfeito condicional.

Para este autor o futuro do pretérito, denominado naquela obra de pretérito condicional (perfeito ou imperfeito) é:

“Na Linguagem condicional imperfeita a execução da promessa seria simultânea com a execução da condição: na perfeita a execução da promessa seria posterior á da hypothese. Mas tanto a promessa como a condição ficão sempre na massa dos possíveis, que nunca existirão, nem existirão; que porisso os antigos Grammaticos chamavão Potenciaes estas Linguagens.” (p. 207)

Segundo ele, há o pretérito imperfeito absoluto para que se faça a distinção de outro, o relativo.

“5º Pretérito Imperfeito Condicional

A este tempo pertencem as Linguagens terminadas em *ria*; como *Eu seria*, *Eu haveria de ser*, *Eu estaria sendo*: das quaes huns fazem hum modo á parte, que chamão *Condicional* ou *Suppositivo*; e outros não, contando-as entre os tempos do modo *subjunctivo*. ... Estas Linguagens são evidentemente *affirmativas*, posta huma *hypothese*. Esta *hypothese* ou *condição*, de baixo da qual *afirmão*, não lhes tira a *affirmação*. Esta *proposição* *Eu seria feliz se quizesse*, não He menos *affirmativa* do que esta *Eu serei feliz se quizer*. Toda *diferença* está em a *condição* da primeira ser *pretérita* e *possível*, e a da segunda *futura* e *factível*.” (p. 214)

O pretérito imperfeito condicional é constituído pelas formas verbais terminadas em *-ria*, fazendo um modo à parte, chamado de condicional ou supositivo. São essas formas verbais uma maneira de expressar uma hipótese ou condição.

A forma verbal em *-ria* sempre é indicativa e a linguagem indicativa condicional pode ser empregada e aplicada a todos os tempos: *Eu partiria ontem, se tivesse em que; Eu partiria já, se tivesse em que* e *Eu partiria amanhã, se tivesse em que...*

De acordo com Mattoso Câmara (1970) o futuro do pretérito “*assinala um pretérito posterior a um momento passado do ponto de vista em que se fala*”. Para o autor, esse tempo verbal tem um uso pouco frequente, em relação ao futuro do presente, o que se explica pelas condições especiais em que ele tem cabimento. Em função disso, Mattoso Câmara expressa o futuro do pretérito como “*metafórico*” para a expressão da irrealidade, o que teria levado esse tempo verbal a ser denominado de “*condicional*”.

Ele (1956, p. 5) explica que esquema condicional *stricto-sensu*, privativo nas línguas românicas, é conceito da escola gramatical francesa, que atribuiu às formas em *-ria* à denominação de *modo condicional*, que se aplica em função das características de um modo de realização do processo verbal e não um tempo de sua ocorrência. Mattoso Câmara (1956, p. 6) entende que a condição pode expressar algo potencialmente realizável, denominado de *modo potencial* ou *modo eventual*, que são características das formas verbais em *-ria*. Há então, três denominações que caracterizam essa forma verbal: o modo condicional *stricto-sensu*, um irreal *lato-sensu* ou um potencial, também chamado de eventual. Para o autor todas essas características servem como um critério de classificação para essa forma verbal, que provêm de uma noção modal de irrealidade ou hipótese.

Na Moderna Gramática Expositiva da Língua Portuguesa, Tôrres (1965, p 92), ao tratar sobre o modo do verbo, faz uma observação sobre o fato de o pretérito condicional ter se tornado o futuro do pretérito, “porque, rigorosamente, ele não constitui modo distinto do indicativo: é um futuro enunciado no pretérito.”

Tôrres explica que o futuro do pretérito exprime um fato futuro enunciado no passado: *estudaria* (simples) *teria estudado* (composto). Ele pode, também, aparecer no lugar do futuro do presente, conforme o exemplo: ‘*Eu lhe daria um bom presente no próximo ano se você conquistasse o primeiro lugar*’.

Cunha (1980, p. 441,442), por sua vez, apresenta um resumo das ideias dos autores citados. Para ele o futuro do pretérito simples é empregado para indicar ações posteriores ao momento da fala, ou para exprimir incerteza, dúvida ou

suposição sobre fatos passados e “em certas frases interrogativas ou exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

“O nosso amor morreu... Quem o diria?”
(F. Espanca, S, 168) (p. 441)

O futuro do pretérito também é empregado como forma polida de presente, para manifestar um desejo; em “afirmações condicionadas”, quando se referem a “fatos que não se realizaram e que provavelmente não se realizarão.”. Pode-se usar como exemplo para essa explicação:

“Se o encontrasse na rua, passaria indiferente?”
(G. Ramos, I, 172) (p.441)

“Se soubesse rezas compridas para se livrar daquilo, rezaria todas.”
(J. L. do Rego, MR, 198) (p.441).

Quanto ao futuro do pretérito composto, Cunha (1980, p. 442) o descreve como uma forma de indicar ou um fato que teria acontecido no passado, sob certa condição:

- “Este é que *teria sido*, se quisesse, o príncipe dos prosadores.”
(R. M. F. de Andrade, V, 109)

ou uma possibilidade de um fato no passado:

“Camilo saiu logo; na rua, advertiu que *teria sido* mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa?”
(M. de Assis, OC, II, 471)

A forma composta do futuro do pretérito pode ainda, de acordo com o autor, ser usada em sentenças interrogativas que dispensariam a resposta do interlocutor:

“Para onde *teria ido*?”
(J.L. do Rego, E, 281).

“De que mundo misterioso *teria vindo* meu canário?...”
(A. Tavares, PC, 216.)

Como acontece com o futuro do presente, há diferentes formas de expressar o futuro do pretérito, conforme será visto a seguir.

3.2.4 O uso do pretérito imperfeito para expressar futuro do pretérito

Soares Barbosa (1822, p. 213), ao tratar do pretérito imperfeito absoluto, já faz referências quanto ao uso desse tipo de pretérito (hoje conhecido simplesmente como pretérito imperfeito) para expressar o futuro do pretérito. Este tempo verbal pode ser usado, segundo ele, como forma de indicar o futuro do pretérito, como por exemplo, o uso do *podia* em lugar de *poderia*. Essa explicação já indica que o uso do pretérito imperfeito, como forma de expressar o futuro do pretérito, já é bem antiga na língua, pelo menos no que concerne aos verbos modais.

Dias (1916) trata do uso do imperfeito com sentido de futuro do pretérito, caracterizando-o como um futuro perfeito do pretérito e que corresponde a uma condição. É importante ressaltar, também, que ao descrever o pretérito imperfeito, Dias (p. 187/188) faz uma relação ao uso da perífrase com o *ir* no pretérito imperfeito e precedido de *a* ou *para*, “*como correspondente do imperfeito latino*”: *Já ia a levantar-se para sair do senado* (L. Liberato, Tacito, Annaes, 2, 34). Em relação ao exemplo *ia a levantar-se*, observa-se que este seria uma forma anterior à atual forma perifrástica *ia levantar-se*, e que esta forma já indicaria, segundo o autor, uma maneira de expressar o futuro do pretérito.

Tôrres, ao tratar do futuro do pretérito, adverte que nem sempre o emprego dos tempos obedece à rigidez das regras gramaticais. Nesse sentido, ele exemplifica que muitas vezes o futuro do pretérito é comumente aplicado no lugar do presente do indicativo para atenuar seu aspecto imperioso. Com o exemplo: “*Desejaria que me ouvisse.*”, ele conclui que para dar caráter de certeza a um fato futuro, é costume empregar-se o presente ou o imperfeito do indicativo pelo futuro do presente ou do pretérito: ‘... *que avisasse o doutor de que a sua casa era assaltada à meia-noite.*’ (Camilo Castelo Branco: Retrato de Ricardina, pág. 156) e que fatores psicológicos interferem nos mecanismos da linguagem, “*determinando o emprego de um tempo gramatical em lugar de outro*”.

Esses fatores, citados pelo autor, são possíveis de se registrar, inclusive em textos literários:

- (001) Quando ia beber, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa, beberia depois, **era** melhor.

Dom Casmurro, (p. 144).

Neste exemplo o verbo *ser* está no pretérito imperfeito. Contudo, verifica-se no próprio contexto oracional que a forma verbal, segundo algumas gramáticas tradicionais, deveria ser a do futuro do pretérito. Isto porque, entende-se que o verbo indica uma suposição e a forma verbal utilizada nestes casos é a do futuro do pretérito. O exemplo abaixo demonstra essa questão:

- (002) Ela me **beijava** a testa, **diria** boa-noite e **fecharia** a porta, porque à noite **começaria** a vida real, à qual eu ainda não tinha acesso.

Juliano Pavolini, p. 64

Neste exemplo, o verbo *beijar* está no pretérito imperfeito, assim como o verbo *ter*, indicando algo que acontecia. Entretanto, os verbos *dizer*, *fechar* e *começar* estão no futuro do pretérito, indicando uma suposição sobre algo que poderia acontecer. Havendo a troca destes verbos para o pretérito imperfeito, não haveria prejuízo nem de entendimento e nem do tempo.

Cunha e Cintra (1985, p.452 chamam a atenção para o fato de o futuro do pretérito poder ser substituído pelo pretérito imperfeito nas afirmações condicionais e dão os seguintes exemplos:

Sem a sua interferência, eu estaria perdido.
Sem a sua interferência, eu estava perdido. (p.452)

Segundo os autores: “*na primeira o fato principal (estar perdido) é apresentado como consequência provável da condição que não ocorreu; na segunda ele aparece como efeito imediato e inelutável dela*”. Vê-se, também, que na primeira, há o aspecto *imperfectivo*, que está expresso pela locução *estaria perdido*. Na segunda, apesar de o verbo estar no pretérito imperfeito, ele apresenta aspecto *perfectivo* porque define um período durante o qual o sujeito permaneceu perdido. É o pretérito imperfeito que, nesta locução, impõe uma ideia de maior certeza ao enunciado

Eles concluem a explicação, afirmando que há a possibilidade de o futuro do pretérito ser substituído por verbos modais, no pretérito imperfeito, dando como exemplo de modais os verbos *poder, dever, saber, querer, desejar, sugerir* etc.:

Que móveis lhe *sugeria* para uma sala¹¹
Que palavra um sujeito *podia usar* para responder ao Vieirinha.
(p.452)

Observa-se que é somente através do contexto de uso que se pode estabelecer uma especificação temporal. São as diferentes variantes mórficas, como o uso ou do pretérito imperfeito ou do futuro do pretérito, em diferentes e específicos contextos semânticos, que constroem o tempo denominado de futuro do pretérito.

3.2.5 O uso das perífrases para expressar futuro

Diferentes autores utilizam diferentes maneiras para explicar o uso das perífrases formadas com *ir+inf.* e *haver+inf.* para expressar futuro. Alguns deles merecem ser revisados.

3.2.5.1 A perífrase com o verbo *ir*

As gramáticas, tratam as formas perifrásticas geralmente da mesma maneira. Porém, cada autor apresenta diferentes pontos de vista que somados, dão uma ideia mais completa sobre o assunto.

Para Soares Barbosa (1822) o verbo *ir* junto com um verbo no infinitivo, conforme exemplo citado por ele “*Vou escrever*”, dá a ideia de um futuro próximo, correspondente aos aoristos e futuros próximos dos gregos. Verifica-se, com base no autor, que a perífrase formada com o verbo *ir* era uma construção conhecida e que já apresentava valor de futuridade. Isso é interessante, considerando-se que as gramáticas tradicionais a consideram de uso informal, quando a citam.

Eduardo Carlos Pereira (1950, p. 135), ao tratar das conjugações verbais faz referências às conjugações perifrásticas, que seriam certas locuções verbais em que dois ou mais verbos concorrem para a expressão de uma ideia acessória da ação

¹¹ Estes dois exemplos foram dados, como verbos modais, na Nova Gramática do Português Contemporâneo, p. 452, de Cunha e Cintra.

verbal. É o último verbo da locução que exprime a ação que se quer expressar, enquanto os outros exprimem modo e o tempo em que ela se realiza.

Said Ali (1971) trata como conjugação composta “a combinação de um verbo relacional (auxiliar) em suas diversas formas com o infinitivo, gerúndio ou particípio do pretérito de um verbo nocional...”. Na conjugação composta emprega-se o presente para demonstrar um ato que se realizará, porém durativo ou iterativo, que poderá abranger o momento da fala ou excedê-lo.

Mattoso Câmara (1976, p. 145) ao tratar da estrutura da flexão do verbo no futuro em português, a explica em suas origens no latim vulgar, do qual se estendeu à 1ª pessoa singular do indicativo do futuro do presente, de formação românica, modificando-se a desinência *-i*, de *haio*, do pretérito perfeito, por *habeo*, finalizada pela aglutinação de uma locução como *amare habeo* em *amare haio* > *amar hai* > *amarei*.

De acordo com o autor (1959, p.166), o tempo futuro é legitimamente temporal e aconteceu tardiamente na formação de uma língua culta do português e, ainda hoje, é pouco usado na língua coloquial. Isso porque, segundo o autor, é natural usar-se o presente para indicar eventos que ainda ocorrerão. Para ele, a utilização da forma verbal sintética, como forma de expressar futuro, é pouco comum na linguagem informal e, geralmente, é feita através da forma perifrástica com *ir* + *inf*.

Ele considera que os verbos seguidos de infinitivo não-flexionado são uma série aberta e o sentido da construção centraliza-se na significação lexical do verbo que o acompanha. O verbo auxiliar, com uma gramaticalização mais forte, tem um sentido esvaziado, sendo um mero índice da categoria que exprime:

Pode-se dizer que a tendência à aglutinação, que às vezes na história linguística faz de uma conjugação perifrástica uma forma flexional (como sucedeu em românico com as composições de *habeo* e *habebam* com um infinitivo para construir o futuro), depende de três fatores: 1) ascensão em importância, no quadro geral das categorias verbais da língua, da noção gramatical que a perífrase traduz; 2) obsolescência da significação lexical do verbo que entra como auxiliar, isto é, aquele a que cabe o mecanismo gramatical do conjunto; 3) possibilidades fonológicas da construção em sua morfofonêmica. Todas essas três circunstâncias se verificam na perífrase de *habeo* e *habebam* com um infinitivo para constituir um novo futuro flexional em latim vulgar. (p. 163)

O autor entende, ainda, que os verbos mais gramaticalizados nessa condição, de auxiliares de um verbo infinitivo, são o *ter de + infinitivo* e o *ir+ infinitivo*. Ele explica que a perífrase com *ir+inf.* tem tanto um valor aspectual quanto modal, pois, de um lado ela expressa a intenção de fazer alguma coisa (característica modal) e de outro, ela expressa futuridade.

Em outra obra, Mattoso Câmara (1976, p. 170) explica que se o valor modal assinala a intenção de se fazer alguma coisa, o valor aspectual exprime um aspecto *sui generis*, isto é, indica o que ainda vai acontecer. Seria para Câmara este valor aspectual que expressaria na perífrase a ideia de futuro, a partir do presente, do pretérito ou de outro futuro. Ele chama a atenção para o fato de, ao contrário do que se acredita, esta perífrase não substituir o futuro do presente, pois o que substitui o futuro simples na linguagem coloquial é o presente. Para ele:

As locuções com o presente de *ir* tiram sua motivação e sua frequência de emprego da significação modal e aspectual que contém. Assim, o que elas substituem é o presente simples para assinalar a mais a atitude psíquica de intenção e expectativa. (p. 171)

Em relação à perífrase formada com o verbo *ir*, é natural que ela expresse algo que ocorrerá após o momento da fala. Com base no autor, é possível concluir que seria o caráter aspectual e modal da perífrase, junto com o caráter temporal, que, provavelmente, permitiram a sua significação de futuro na língua. Essa ideia do autor pode ser comprovada uma vez que o uso da perífrase já é bastante frequente inclusive na linguagem literária, conforme se verificou na análise dos dados.

Mattoso Câmara faz ainda referência à evolução semântica das locuções com o verbo *ir*, que adquirem uma ideia de futuro amplo, designando qualquer fato posterior ao momento da fala. A perífrase formada com o verbo *ir*, com valor de futuro do presente, possui, segundo ele, “*dois elementos semânticos que apenas podem acrescentar-se à significação temporal básica, ou podem obliterá-la, fazendo então da locução, respectivamente, uma perífrase modal ou uma construção léxica*”. Nesse sentido, se o auxiliar no presente constrói uma noção temporal de futuro, de forma análoga, o auxiliar no pretérito imperfeito constrói uma noção temporal de futuro em relação ao passado. É o caso então, da perífrase formada com o verbo *ir* no pretérito imperfeito com sentido de futuro do pretérito, que podem substituir as

formas verbais terminadas em *-ria*, além das locuções formadas com verbos modais, como *dever*, *poder*, também no pretérito imperfeito, que constituem três variantes mórficas com uma mesma significação básica. A alternância dessas formas, para Mattoso Câmara, é motivada por impulsos estilísticos, usados para quebrar a monotonia formal ou para acentuar certas diferenças modais.

Mattos e Silva (2006, p. 143) explica que a perífrase com o verbo *ir+inf.* já era usada no português arcaico “*para a expressão de uma intenção a realizar-se*” e ela cita os seguintes exemplos:

*Vou demandar outro lugar
la tomar o pan*¹²

Considerando-se que o estudo do português arcaico dá-se somente através de textos escritos, é interessante refletir sobre essa forma de construção de futuro já estar presente no português daquele período. Mais interessante, contudo, é que nos exemplos sobre aquela perífrase, a autora apresenta um exemplo de uma perífrase formada com o verbo *ir no pretérito imperfeito + infinitivo*, isto é, com um uso de futuro do pretérito.

Cunha (1980, p. 439) cita que “*na língua falada o futuro simples é de emprego relativamente raro. Prefere-se, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas*”. Para Cunha são locuções constituídas as construções formadas com um verbo auxiliar mais o verbo principal (p. 379). Entre elas, ele exemplifica que para exprimir um futuro próximo, na língua falada, são utilizadas as locuções com presente do indicativo do verbo “*ir*” + infinitivo. E dá o exemplo: “- *Parece que vai sair o Santíssimo, disse alguém no ônibus.*” (Machado de Assis, OC, I, 759).

Nestes casos, explica o autor, somente o verbo auxiliar é conjugado. Ele cita como verbos auxiliares mais comuns os verbos *ter*, *haver*, *ser* e *estar*. Observa ainda, que estes verbos auxiliares, quando acompanham uma forma nominal de outro verbo, constituem um “*todo significativo*”, isto é, perdem seu valor de verbos plenos e junto com o outro verbo adquirem um significado novo. Ele cita então os verbos *ir*, *vir* e *andar*, como verbos que também podem servir de auxiliares e explica que o verbo *ir + infinitivo* dá a ideia de uma ação que se pretende realizar em um futuro próximo.

¹² Os exemplos não contêm as referências das obras de onde foram retirados

Há referência à perífrase composta com o verbo *ir + inf.* no caso do modo imperativo (p. 455), em que ele menciona esta perífrase para exemplificar a valorização do sentido do verbo. Ele entende que as perífrases formadas no imperativo, com o verbo *ir* ou *vir*, valorizam sobremaneira o verbo principal e dá os exemplos a seguir:

“Não confessei cousa alguma; e **não vá** por isso **adoecer** outra vez”.

(J. de Alencar; OC, IV, 424.)

“-**Não venha** me **dizer** que está arrependido”.

(A.M. Machado, JT, 115.)

Nestes exemplos, enumerados para este trabalho, a locução realiza, de fato, uma função “estilística”, atenuando o efeito do imperativo: ... e **não adoeça** outra vez. Não **diga** que está arrependido. Permanece, ainda, um contexto de futuridade expresso pelo próprio imperativo (como algo a ser “obedecido”), reforçado pelos verbos *ir* e *vir*. *não vá adoecer – não adoeça depois...*, *Não volte para dizer*.

Cunha e Cintra (1985, p. 448) corroboram a ideia de ser o futuro simples de emprego relativamente raro na língua falada. No lugar dele, segundo os autores, há o uso das locuções constituídas, que podem substituí-lo, com *haver de*, *ter de* e o verbo “*ir*” + *inf.*, porém, esta última, indicando uma ação futura imediata. Os autores dão os exemplos:

Ai roupas que **hei de vestir**,...

(J.Régio, ED, 30.).

Temos de recriar de novo o mundo...

(T. da Silveira, PC, 341).

Vai casar com meu melhor amigo.

(A. Abelaira, CF, 234).

Nos exemplos dados, há um contexto de futuridade. Em (17) existe o caráter modal da locução, que implica em obrigatoriedade, dever: *Precisamos criar de novo o mundo...* . Quanto ao (18), é interessante notar que não só há um contexto de futuridade como, além disso e ao contrário do que afirmam os autores, ele não se resume em algo a ser realizado em breve, mas em algo que ocorrerá, no futuro.

Ilari (2001, p. 37) observa ser interessante as gramáticas tradicionais citarem como verbos auxiliares *ter*, *ser* e *haver* sem darem a devida ênfase ao verbo *ir*, dada a frequência com que este verbo aparece em perífrases formadas com o verbo *ir* + *infinitivo*, para indicar futuro do presente ou do pretérito.

Alguns estudos vêm demonstrando a coerência desta afirmação. Este é o caso do estudo realizado por Görski *et alii.* (2002), sobre a variação da expressão do futuro na língua oral de Florianópolis. As autoras, além dos resultados verificados naquele estudo e que corroboram o ponto de vista de Ilari, levantaram três hipóteses que nortearam o trabalho e que se confirmaram:

- a. a perífrase vem assumindo o espaço reservado ao futuro do presente, alternando seu uso com o presente do indicativo na expressão temporal do futuro;
- b. a variação é fortemente condicionada por fatores semântico-discursivos, especialmente de natureza temporal e modal; e
- c. a perífrase é a forma mais recente na codificação do tempo futuro, configurando-se uma mudança em tempo aparente. (p. 228)

Aquele estudo demonstrou que está ocorrendo uma mudança na expressão do futuro, e sendo assim, é possível supor que ela não esteja acontecendo isoladamente, ou somente naquela região e, talvez, seja possível verificar, através de outros corpúsculos, a extensão dessa mudança.

Elas concluem afirmando que a perífrase formada com o verbo *ir* + *inf.* está conquistando o lugar do futuro do presente, principalmente entre a população mais jovem. Elas constataram que o presente do indicativo é privilegiado tanto nos contextos *irrealis*, hipotéticos, quando o falante demonstra menor envolvimento em termos de certeza, como nos contextos de futuridade, sem perda de interpretação “*futura, ficando a forma verbal liberada deste papel temporal*”, isto é, a forma verbal estaria liberada do papel temporal, que é instaurado pelo contexto. A perífrase predomina em contexto *realis*, factual, e está vinculada ao traço modal de certeza, de maior intenção e em contextos com traço modal de futuridade, em que cabe ao verbo indicar o tempo futuro. Há uma dupla motivação para a seleção das variantes que representam o futuro, que ou é de natureza modal (mais pragmática), ou de natureza temporal (com viés mais semântico). Quando o item verbal contém um traço de mais movimento, a variante tende a ser presente, ficando a perífrase

condicionada pelo traço de menos movimento e, neste caso, caberia ao auxiliar *ir* esse papel¹³.

Essa ideia foi melhor explicada por Menon (2003, p.4). A autora explica que os verbos *andar*, *ir* e *vir*, são verbos de movimento que indicam um deslocamento de um ponto a outro. Sobre essa noção de deslocamento, a autora esclarece que “*a literatura sobre o assunto já demonstrou que a metáfora espacial gera frequentemente a metáfora temporal*”. Segundo ela, os verbos *ir* e *vir* passaram pelas mesmas etapas de gramaticalização, ou seja, ambos iniciaram o processo por possuírem um sentido de deslocamento espacial simples, seguido por um sentido de deslocamento espacial com finalidade específica. Depois houve uma etapa em que os verbos, como auxiliares, poderiam vir ou não acompanhados de preposição e, finalmente, a construção sem preposição, que passou a ser a mais usada, momento no qual atenuou-se o sentido de deslocamento com um objetivo específico a ser realizado, ou como algo que estava na iminência de acontecer, culminando como algo de possível realização. Esse processo é que teria culminado com a construção perifrástica para representar o futuro em português.

3.2.5.2 A perífrase com o verbo *haver*

Segundo Soares Barbosa¹⁴ (1822, p. 199) alguns gramáticos consideravam uma imperfeição as chamadas línguas vulgares, como a grega e a latina, precisarem recorrer aos verbos auxiliares para conjugarem todos os seus tempos. No entanto, para o autor, não há nenhuma imperfeição nesse uso, pelo contrário, pois ele acrescenta à língua mais doçura, variedade, harmonia à expressão, dando, ainda, mais vivacidade. Além disso, reitera Soares Barbosa que o verbo *haver* acrescenta à ideia da existência simples, uma ideia acessória de princípio, dando a ela uma resolução e um projeto, que toma o agente e expressa futuridade na execução

¹³ As autoras não deram exemplo deste tipo de ocorrência, a não ser nos casos de orações condicionais, que, segundo elas, ao instaurarem um contexto de projeção futura, implementarão o uso do presente do indicativo. No entanto, não há exemplos com verbos no presente, com traço de (+ movimento), descrito por elas.

¹⁴ Soares Barbosa (1822, p. 212) esclarece que o verbo *haver* teria a forma de **have**, o que se pode verificar nas Regr. Da Infanta D. Catharina Liv. II, Cap. I e XII, e que esta forma já não estaria em uso.

Mattos e Silva (2006, p. 119) afirma que “*formou-se, no romance, uma locução verbal para a expressão da futuridade*”.

Essa interpretação da autora contraria a explicação de Mattoso Câmara, conforme visto anteriormente, na qual ele explica já haver no romance uma conjugação perifrástica para expressar futuro e que esta teria originado “*um novo futuro flexional em latim vulgar*”.

Para Oliveira (2006, p. 3), a forma perifrástica latina era composta pelo verbo *habere*, flexionado no presente + o verbo principal no infinitivo. Somente no séc. IV é que o *habere* adquiriu um valor de “futuro puro”, isto é, sem estar constituindo uma perífrase e com um valor semântico de temporalidade futura. Com o tempo, o *haver* passou a aglutinar-se a um verbo principal e, por volta do sec. XII, apareceu a perífrase fixa.

A perífrase com *haver* ocorreu, em períodos diferentes, com formas diferentes: ela pode ser encontrada com a preposição *de*, ou com o *que*, ou ainda, sem preposição.

Na pesquisa feita para a constituição do cópuz deste trabalho, foram encontradas as perífrases tanto com *haver+de*, como sem a preposição. Além disso, foram registradas ocorrências das construções com *ter+de* e *ter+que*.

Segundo Dias (1916, p.249) os verbos *ter* e *haver* precedidos da preposição *de*, exprimem que o praticar uma ação é necessidade imposta pelas leis da natureza (ou da lógica), ou pelas circunstâncias, ou pela lei moral. Aliás, ele faz duas observações interessantes sobre estas locuções:

- Obs. 1ª É incorrecção (em que os bens escriptores raras vezes caem) dizer: *ter que* e *ter a por ter de fazer alguma coisa*.
- Obs. 2ª. É de notar, em particular, a expressão: *algo houvera de acontecer* = teria acontecido infalivelmente.

Para ele havia, naquele período, incorrecção no uso de *ter que*, construção que, posteriormente, Bechara (2004, p. 232) não só diz estar correta, como explica que o *que* é índice de complemento de natureza pronominal e funciona como preposição. Quanto ao *houvera de acontecer*, é expressão arcaica na língua, mas que já demonstra, conforme o início da explicação do autor, o traço modal deste tipo de perífrase.

Napoleão Mendes de Almeida (1971, p. 226) diz haver diferença entre as duas formas: *ter de*, segundo ele, denota necessidade, obrigatoriedade. *Ter que* indicaria a

existência de alguma coisa a realizar-se, equivaleria a *ter algo que fazer*, é uma expressão elítica. Na primeira, o *de* é preposição e na segunda, o *que* é pronome. Porém o autor admite que a forma *ter que* é usada desde autores seiscentistas e clássicos. Para ele esta forma é anômala, tanto que os mais meticolosos a evitam. No levantamento dos dados foram encontradas as duas formas e ambas com o mesmo sentido de obrigatoriedade.

Somente o livro *Lucíola* há a ocorrência de *ter que*, com sentido de *algo a fazer*:

(003) ...**tens que** fazer sábado depois do teatro? (p. 20)

O exemplo (27) a perífrase *tens que* corresponde à explicação dada por Almeida. Contudo, foi o único caso. Em *Terras do Sem Fim* apareceram 7 ocorrências de *tem que*, todas com sentido de obrigatoriedade, conforme os exemplos abaixo:

(004) O senhor **tem que ir** lá amanhã **assinar**. (p. 170)

(005) Quem casar com Don'Ana **tem que levar** o nome dela. Quem casar com Don'Ana **tem que virar** um Badaró...(p.261)

Ao que parece, houve por um período uma diferença de significado entre as duas perífrases, porém, ela desapareceu com o tempo, restando somente a expressão de obrigatoriedade.

O verbo *haver* pode vir precedido da preposição *de* ou *não*, o que segundo Dias, em sua 3ª observação sobre esta perífrase, explica ser linguagem do português arcaico médio e dá como exemplo:

(...) *ou haveis deixar entrar a todos, ou vos hão de ter por villão ruim*

(Cam., Seleuco. Prologo).

Há duas construções deste tipo no corpus e ambas são da mesma obra, conforme será visto na análise dos dados.

Há ainda a perífrase, na qual em lugar da preposição *de* é usada a preposição *a*, como *haver a*:

... meu filio ou mia filia que meu lugar ouver a reinar ...

(Test. De D. Aff. II, AP L. de Vasc., Lições de Phil. Port., 74).

Em todos os casos, porém, a perífrase mantém o mesmo traço modal de dever, no sentido de exprimir um evento necessário.

Eduardo Carlos Pereira (1929, p. 469) expõe que os verbos *ter* e *haver*, até o século XVI, guardavam o valor que tinham originalmente no latim, isto é, eram os verbos concretos, por conservarem o seu conteúdo significativo. Foi após o século XVI que eles começaram a perder seu sentido pleno, passando a serem verbos de relação ou abstratos, quando seguidos de particípio passado ou infinitivo preposicional (*tenho estudado, tenho de estudar*)¹⁵. Quando estes verbos aparecem sozinhos, eles mantêm seu significado pleno. Estes verbos tinham valor idêntico, como auxiliares nas locuções infinitivas preposicionadas, no entanto, passaram, com o tempo, a desenvolver sentidos diferentes também nestas locuções, constituindo, conforme o autor, uma linguagem projetada, que não indica somente futuridade, mas, a ideia de futuridade agregou-se, com o verbo *ter*, um valor de obrigação, dever e com o verbo *haver* um valor de promessa ou resolução. Atualmente o verbo *ter* tem um uso mais amplo, diferente do verbo *haver*. Segundo Pereira, até o séc. XV o verbo *haver* aparecia quase que exclusivamente nas expressões verbais, ou com a preposição *de* ou com a preposição *a* (hoje uma forma arcaica).

Gramáticas tradicionais, como a de Cunha (1980, p. 439) explicam que estes verbos servem para exprimir futuridade e fazem as mesmas distinções entre as duas formas, isto é, as locuções com o verbo *haver* denotam um caráter de intenção de se realizar algo, enquanto as com o verbo *ter*, indicam uma ação futura de caráter obrigatório.

A ocorrência perifrástica com *haver+de*, conforme se verificará na análise dos resultados, apareceu bastante no período estudado entre 1850 e 1900, considerado, para efeitos deste trabalho, como 1º período.

¹⁵ Ao constituírem uma forma perifrástica, *ter* e *haver* são simples auxiliares que indicam relações de tempo, modo, número e pessoa, isto é, na conjugação perifrástica, a princípio, o particípio concordava com número e gênero (*havia comprados os livros*). Houve, então, o que o autor denomina de progresso analítico da língua, no qual a língua guardou as duas formas, porém, com sentidos distintos (*havam os livros comprados, haviam comprado os livros*).

3.3 A NOÇÃO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Hopper e Traugott (1993) assumem como definição de gramaticalização, o processo através do qual itens lexicais mudam para certos contextos linguísticos, para cumprir certas funções lexicais e, depois de gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais

O mecanismo do processo de gramaticalização acontece, em um primeiro momento, com a distinção entre itens lexicais e formas dependentes. Como itens lexicais estão o que a gramática tradicional denomina de classes das palavras, como os nomes, os verbos e os adjetivos, por exemplo. As palavras são usadas para descrever coisas, ações e qualidades.

As preposições, os conectivos, os pronomes e os demonstrativos são as chamadas formas dependentes. Isso porque elas adquirem sentido através ou no texto. Elas estabelecem as relações entre as palavras, ligam as partes do discurso, fazem referências aos participantes do discurso, já identificados anteriormente no texto ou não (pronomes e artigos), e demonstram se eles estão de acordo com o falante ou ouvinte (demonstrativos).

Em um processo de gramaticalização, portanto, um item lexical, ou uma construção sintática, passa a ser um item gramatical. Quando um item lexical assume características gramaticais de uma forma dependente, esta forma é chamada de gramaticalizada.

Para se entender o processo de gramaticalização é importante, porém, entender o significado do “cline”. Um “cline” é o resultado de um processo no qual uma forma é transferida de uma categoria gramatical para outra, através de transições graduais. Como exemplo de “clines” pode-se citar a progressão de um nome lexical para uma frase, para advérbio ou preposição, etc. Sincronicamente eles podem ser, ainda, classificados como um “continuum”. Um “cline” sai de construções livres para construções mais vinculadas. Normalmente algumas categorias podem ser denominadas por formas de diferentes lugares nos “clines”.

O verbo *ir* vem sofrendo esse processo ao ocupar mais de uma função categorial – de verbo auxiliar e de verbo pleno – em um *continuum*, observado sincronicamente, neste estudo, no período de 150 anos.

Segundo Hopper & Traugott (1993) existem alguns parâmetros entre os estágios da gramaticalização. Esses parâmetros são úteis para entender o processo de gramaticalização do verbo *ir*, por exemplo. São eles:

- Estratificação:** duas formas podem coexistir, uma inovadora e outra antiga, com função similar, pois novas camadas surgem continuamente, no que se refere a um domínio funcional. Isso é o que acontece com as formas de representação do futuro no PB, nas quais a forma perifrástica e sintética, tanto no futuro do presente como no futuro do pretérito, convivem há algum tempo. No caso do *cópus* estudado, elas já convivem desde o primeiro período estudado. Exemplo disso, é que das 1031 ocorrências de expressão do futuro, no primeiro período, 572 estavam representadas pelo futuro sintético do presente, 131 com a perífrase com *ir+ inf.* e 181, com a perífrase com *haver + de*, perfazendo 312 ocorrências em forma de perífrase.
- Divergência:** uma forma gramaticalizada não perde totalmente sua significação original, isto é, ela pode permanecer lexical, independente e continuar sua evolução normal como unidade lexical. No caso do verbo *ir*, ele vem se gramaticalizando como forma auxiliar de representação do futuro, o que não significa que ele perderá sua significação como verbo pleno.
- Especialização:** Em termos de domínio funcional, isto é, em termos de função de uma forma em um sistema linguístico, podem coexistir formas com pequenas diferenças semânticas. Com o processo de gramaticalização algumas formas adquirem significados mais gerais, o que leva a outra forma a especializar-se e tornar-se obrigatória. Na representação do futuro do PB, a forma perifrástica parece ser a forma que está se especializando, pois ela não causa os problemas de ambiguidade, como é o caso do presente do indicativo, e nem o caráter de obrigação, como aconteceu com a perífrase com *haver*, por exemplo, que a

princípio indicava futuridade e passou, com o tempo, a expressar uma obrigação.

Persistência: uma forma gramaticalizada pode manter seu significado lexical original e isto pode restringir seu uso, em alguns contextos. O verbo *ir*, especialmente na perífrase do futuro do presente, encontra contextos que o restringem. Esse é o caso, por exemplo, de seu uso em perífrases em que ele funciona como verbo auxiliar e principal *vou ir* (ver Menon, 2003). No *cópus* pesquisado não foi encontrada nenhuma perífrase com esta construção. Há ainda construções em que ele mantém seu traço aspectual de movimento, o que modifica o sentido semântico da perífrase: *Quando vou levantar, percebo o engano; Quando ela ia chamá-lo, ele entrou*. Nestes contextos não é possível a troca pela forma sintética: *Quando levantarei, percebo o engano*, pois não se trata de perífrase de tempo e sim de uma locução verbal, na qual o verbo *ir* mantém seu valor aspectual de movimento, indicando iminência.

Descategorização: um dos conceitos de gramaticalização é o fato de uma determinada forma mudar de uma categoria, alterando seu estatuto categorial. O verbo *ir* modifica sua categoria gramatical de verbo pleno para verbo auxiliar.

Depois da explicação sobre os parâmetros, os autores explicam que o processo de gramaticalização é unidirecional. Para melhor entender o processo de unidirecional, é preciso compreender as partes importantes do processo de gramaticalização que, segundo os autores, são: a **reanálise** e a **analogia**.

Reanálise: é o mais importante mecanismo para a gramaticalização e as mudanças e consiste no desenvolvimento de uma nova categoria gramatical, como resultado da restrição de um subgrupo em formar verbos principais dentro de classes fechadas. Ela opera juntamente com o eixo sintagmático de uma estrutura linear e é o maior fator de mudança, pois altera as relações entre

constituintes, ainda que seus efeitos não sejam perceptíveis na estrutura superficial. A reanálise modifica representações semânticas, sintáticas e/ou morfológicas, ocasionando novas estruturas gramaticais.

Analogia: por contraste, opera juntamente com o eixo paradigmático de opções. Ela possibilita o surgimento de novas formas através de similaridades com outras formas já existentes, sem ocasionar mudanças de regras, porém, possibilitando a disseminação de uma nova forma em um sistema linguístico. Ela é a primeira indicação de estar havendo uma mudança.

Reanálise e analogia são os maiores mecanismos de mudança da língua. Elas não definem gramaticalização, não coexistem, mas a gramaticalização não ocorre sem elas.

Sendo assim, esta dissertação toma por base os conceitos destes autores, ao assumir que a gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuridade é uma forma de reanálise, por haver a junção de elementos que pertencem a unidades sintáticas distintas. Em termos de analogia a perífrase formada com *ir+inf.*, pode ser comparada à construção da perífrase com *haver+de*, que, na língua portuguesa também atuou como forma de representação de futuro.

Contudo, o mais importante é entender que não existem mudanças abruptas, pois, sempre duas formas coexistem por um tempo, até que uma saia vencedora, ainda que existem formas que coexistem por até séculos.

Observe-se que a gramaticalização é um fenômeno unidirecional, sob uma perspectiva diacrônica. Um item lexical torna-se gramaticalizado quando tem um uso comum e necessariamente atende uma função do discurso. Ele então torna-se sintaticamente fixo (tornam-se construções) e pode eventualmente solidificar-se morfológicamente. A suposição básica é que há uma relação entre os estágios A e B, tal que A ocorre antes de B, mas não vice versa. Isto é o que significa unidirecionalidade.

Dada a teoria da unidirecionalidade, há a hipótese que diacronicamente todas as categorias gramaticais, denominadas pelos autores de menores, como adjetivos

e advérbios, têm suas origens nas categorias gramaticais maiores, como nome e verbo.

Para Weinrich, Labov e Herzog (2006) a gramaticalização tem sido estudada sob duas perspectivas: uma delas é a histórica, através da qual se investiga a origem de formas gramaticais e o caminho típico da mudança e suas influências. Desta perspectiva, acredita-se que itens gramaticais em certos usos tornam-se mais gramaticais. A outra tem uma visão sincrônica, vendo a gramaticalização como basicamente sintática e um fenômeno pragmático, para ser estudado sob um ponto de vista de modelos do uso da linguagem.

Para Menon (2003) a gramaticalização significa um tipo especial de mudança linguística que prevê estágios de variação. A gramaticalização, no caso dos verbos auxiliares, significa que estes “perdem o estatuto de verbos plenos e passam a constituir formas perifrásticas ou compostas com outros verbos...”. Ela explica que a gramaticalização do verbo *ir*, como auxiliar de futuro, atualmente, esbarra no fato de estar havendo um processo de “consciência” dos faltantes em relação à significação implícita do verbo *ir*, em indicar movimento, fato que deveria impedir sua ocorrência na perífrase formada com *vou ir*, pois, neste caso, haveria uma redundância quanto de significado. Tal consciência estaria sendo motivada por muitos professores de português, por exemplo, que rotulam esta construção como “errada”, e, principalmente, estigmatizada, por ser uma forma usada por pessoas de baixa condição social:

A marca negativa parece ter vindo da constatação de serem as crianças de escolas da periferia das grandes cidades ou as do interior as primeiras a empregar correntemente só a perífrase para fazer referência ao futuro. Verificamos, então, um processo de gramaticalização ainda em curso, pois a auxiliarização do verbo *ir* esbarra num contexto de resistência para finalizar o processo (p. 1).

Essa “consciência” dos falantes, em se tratando do verbo *ir*, no que se refere à resistência para a finalização do processo de gramaticalização, pode ser explicada através da perspectiva de Weinreich, Labov e Herzog (2006). Eles mostraram que algumas formas podem ser privilegiadas socialmente, ao passo que outras sofrem preconceito por parte do falante.

Ao dar aula de língua portuguesa para o curso de Direito, já me foi possível ouvir colegas professores, utilizarem a perífrase *vou ir*. Ao serem questionados

sobre o uso, eles não percebem que o fazem, mas o consideram como um erro gravíssimo de língua. Há, portanto, uma consciência quanto ao se considerar, tal construção, como forma errada, porém, não há a consciência, pelo falante, do seu uso.

No caso do verbo *ir*, na perífrase formada com *ir+inf.*, acontece o que Menon (2003) cita como processo de auxiliarização, que é a gramaticalização de verbos que perdem seu valor como verbos plenos e passam a constituir formas perifrásticas ou compostas com outros verbos, no gerúndio, particípio ou infinitivo, em português. Ela elucida que alguns verbos (em seu trabalho ela analisa três: os verbos de movimento *andar*, *ir* e *vir*), em português contemporâneo, são usados como plenos e como auxiliares. A ideia de movimento dos verbos *ir* e *vir*, refere-se à ideia de deslocamento de um ponto a outro no espaço. O verbo *ir* corresponde a um movimento “a partir de x do ponto de referência”. Ele, como o verbo *vir*, passou por uma primeira etapa no processo de auxiliarização, que consistiu em um significado de deslocamento espacial simples para um deslocamento espacial com finalidade específica e ambos constituíram perífrases com ou sem preposição. Em seguida, na segunda etapa do processo, há um uso mais frequente da forma sem preposição, aumentando a impressão de “algo que estava na iminência de ser realizado” culminando com a metáfora temporal, de algo que ainda está por ser feito.

Menon cita, para exemplificar o que foi dito, Zurara (1463):

(14) dizia elle que se fosse allfaqueque averia causa de *viir* a çidade *peradar* novas do que os mouros [trautasse]. (319/420).

(15) Ca todos vossos naturais averiam rrazão de vos *viir* aqui *servir* (194/480) [...] por serem vossos criados e naturais, e em fim *vão servir* outros senhores com ho que lhe vos dais e com muito menos podem *vir* a esta cidade e *servir-vos* em ella [...] (194/489).

O processo pode ser melhor compreendido com o seguinte exemplo:

O rei **vai** a Ceuta **a combater** mouros.

No exemplo acima há um tipo de construção já arcaica na língua, a indicação de que alguém vai a algum lugar fazer alguma coisa. Com o tempo, houve a exclusão do lugar, ficando a construção formada somente com *ir+prep+inf.*, isto é, *ir a fazer*, culminando com *ir fazer*.

Pretendeu-se, nesta dissertação, verificar-se se nos períodos analisados é possível constatar esse processo de auxiliarização do verbo *ir*, em seu processo como forma de expressar futuro. Além disso, tenciona-se mensurar o nível de evolução do processo na língua escrita.

3.4 MUDANÇA E VARIAÇÃO: a relação com o texto escrito

Além do enfoque teórico feito para a análise da gramaticalização, faz-se importante trabalhar com a noção das influências sociais sobre a língua para que este estudo alcance os objetivos pretendidos.

Decidiu-se utilizar para isso, o enfoque teórico-funcionalista e as ideias de Weinrich Labov e Herzog (2006), sob uma visão sociolinguista/variacionista.

Ao se realizar um estudo linguístico, sob a ótica variacionista, é preciso considerar o uso social da língua, pois ele influenciará significativamente um sistema linguístico, no qual ocorrerão variações que levarão a mudanças linguísticas. Essas mudanças, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), não serão abruptas e nem acontecerão em todo um sistema simultaneamente.

Para estudar as influências dos fatores sociais e entender os sistemas linguísticos, Weinrich, Labov e Herzog sugerem uma metodologia que prevê a determinação de variáveis linguísticas e sociolinguísticas. As variáveis linguísticas estão incluídas nos sistemas coexistentes (p. 96) , ou a ele pertencem. Os autores citam como formas coexistentes os “estilos” ou “padrões”, como as gírias, jargões, jeito de falar, níveis culturais ou variedades funcionais. Estas formas compartilham algumas propriedades:

- (1) Oferecem meios alternativos de dizer a “mesma coisa”: ou seja, para cada enunciado em *A* existe um enunciado correspondente em *B* que oferece a mesma informação referencial (é sinônimo) e não pode ser diferenciado exceto em termos da significação global que marca o uso de *B* em contraste a *A*.
- (2) Estão conjuntamente disponíveis a todos os membros (adultos) da comunidade de fala. Alguns falantes podem ser incapazes de produzir enunciados em *A* e *B* com igual competência por causa de algumas restrições em seu conhecimento pessoal, práticas ou privilégios apropriados ao seu *status* social, mas todos os falantes geralmente têm a capacidade de interpretar enunciados em *A* e *B* e entender a significação da escolha de *A* ou *B* por algum outro falante. (p.97) – a numeração foi dada pelos autores.

O estudo dessas variações é importantíssimo para o entendimento da estrutura das línguas e das razões que as levam a permanecerem mudando sempre, e a forma como isso acontece. Para isso é preciso estudar uma língua em seu contexto real de uso, buscando uma base funcional que o fundamente.

São as influências sociais e estilísticas que alterarão o valor dos termos e que permitirão que uma determinada variante prevaleça sobre outra. A visão dos falantes em relação à língua e sobre as formas consideradas de maior prestígio ou não, é que permitirão que algumas mudanças avancem ou não. Isso porque, quando algumas formas que já ocorrem na linguagem oral podem ser encontradas na língua escrita, particularmente nos textos literários, isso significa que elas não sofrem mais problemas de preconceito linguístico, por exemplo.

Labov, Herzog e Weinrich (2006) definiram o estudo da linguagem em relação a um falante real. Eles publicaram os *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*, que redefine a linguagem como um objeto de estudo contextualizado e que corroborou a ideia de estar a língua inserida dentro de um sistema de uso, como um objeto heterogêneo, sujeito a mudanças. Para Labov (1974, p. 71) a língua pode ser vista como um sistema de integração de valores relacionados a pressões sociais.

Naquela obra, há um breve relato histórico da Linguística, no qual os autores citam diferentes linguistas e suas teorias para, depois, apresentarem argumentos que os colocam contrários a tais autores, as questões com as quais discordam e as razões pelas quais discordaram. Eles apresentaram naquele trabalho algumas mudanças ocorridas no sistema da língua inglesa, sendo que tais mudanças foram causadas por processos da influência social sobre a linguagem. Através de uma pesquisa quantitativa, que se tornou um novo referencial para a pesquisa linguística, em relação às mudanças ocorridas na fala, eles demonstraram que elas se iniciam em pequenos grupos e que, em alguns casos, atingem toda a comunidade e podem, inclusive, afetar todo um sistema linguístico. Ressalta-se aqui, que sistema linguístico, segundo o *Dicionário de Linguagem e Linguística* (Trask, 2004, p. 74) “é um conjunto de possibilidades alternativas numa língua, juntamente com as regras que permitem escolher entre elas”.

Essas mudanças ocorridas na fala, que algumas vezes podem alterar a estrutura gramatical de uma língua, por exemplo, serão compensadas para

manterem o equilíbrio do sistema, em um fenômeno que os autores denominaram de encaixamento.

Através de pesquisa na fala de crianças, cujos resultados já haviam sido demonstrados por Labov (1974), no texto *A Aquisição do Inglês Standard*, os autores concluíram que os grupos sociais têm maior influência na fala da criança do que a linguagem utilizada pelos pais. Isso ocorre depois do primeiro estágio de aquisição da língua, que Labov (1974, p. 66) chamou de *Gramática Básica*. Dessa forma, as mudanças são expostas como consequência de um processo, cujas causas são sociais e que por isso aconteceram.

Os autores demonstraram que os linguistas haviam falhado, até então, por não tentarem explicar as mudanças que ocorrem na língua, dentro de um contexto de uso e orientaram que um linguista deverá se basear numa pesquisa calcada na língua oral, feita através de um levantamento de dados e suas relações dentro de uma comunidade. Ao citarem a questão do prestígio de um determinado dialeto sobre outro, ou a importância que os falantes dão sobre a forma como falam, como é o caso dos falantes novaiorquinos que não gostam de seu sotaque, por exemplo, eles concluíram que as diferenças sociais são sentidas, principalmente, na forma de falar do indivíduo, uns em relação aos outros.

Matos e Silva (1997, p. 24) reitera essa postura ao afirmar que, para a Sociolinguística, o sistema é intrinsecamente heterogêneo e essa heterogeneidade é correlacionável com variáveis sociais externas ao sistema linguístico, mas a este intrinsecamente inter-relacionável.

Neste momento, faz-se importante entender que as influências sociais sobre uma comunidade de fala também ocorrem, e talvez de forma muito mais rígida, em relação aos textos escritos. O texto escrito, e principalmente o texto literário, por mais aproximado que tente ser da linguagem oral informal, sofre um monitoramento desde a forma de expressão, que deverá ser feita dentro dos critérios que uma comunidade considera como aceitáveis e pertencentes à chamada norma culta, até os critérios propostos pelas gramáticas tradicionais, sobre a boa escrita.

Voltando a Matos e Silva (1997, p. 18), há dois pontos fundamentais que opõem dois momentos da Linguística, o antes e o depois do estruturalismo, que interessam saber: o primeiro refere-se ao rompimento definitivo com a precedência da língua escrita sobre a falada. Qualquer variedade da língua passa a ser objeto de

estudo; e o outro, ao rompimento definitivo de que somente a variedade culta escrita deve ser tratada como objeto, inserindo-se, assim, a gramática descritiva como novo centro de interesse nos estudos da Linguística.

Isso não significa que a língua escrita deixa de ser objeto de estudo da Linguística, mas que o que se alterou foi a perspectiva dada a esse objeto. A língua escrita passa, por exemplo, a ser vista como uma forma de expressão inserida em uma comunidade de fala, sofrendo as mesmas pressões.

Preti (2003, p. 61) entende que os sociolinguistas não devem ignorar o papel da *língua escrita* e, particularmente da *língua literária* sobre os hábitos linguísticos, pois essa linguagem pode modificá-los e contribuir para a sua natural evolução¹⁶. Para o autor, os meios de comunicação de massa tentam fazer uma aproximação entre a linguagem falada e a escrita e os autores de obras literárias aproveitam, em suas obras, a linguagem popular, se não no plano narrativo, nos diálogos entre os personagens, que normalmente estão próximos da realidade oral de cada época.

Ao se estudar a língua como um sistema que obedece influência de fatores sociais, é preciso analisar o aspecto funcional da língua. Isso pode ser feito através da perspectiva Funcionalista.

Segundo Pezzatti (2004, p. 169), a visão funcionalista concebe a linguagem como um instrumento de comunicação e de interação social e a estabelece como um objeto de estudos em que não pode haver separações entre sistema e uso. Para a autora, o funcionalismo descreve as expressões verbais em relação a seu funcionamento em contextos sociais específicos.

O funcionalismo foi um movimento que se originou no estruturalismo. Lyons (1981, p. 207) o descreve como um movimento que “caracteriza-se pela crença de que a estrutura fonológica, gramatical e semântica das línguas é determinada pelas funções que têm que exercer nas sociedades em que operam.” Segundo ele, há uma afinidade entre o funcionalismo e a sociolinguística, pois ambos incluem o comportamento linguístico em uma ampla noção de interação social. Ou seja, o funcionalismo, assim como a sociolinguística, não separa a linguagem do seu contexto social e das influências que os fatores sociais têm sobre a linguagem.

¹⁶ A expressão “natural evolução” foi utilizada pelo autor.

Ao considerar-se estar havendo um processo de mudança quanto à representação do tempo futuro no PB, e que essa mudança baseia-se na concorrência entre a forma sintética do futuro do presente e do pretérito e a perífrase com o verbo *ir*, faz-se importante dar uma atenção especial ao verbo *ir* e suas funções como verbo pleno e auxiliar. Essa atenção significa analisar o processo de gramaticalização deste verbo e suas consequências.

Portanto, entendeu-se que, através das pesquisas, a gramaticalização estaria muito relacionada com a visão funcionalista, pois defende que o uso da linguagem em situações reais de comunicação é o que origina e implementa a formação de novas formas gramaticais.

4 METODOLOGIA

A escolha dos textos escritos é importante uma vez que já existem estudos que analisam as mudanças na língua falada quanto à expressão do futuro. Após a leitura de estudos como os de Gibbon, Görski, Travaglia e Oliveira, entre outros, entendeu-se haver a necessidade de uma análise, tendo por objeto os textos escritos, sobre a representação verbal da expressão do futuro.

Entendeu-se que apesar de a pesquisa basear-se na linguagem escrita, o que significa um tipo de linguagem controlada, ainda assim ela apresenta traços da língua oral. De acordo com Preti (2003, p.) está entre as grandes conquistas no plano literário o fato de se procurar aproximar a língua literária da língua falada. Essa não é uma preocupação tão atual, de modo que muitos escritores, em especial os romancistas, sempre procuraram fazer essa aproximação como forma de cativar o leitor. Para o autor, por exemplo, foram os escritores românticos os primeiros a reagir contra a tirania das gramáticas, opondo-se ao purismo arcádico com um estilo que pedia para o coloquial. Quase todos receberam influência decisiva do estilo das redações de jornais, principalmente, porque a maioria trabalhou nessa área, impregnando-se da linguagem do dia-a-dia da imprensa.

Com base nesta posição do autor, entendeu-se que, apesar de a linguagem escrita ser muito mais controlada e com maior característica de uso formal, ainda assim, acredita-se que ela mantém, de alguma maneira, marcas da oralidade e que isso poderá ser verificado, pelo menos no que se refere ao distanciamento existente, mesmo nesta forma de linguagem, na comparação com o que é normatizado pelas gramáticas tradicionais.

Sendo assim, fez-se uma seleção de obras literárias de autores conhecidos, conforme será melhor explicado a seguir, na maioria romances, tendo ainda um livro de contos e um livro de coletânea de textos publicados em jornal. Pressupôs-se que este tipo de literatura teria uma linguagem mais “acessível” e menos formal de linguagem.

4.1 A DELIMITAÇÃO DO CÓRPUS

Para a realização da coleta de dados foram selecionadas 15 obras literárias, com textos narrativos ficcionais, 5 a cada 50 anos, perfazendo um total de 15 livros. Como critério para a seleção das obras foi verificado, particularmente, o tipo de texto, dando-se preferência aos romances, pois estes, pressupôs-se, conteriam mais usos de expressões do futuro. A obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato, foi o único livro de contos utilizado. No caso deste autor, os livros infantis foram excluídos por se entender que haveria um tipo de linguagem específico e dirigido ao público infantil. O interesse em *Cidades Mortas* fundamentou-se em função da obra apresentar, em sua maioria, narrativas voltadas para o futuro e em função da intenção de se selecionar obras com datas de publicações alternadas dentro do período de 50 anos previsto.

A outra obra não romanceada foi *Manual do Guerreiro da Luz*, de Paulo Coelho. Entendeu-se que, por ser uma obra de coletâneas de textos publicados no Jornal Folha de São Paulo, do ano de 1995, ela teria uma linguagem voltada ao público em geral, o que implicaria em uma linguagem mais acessível, mais informal.

Foram adotados, como critérios para a seleção das obras, a data de nascimento dos autores, bem como a data da publicação de cada obra. No caso da data de nascimento dos autores, ela reflete as idades diferentes, o que significa que eles utilizam a fala de um período específico de tempo. Sob uma ótica variacionista para que seja feita uma análise transversal de uma amostra sincrônica, como é o caso do cópulus constituído para este trabalho, utiliza-se a faixa etária dos informantes, o que permite uma avaliação diacrônica à análise. Isso foi o que Labov (1999, p. 45-54) denominou de *tempo aparente*, que é um procedimento através do qual se pode projetar o tempo real, permitindo um estudo da transição e implementação das variáveis. Em relação à diferença de idade entre o mais velho dos autores do primeiro período (Joaquim Manuel de Macedo, 1820) com o mais novo (Raul Pompéia, 1863) há uma diferença de 43 anos, o que significa que, no conjunto os autores estarão reproduzindo a linguagem da primeira metade do século XIX.

Quanto à data de publicação das obras, esta também foi considerada, por haver uma preocupação com a distribuição das obras dentro do período de tempo estudado, isto é, cinquenta anos. Por exemplo: *A Moreninha* é de 1844, *Lucíola* de 1862, *O Ateneu* de 1888, *O Cortiço* de 1890 e *Dom Casmurro* de 1900. Estas são as

obras do considerado, nesta dissertação, 1º período. Cada uma tem sua publicação em uma das décadas do período de 1850 a 1900. *Paris 98*, de Mario Prata, é a obra mais recente, com publicação de 2006.

A seguir a relação dos livros selecionados, divididos por períodos e, dentro destes, pela data de nascimento dos autores:

1850 – 1900 – 1º PERÍODO

1. A Moreninha (1844) – Joaquim Manoel de Macedo (**1820** – 1882)
2. Lucíola (1862) – José Martiniano de Alencar (**1829** – 1877)
3. O Ateneu (1888) – Raul D'Ávila Pompéia – (**1863** – 1895)
4. O Cortiço (1890) – Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (**1857** – 1913)
5. Dom Casmurro (1900) – Joaquim Maria Machado de Assis (**1839** – 1908)

1901 – 1950 – 2º PERÍODO

1. O Triste Fim de Policarpo Quaresma (1911) – Afonso Henriques de Lima Barreto (**1881** – 1992)
2. Cidades Mortas (1919) – José Bento Monteiro Lobato (**1882** – 1948)
3. Amar Verbo Intransitivo (1927) – Mario de Andrade (**1893** – 1945)
4. São Bernardo (1934) - Graciliano Ramos (**1892** – 1953)
5. Terras do Sem Fim (1942) – Jorge Amado de Faria (**1912** – 2001)

1951 – 2006 – 3º PERÍODO

1. Juliano Pavolini (1989). Cristovão Tezza (**1952** –).
2. O Estorvo (1991) – Francisco Buarque de Holanda (**1944** -)
3. Xangô de Bake Street (1996) – José Eugenio Soares (**1938** -)
4. Manual do Guerreiro da Luz (1997). Paulo Coelho (**1947** –)
5. Paris 98 (2006). Mario Prata (1946 -)

4.2A COMPOSIÇÃO DO CÓRPUS

4.2.1 Os casos do verbo haver

A perífrase formada com *haver* mereceu uma atenção especial em função das suas peculiaridades. Foi possível verificar, durante o levantamento dos dados, as mudanças ocorridas em relação a ela.

Com base no *cópus*, verificou-se que a perífrase com *haver* predominou, principalmente, no primeiro período. Porém, a particularmente formada com *havia+de*, apareceu em número muito reduzido:

- 006) Junto ao leito de um moribundo jurou que **havia de amá-la** para sempre.
A Moreninha, p. 85.
- (007) Ele bem que tinha falado que o menino **havia de fazer** um barulhão.
Amar Verbo Intransitivo, p. 137.

Estes casos ocorreram somente em alguns livros do primeiro e do segundo período. Foram 27 o total de “*havia de*” nos livros, sendo que 19 ocorrências, no primeiro período e 9 no segundo. Não houve ocorrências nas obras do terceiro período. Em virtude destes números, optou-se por incluir esta perífrase na contagem das formas verbais terminadas em *-ia*, como variante do pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito.

A rodada das ocorrências foi feita no programa VARBRUL para Microcomputadores, em uma versão desenvolvida em 1988, por Suzan Pintzuk.

Ocorreram alguns nocautes nas rodadas em que algumas variantes eram em número muito limitado. Este foi o caso das ocorrências *haver+de*, no presente do indicativo e com a perífrase *havia+de*, sendo que a segunda, conforme dito, foi incluída na variante pretérito imperfeito, com valor de futuro do pretérito. Para os casos com a perífrase com *haver+de*, foram criados 3 itens fictícios, incluídos nos livros, do terceiro período, *Juliano Pavolini, Manual do Guerreiro da Luz e Paris 98!*, pois eles não apresentaram nenhuma perífrase com *haver+de*, no presente do indicativo e, só assim, foi possível a rodada geral, com todos os períodos. Estes itens foram, também, considerados nas rodadas dos tipos de orações e nas de contagem de sílabas.

4.2.2 Problemas e restrições

Ao iniciar esta pesquisa, foram codificadas variantes que, no decorrer do levantamento, apareceram em número muito limitado. Ainda que a proposta deste

trabalho não tenha sido a de se analisar todas as formas de representação de futuro no PB, entendeu-se ser necessário se fazer alusão a algumas construções, tanto como forma de registro, como indicação de pesquisas futuras. Tais casos estão elencados abaixo:

a. Perífrases com gerúndio

Entre elas estavam alguns tipos de perífrases formadas com gerúndio. A princípio foram codificadas as formas:

presente+gerúndio;

futuro do presente + gerúndio e futuro do pretérito+gerúndio;

perífrase com ir+inf. e ia+inf. +gerúndio;

haver+de+inf. e havia+de+inf. +gerúndio.

Os resultados deste levantamento estão em quadro abaixo:

Tabela 1: quadro demonstrativo das ocorrências de perífrases com gerúndio.

Livros	ia + gerun	ir+ gerund.	futuro presente + gerund.	futuro pretérito + gerundio	Presente + gerundio
A Moreninha	X	X	1	2	X
Dom Casmurro	X	X	2	2	1
O Ateneu	X	X	X	X	X
O Cortiço	X	X	X	X	X
Luciola	X	X	X	X	X
Amar	X	X	5 (3 com continuará)	X	X
Cidades	X	X	2	1	X
São Bernardo	X	X	X	4	X
Terras	X	X	2	4	X
O Triste Fim	X	X	X	X	X
Juliano Pavolini	X	X	2 (com continuará)	4	X
Manual	X	2	4 (todas com verbo terminar)	X	1
O estorvo	1	1	12	4	X
O Xangô	X	3	1	X	X
Paris 98	X	X	X	3	X
Total	1	6	31	24	2

Algumas destas formas não tiveram nenhum registro, em alguns livros, e 1 ou 2 em outros. Entre as ocorrências das formas do presente mais gerúndio, foram levantadas 1, no livro *Dom Casmurro*:

- (008) Manda-se lá um preto dizer que o senhor **fica almoçando**, e **irá** mais tarde. (90).

1, no *Manual do Guerreiro de Luz*:

- (009) A mão **termina sarando**; mas a criança que terminou apanhando porque seu pai perdeu um combate terminará marcada pelo resto da vida.(p. 152)

1 em *O Estorvo*:

- (010) Mas o jipe prefere cortar caminho ribanceira abaixo, e desaba no pátio, e vai invadir a varanda, e **freia encostando** nos meus meniscos.(p.92).

e 2 em *Terras do Sem Fim*:

- (011) Daqui a cinco anos **tou lhe vendendo** cacau dessas terras. E aí a gente **pode impor** os preços... (p. 218).

- (012) **Vou retirando** toda semana. (p. 218).

Quanto aos casos das perífrases formadas com o futuro simples mais gerúndio, ocorreram um total de 31 ocorrências, em todos os livros. O problema é que alguns livros como *O Ateneu*, *O Cortiço*, *Lucíola*, *São Bernardo*, *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Paris 98!* não obtiveram nenhuma ocorrência, o que acarretaria em nocaute ou a inclusão de itens fictícios para possibilitar a rodada estatística. *O Estorvo* teve 12 casos deste tipo de perífrase, isto é, 1/3 das ocorrências, e *Amar Verbo Intransitivo* apresentou 5 perífrases, das quais 3 constituíram-se com o verbo *continuar*:

- (013) Não vendeu nem **venderá**. E **continuará** sempre **fazendo-os** muito bom.(p. 60)
 (014) E assim **continuará repetindo** o cânone infinito até que se convença do que afirmo. (p.61).
 (015) Depois do passeio **continuará desconhecendo** a Tijuca. (p. 119).

Já o livro *Manual do Guerreiro da Luz* apresentou 5 ocorrências desta perífrase com gerúndio e todas com o verbo *terminar*:

- (016) E **terminarão encontrando**. (p. 104).
 (017) Ela **terminará perdendo** o sentido, e depois **ganhará** um significado novo. Deus **abrirá** as portas, e você **terminará usando** esta simples palavra para dizer tudo o que queria. (p. 131).

- (018) Se der atenção ao que ele está dizendo, **terminará fazendo** um trabalho que não é o seu; o jardim de que agora cuida **será** ideia do vizinho. (p.149)

Entendeu-se que o registro separado, desta perífrase, não obteria resultados confiáveis. Essa forma foi, portanto, incluída na contagem das ocorrências do futuro simples.

Os casos de futuro do pretérito mais gerúndio perfizeram um total de 24 casos, em todos os livros. Ocorreu, com este tipo de perífrase, o mesmo que com as constituídas com o futuro do *presente* + *gerúndio*. Livros como *O Ateneu*, *O Cortiço*, *Lucíola*, *Amar Verbo Intransitivo*, *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, *Manual do Guerreiro da Luz* e *O Xangô de Baker Street* não apresentaram nenhuma ocorrência com este tipo de perífrase. O livro em que a perífrase, com futuro do pretérito mais gerúndio, mais apareceu foram *São Bernardo*, *Terras do Sem Fim*, *Juliano Pavolini* e *O Estorvo*, com 4 ocorrências cada.

Registraram-se, apenas, três casos de perífrase formada com *ir+inf.+gerúndio* e somente um caso com *ir* no futuro do pretérito *+inf.+gerúndio*. São elas:

- (019) Pensa que nada tem a dizer, que **vai ficar repetindo** bobagens sem sentido.
Manual do Guerreiro da Luz, p. 33.
- (020) Conserve as bênçãos para si mesmo, ou **vai terminar perdendo** tudo.
Manual do Guerreiro da Luz, p. 45.
- (021) Ela **dirá** que, se ninguém der um basta nessas festas os dois **vão acabar morando** num conjugado.
O Estorvo, p. 109.
- (022) Desta vez deixo a campanha soar dez, doze vezes, poderia soar duzentas vezes que ela nunca mais vai me atender. E desde a descida da serra algum impulso me dizia que hoje eu **iria acabar ligando** para a minha ex-mulher.
O Estorvo, p. 36

b. As construções com preposições mais infinitivos

Embora haja estudos, a exemplo de Ilari (2000), sobre a relação do uso de preposições em expressões que indicariam futuro, como nos casos que serão vistos abaixo, principalmente, nas acompanhadas de verbos no infinitivo, este será um estudo feito em outro momento. Isso por não estarem previstos nos objetivos deste trabalho, uma vez que não se tratam de perífrases e por não permitirem uma mesma interpretação semântica que o futuro do presente.

(023) - Enfim, **para acabar** de uma vez esta já longa conta das senhoras que se achavam na sala, ...

A Moreninha, página 12.

(024) O mar amanhã **está de desafiar** a gente...

Dom Casmurro, p. 132

c. O infinitivo

O uso dos infinitivos para expressão do futuro depende, em grande parte, de uma análise semântica específica, uma vez que os verbos no infinitivo, por si só, não têm expressão enquanto verbo. Eles estão ancorados em outros elementos, como no uso dos advérbios (*amanhã, hoje*), conjunções subordinativas temporais (*quando, enquanto, logo que*) e referências dêiticas. Além disso, eles podem ocorrer em diferentes locuções verbais, formadas por dois verbos no infinitivo por exemplo, em que somente o contexto poderá demonstrar futuramente:

(025) Mas se o achaste, **compreenderás** que eu, **depois de estremecer**, tivesse um ímpeto de atirar-me pelo portão fora, **descer** o resto da lareira, **correr, chegar** à casa do Pádua, agarrar Capitu e intimar-lhe que me confessasse quantos, quantos...

Dom Casmurro, p. 83.

(026) Jurei não **ir ver** Capitu aquela tarde, nem nunca mais...

Dom Casmurro, p. 94.

Desta forma, uma análise dos verbos infinitivos como expressão de futuramente implicaria em se considerar uma série de variáveis, dados os contextos diferentes, o que exigiria uma nova pesquisa.

d. O verbo ser

O verbo *ser* pode expressar existência e, na maior parte dos casos, é chamado de verbo de ligação, e tem uma função meramente copulativa. Para esta pesquisa, foram consideradas somente as ocorrências do verbo *ser* no futuro do indicativo, isto é na forma *será*, quando estas permaneceram com seu valor de futuramente, indicando uma ação futura.

(027) E você **será** minha rainha.

Juliano Pavolini, p. 138.

(028) Onde **será** que **eu vou poder encontrar** de novo aquela mulata?

O Xangô de Baker Street, p. 153.

Alguns usos do verbo *ser* no futuro do indicativo, como nos exemplos a seguir, não foram registrados, uma vez que eles não expressam futuro, expressando somente uma conjectura, um tipo que pergunta para a qual não se espera resposta:.

(029) Haverá estupidez maior que atormentar-se um vivente por gosto? **Será?** Não **será?** ...
Será? Não **será?**

(São Bernardo, Graciliano Ramos, pág. 148).

(030) 'O imperador entrou em casa de D. Glória! **Que será!** **Que será?**'

Dom Casmurro, p. 48

Nesse sentido, utilizou-se a perspectiva de Said Ali (1971, p.320), que enfoca o, por ele denominado, futuro problemático, normalmente empregado em orações interrogativas. É o futuro que, apesar de apresentar o verbo morfologicamente na forma de futuro, implica mais em uma concepção instrumental. Para o autor, essa foi a razão da denominação de *futuro problemático*, pois, nesses casos, a forma verbal não significaria incerteza, dúvida, mas sim, uma pergunta difícil de se responder em seguida, de pronto. A resposta viria depois de um tempo que não se pode prever. É, conforme Ali, "uma averiguação vindoura exatamente como nas asserções problemáticas". Aliás, para estes tipos de questionamentos, muitas vezes nem se esperam respostas.

Foi somada, às demais ocorrências de futuro do presente no livro *Amar Verbo Intransitivo*, a seguinte expressão:

(031) Ninguém o saberá jamais.

Amar Verbo Intransitivo, p. 105

Essa expressão foi utilizada oito vezes pelo autor, durante o texto. A quantidade de uso dessa expressão, em relação ao número de ocorrências de expressão do futuro no livro, que foram 230 ocorrências, entre as quais 57 são de futuro do presente, pareceu ser significativa, pois equivale a, aproximadamente, 20 por cento.

e. As citações religiosas

O uso de citações religiosas, feitas nas obras literárias, não foi registrado por entender-se não serem parte da obra, isto é, não fazem parte da linguagem do autor, propriamente dita.

(032) Não **terás** misericórdia com ele, mas **far-lhe-ás pagar** vida por vida, olho por olho...
Terras do Sem Fim, p. 119

f. As elipses

Nos casos em que apareceram elipses, só foram feitos os registros das orações nas quais apareceu a forma verbal a ser estudada e não os das orações em que a forma verbal foi suprimida. Isso porque se entendeu não ser possível predizer se a forma que seria utilizada em seguida seria a forma flexional ou a perifrástica.

(033) “As Lauras **olharão** sempre o céu. Os Felisbertos sempre o chão.”
Mário de Andrade, Amar Verbo Intransitivo, p. 81

No exemplo acima, não se pode afirmar com certeza se a segunda oração ficaria: *Os Felisbertos sempre olharão o chão*, ou *Os Felisbertos sempre vão olhar o chão*. Além disso, a forma verbal, nesses casos, não aparece e, sendo assim, não há o que registrar.

4.3A DELIMITAÇÃO DA VARIÁVEL

Foram consideradas, para esta pesquisa, duas variáveis dependentes quanto à expressão do futuro: o futuro do presente do indicativo e o futuro do pretérito. Para cada variável foi identificado um conjunto de variantes.

Para o futuro do presente do indicativo, foram consideradas as variantes:

- **o futuro sintético, o presente do indicativo (quando utilizado como expressão do futuro),**
- **a perífrase formada com ir+inf..**
- **e a perífrase formada com o verbo haver+ de.**

As leituras realizadas demonstraram ser a perífrase com *haver+de* muito frequente no século XIX, como forma de expressar o futuro, (conforme apresentado no capítulo anterior).

(034) Por que não **há de sair** a sorte grande de um desditoso destes?
Cidades Mortas, Monteiro Lobato.

(035) Mas **havia de confessar**?
Cidades Mortas, Monteiro Lobato.

Os exemplos (034) e (035) constituem parte do *cópus*. O exemplo (034), como os demais exemplos com o verbo *haver* no presente do indicativo, foi incluído entre os grupos de fatores da primeira variável. O exemplo (035), como os demais exemplos com o verbo *haver* no imperfeito ou no futuro do pretérito, foi incluído entre os grupos de fatores da segunda variável. Porém, foram realizadas rodadas com a perífrase com *haver*, somente dos dois primeiros períodos, uma vez que do terceiro período, três dos livros selecionados não apresentaram tal perífrase.

Quanto à variável futuro do pretérito, foram registradas as variantes:

- **formas verbais no futuro do pretérito simples**
- **formas verbais no pretérito imperfeito, com valor semântico de futuro do pretérito**
- **e o uso da perífrase formada com -ia+inf.,.**

Houve ainda uma distinção, entre as formas do imperfeito, feita com as formas verbais terminadas *-ia* e *-ava*,:

(036) **la comer** os lucros do cacau, nunca mais **plantava** roça, nunca mais **derrubava** mata.

Terras do Sem Fim, Jorge Amado, p. 261.

(037) Por causa das amantes! e depois você pensa que Carlos, se não tivesse Fräulein, não **aprendia** essas coisas da mesma forma? **Aprendia** sim senhora! ...

Amar Verbo intransitivo, p. 82

O objetivo desta distinção foi o de se verificar, posteriormente a este trabalho, se o uso de uma ou outra forma poderia ser determinado pelo número de sílabas.

4.4 CONTEXTO ORACIONAL

Conforme explicado anteriormente, as gramáticas tradicionais costumam estabelecer uma relação entre os verbos e os tipos de orações em que aparecem. Com base nisso, os tipos de orações foram considerados como um contexto desencadeador, que pode propiciar uma determinada forma verbal. No entanto, o estudo de cada tipo de oração mostrou-se extremamente produtivo, o que significa que um aprofundamento sobre o comportamento desses tipos implicaria em nova pesquisa, o que seria inviável para os objetivos deste trabalho.

Ressalte-se que a verificação do contexto oracional não teve, por objetivo, uma análise detalhada sobre o assunto. Isso significaria uma fundamentação teórica calcada na Sintaxe, como disciplina teórica, o que fugiria das propostas aqui referenciadas. Além disso, o foco deste levantamento objetivou servir, simplesmente, como um levantamento diagnóstico, que deverá ser utilizado, posteriormente, para pesquisas mais específicas sobre o assunto, especialmente voltadas aos resultados obtidos.

Dessa forma, são feitas explicações abaixo sobre os motivos que ensejaram a seleção de cada tipo de oração, sendo demonstrados somente os referenciais teóricos que a motivaram.

Mattoso Câmara (1956, p. 4), por exemplo, demonstrou haver uma relação, no caso das formas terminadas em *-ria*, entre as denominadas apódoses, isto é, orações principais condicionadas por uma prótase, orações condicionantes. Tal relação se dá quando a prótase apresenta um tipo de condição que desencadeará, na apódose, uma forma verbal no futuro do pretérito. Em vista disso, tencionou-se verificar na seleção das orações principais, se esse fato pode ocorrer, também, nos casos do futuro do presente.

Foram registradas as orações principais (o)¹⁷, conforme os exemplos abaixo:

(038) Eu **recompensar-te-ei**, se fores fiel.

A Moreninha, p. 9.

(039) **Vai exigir** que Augusto o ajude a forjar cruel cilada contra uma jovem de dezessete anos, cujo único delito é ter sabido amar o ingrato com exagerado extremo.

A Moreninha, p. 15.

Nestes casos, o registro foi feito quando a ocorrência da expressão de futuro estivesse na oração principal. Registraram-se também, somente como oração principal, os casos que estivessem em coordenadas e a coordenada tivesse períodos compostos, ou seja, neste caso foi feito o registro da ocorrência na oração principal e não como ocorrência em oração coordenada.

Foram ainda selecionadas as oração absolutas, com a simples intenção de se verificar se seriam um ambiente propício a qualquer uma das formas, considerando serem, em sua maioria, um tipo de oração assertiva, o que estabelecerá um

¹⁷ A letra que aparece entre parênteses foi a codificação utilizada para as rodadas estatísticas

contexto *realis* de realização, propício às perífrases de futuro do presente, conforme resultados obtidos por Görski *et. alli.*, vistos na seção 3.2.5.1.

Abaixo, exemplos retirados do *córpus*, das orações absolutas (w):

(040) Dona Laura nunca **subiria** a escada outra vez.

Amar Verbo Intransitivo, p. 5.

(041) Lá **estarei** sem falta.

Cidades Mortas, p. 89.

Conforme visto na página 31, pode haver uma alternância entre o uso das formas que expressam futuro do pretérito, conforme Mattoso Câmara motivada por impulsos estilísticos, pois isso quebraria a monotonia formal ou acrescentaria certas diferenças modais. Selecionaram-se, então, as orações coordenadas, cujos resultados levarão, posteriormente, a uma análise da alternância das formas.

Orações coordenadas (c):

(042) Nem *precisava* sentir o medo que senti: ninguém me **reconheceria**, ninguém me **levaria** pela orelhas de volta ao ninho, a cidade inteira fiscalizava meu pai.

Juliano Pavolini, p. 17.

(043) Mas agora se **salvará** pois Fräulein **fica**. Os dois cônjuges se sentem descansadamente satisfeitos. **Vão se vestir, vão viver**.

Amar Verbo intransitivo, p.87.

No exemplo (042), a ocorrência do pretérito imperfeito foi registrado como oração principal e, em seguida, foram feitos os registros dos verbos no futuro do pretérito, como orações coordenadas. Já no exemplo (043), todas as ocorrências foram registradas em orações coordenadas.

No caso das orações interrogativas, partiu-se do pressuposto de que uma análise morfo-sintática poderia estabelecer uma relação entre um contexto *realis* e *irrealis*, ou de hipótese e conjectura. Contudo, verificou-se que a análise das interrogativas implicou em se trabalhar com alguns conceitos teóricos da sintaxe, cujo aprofundamento estenderia, e muito, a abrangência da pesquisa. Isso porque o estudo das interrogativas envolve estabelecer, em primeiro lugar, se seriam analisadas as chamadas interrogativas Q, ou interrogativas abertas, que, segundo Perini (2002, p. 63), caracterizam-se por conterem um elemento interrogativo, tirado

da lista *(o) que, (o) quê, quem, quando, como, por que, onde, qual*, ou as interrogativas fechadas, também chamadas de interrogativas sim e não.

A princípio, entendeu-se ser possível analisar as interrogativas fechadas, contudo, isso significaria um novo e separado levantamento de dados, do qual deveriam constar as perguntas e as respostas para, com isso, se verificar se uma forma na pergunta corresponderia a uma mesma forma verbal na resposta. Porém, tal estudo necessitaria ainda, da subdivisão entre as diretas e as indiretas, e das orações interrogativas subordinadas (Perini, p. 141). Novamente percebeu-se que a extensão deste estudo comprometeria o bom desenvolvimento dos objetivos aqui propostos. Sendo assim, foi feito simplesmente o levantamento das interrogativas e as formas que delas constam, para que o estudo dos resultados propicie uma análise posterior.

Abaixo exemplos de orações interrogativas retiradas do *cópus*:

Orações interrogativas (z):

(044) Mas se não tenho! **Hei de furtar?**

São Bernardo, p. 23.

(045) **Gostaria de examinar** os cadáveres?

O Xangô de Baker Street, p. 100.

(046) Quando **teremos** um assim!

Cidades Mortas, p. 201.

Observa-se que, em casos de ocorrências como a do exemplo (046), há um questionamento, embora a oração não esteja na forma interrogativa, isto é, não apresenta um ponto de interrogação. São os tipos de interrogativas que não são pergunta, mas que foram selecionadas como tal

Houve, também, a seleção das orações subordinadas, uma vez que essa seleção foi considerada consequência necessária para a compreensão dos resultados.

Orações subordinadas (j):

(047) Pádua obedeceu, confessou que **acharia** forças para cumprir a vontade de minha mãe.

Dom Casmurro, p. 36.

(048) Dizia para si mesmo que **ia fazer** dinheiro para ela e para o filho, **voltaria** com um ano.

Terras do Sem Fim, p. 25

(049) Junto da doente, morrem todas as coragens dela, se põe chorando amalucada, quer se mover e não atina com o que **vai fazer**.

Amar Verbo Intransitivo, p. 114.

No caso destas últimas, as orações subordinadas (finais, proporcionais, causais, etc.) foram consideradas simplesmente como subordinadas, a exceção das temporais e das condicionais, que receberam codificação separada (temporais (t) e condicionais (s)), por se entender que estas orações seriam contextos de maior número de ocorrências para as formas perifrásticas .

4.5 NÚMERO DE SÍLABAS

Outro contexto considerado foi o número de sílabas no uso da expressão do futuro, tanto nos casos do futuro simples, como nos casos das perífrases. Em se tratando das perífrases, a contagem foi feita com a transformação da perífrase em forma sintética, isto é, em formas como *vou fazer*, contou-se como *farei*. Isso porque o registro do *auxiliar + infinitivo* poderia interferir nos resultados.

Então, a intenção foi a de se verificar se verbos com mais de quatro sílabas, por exemplo, implicam em uso de perífrase e se os verbos dissilábicos implicam em uso de futuro sintético. Nesse sentido, um verbo como *transferir*, com três sílabas, ocorreria mais vezes em formas perifrásticas como *Vou transferir*, *Há de transferir*, do que no futuro simples *transferirei*.

Foram, conforme visto, especificados quatro grupo de fatores:

- ***o primeiro, trata do livro em que aconteceram as ocorrências, o que possibilitou a verificação do período e do autor;***
- ***o segundo, foi formado pelas variáveis que expressam o tempo futuro;***
- ***o terceiro, foi formado pelas orações nas quais apareceram as ocorrências***
- ***e o quarto grupo, foi formado pelo registro do número de sílabas dos verbos.***

Especificada a metodologia e os critérios adotados, segue-se para a apresentação e análise dos dados.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Realizado o levantamento dos, verificou-se que, ainda que na somatória dos três períodos a forma sintética do futuro do presente apresente uma vantagem tanto em número de ocorrências, quanto em porcentagem, está havendo uma concorrência entre a forma sintética e as perifrásticas, pois as formas perifrásticas perfizeram 1361 ocorrências, em um total de 2616 ocorrências.

A seguir serão apresentados os resultados das duas variáveis dependentes, futuro do presente e futuro do pretérito, separadamente, por período e por grupos de fatores:

5.1 O FUTURO DO PRESENTE

Nesta seção serão vistos os resultados sobre a expressão do futuro do presente do indicativo.

Tabela 2: Futuro do presente: Rodada Geral - todos os períodos, todas as variantes,.

Livros	Per	vou + inf.			Futuro simples			Presente			Haver + de + inf.			Total
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
A Moreninha	1º	32	12	.084	209	75	.441	7	3	.071	29	10	.403	277
Lucíola	1º	19	9	.049	142	65	.293	32	15	.334	24	11	.324	217
Dom Casmurro	1º	49	15	.068	141	44	.135	51	16	.245	79	25	.553	320
O Cortiço	1º	22	12	.045	72	38	.113	55	29	.426	41	22	.417	190
O Ateneu	1º	9	33	.142	8	30	.091	2	7	.127	8	30	.640	27
Policarpo Quar.	2º	43	37	.191	29	27	.097	24	21	.371	16	15	.342	112
Cidades Mortas	2º	23	12	.103	147	79	.482	1	1	.015	16	9	.400	187
São Bernardo	2º	37	38	.187	29	29	.110	25	26	.531	7	7	.171	98
Amar Verbo Intrans.	2º	36	33	.236	63	56	.369	4	4	.112	8	7	.283	111
Terras do Sem Fim	2º	186	61	.424	55	18	.081	54	18	.411	8	3	.084	303
O Xangô de B. Stre.	3º	64	44	.346	61	42	.228	15	10	.297	5	3	.129	145
O Estorvo	3º	62	22	.244	205	73	.559	10	4	.127	3	1	.069	280
Manual do Guerreir.	3º	19	22	.247	64	74	.587	2	2	.097	1	1	.069	86
Juliano Pavolini	3º	147	77	.615	26	14	.082	18	9	.285	1	1	.018	192
Paris 98	3º	63	89	.760	4	6	.038	3	4	.148	1	1	.055	71
Total		811	31		1255	48		303	12		247	9		2616

Incluídos 3 dados para o verbo haver, no terceiro período: Juliano Pavolini, Manual do Guerreiro da Luz e Paris 98.

Foram registrados um total de 2.616 dados para esta variável, distribuídos nos três períodos estudados. A tabela 1 mostra o peso relativo da perífrase *ir+inf.* nos três períodos, em relação à forma sintética do futuro do presente. Este resultado

foi obtido através da rodada eneária¹⁸, com a variável dependente *futuro do presente* e as variantes *ir+inf.*, *haver+de* e *presente do indicativo*.

Na tabela a seguir, as obras estão listadas do maior peso relativo ao menor:

Tabela 3: Futuro do Presente: *Peso Relativo da perífrase com verbo ir+inf. no presente do indicativo, em relação à todas as variantes.*

Livros	Nasc. Autor	Período	Peso Relativo
Paris 98	1956	3º	.76
Juliano Pavolini	1952	3º	.62
Terras do Sem Fim	1912	2º	.42
O Xangô de Baker Street	1938	3º	.35
Manual do Guerreiro da Luz	1947	3º	.25
O Estorvo	1944	3º	.24
Amar Verbo Intransitivo	1893	2º	.24
O Triste Fim de Policarpo Quaresma	1881	2º	.19
São Bernardo	1892	2º	.19
O Ateneu	1863	1º	.14
Cidades Mortas	1882	2º	.10
A Moreninha	1820	1º	.08
Dom Casmurro	1839	1º	.07
O Cortiço	1857	1º	.05
Lucíola	1829	1º	.05

* 1º Período: 1850 a 1900; 2º Período: 1901 a 1950; 3º Período: 1951 a 2000. (data de publicação da obra)

Nesta rodada, a evolução da forma perifrástica em relação à forma sintética do futuro do presente ficou bastante evidente. A progressão linear, por período, é quase constante. Porém, observa-se que alguns autores fogem a essa linearidade, como é o caso de Jorge Amado, com o livro *Terras do Sem Fim*, no qual o uso de perífrases o coloca em um mesmo nível que os autores do 3º período. Raul Pompéia, com *O Ateneu*, autor do 1º período, apareceu entre as obras do 2º.

Este estudo demonstrou ter havido variação entre os tipos de perífrases e as formas de expressão do futuro nos períodos. Em função disso, fez-se necessária uma análise feita por período, através da qual fosse possível avaliar o comportamento de cada uma das formas no decorrer do tempo estudado.

1º Período

No primeiro período foi registrado um total de 1031 ocorrências, entre as quais há 572 ocorrências da forma do futuro simples, 131 na forma perifrástica com

¹⁸ Rodada eneária: a variável dependente, futuro do presente, com as três variantes, perífrase com *ir+inf.*, *haver+de* e *presente do indicativo*.

o verbo *ir*, 181 com a forma perifrástica com o verbo *haver* e 147 com a forma do presente do indicativo. A somatória das formas perifrásticas mais o presente somam um total de 459 ocorrências, em oposição às 572 do futuro simples. Esses dados indicam ser o primeiro período o período no qual apareceram mais ocorrências de expressão de futuro, além de ser o que mais ocorre a forma sintética.

No entanto, a forma sintética não surgiu em número tão maior que as formas perifrásticas. Houve, principalmente, uma competição entre a forma perifrástica com *ir+inf.*, com a perífrase com *haver+de* e o *presente do indicativo*. No decorrer dos períodos, porém, se observará que a forma com *haver+de* vai desaparecendo e sendo substituída pela perífrase com o verbo *ir*.

Na tabela abaixo estão expostos os pesos relativos com todas as variantes do primeiro período¹⁹:

TABELA 4: Futuro do Presente - 1º Período – todas as variantes

Livros	Nasc. Autor	vou + inf.			Futuro simples			Presente			haver +de + inf.			Total
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
A Moreninha	1820	32	12	.084	209	75	<u>.441</u>	7	3	.071	29	10	.403	277
Lucíola	1829	19	9	.049	142	65	.293	32	15	.334	24	11	.324	217
Dom Casm.	1839	49	15	.068	141	44	.135	51	16	.245	79	25	.553	320
O Cortiço	1857	22	12	.045	72	38	.113	55	29	<u>.426</u>	41	22	.417	190
O Ateneu	1863	9	33	<u>.142</u>	8	30	.091	2	7	.127	8	30	<u>.640</u>	27
Total		131	10		572	62		147	12		181	16		1031

A distribuição dos dados no período indica que, de maneira geral, cada autor tinha uma tendência para o uso de uma das formas. Joaquim Manoel de Macedo, de *A Moreninha*, mantém uma equivalência de uso entre o futuro do presente simples e a perífrase formada com o verbo *haver*. Nota-se que, neste período, esta perífrase ainda supera as demais formas de futuro.

A análise dos dados demonstrou ainda, que houve outra variante que competiu com a perífrase formada com *ir+inf.*, para expressar futuro - as formas do *presente do indicativo*. Este fato, aliás, exigiu rodadas feitas somente com as variantes *futuro simples*, *perífrase* e *presente*, feitas por período. Essas rodadas foram feitas com o intuito de se comparar a importância de cada uma delas no período, e a tabela 6 demonstra os pesos relativos somente destas três variantes:

¹⁹ Foram sublinhados, nas tabelas, o maior peso relativo entre as formas, por obra.

Tabela 5: Futuro do Presente – 1º período – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com *vou+inf.*; futuro do presente simples e presente do indicativo.

Livros	Autor	Nasc. Autor	vou + inf.			Futuro simples			Presente		
			Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
A Moreninha	Macedo	1820	32	13	.286	209	84	<u>.625</u>	7	3	.089
Lucíola	José de Alencar	1829	19	10	.179	142	74	.406	32	17	<u>.415</u>
Dom Casmurro	Machado de Assis	1839	49	20	.322	141	59	.252	51	21	<u>.426</u>
O Cortiço	Aluísio de Azevedo	1857	22	15	.191	72	48	.189	55	37	<u>.620</u>
O Ateneu	Raul Pompéia	1863	9	47	<u>.630</u>	8	42	.165	2	11	.205
Total			131	15		572	67		147	17	

No 1º período há uma concorrência entre as formas de expressar futuro, embora se observe um aumento considerável do uso da perífrase. Interessante observar, que o aumento do peso relativo da perífrase para (.630), implicou na diminuição do uso do presente, cuja obra de maior peso relativo foi *O Cortiço*, com .620. Ao que parece, houve uma polarização entre as formas, implicando no uso de uma, ou de outra. Em *O Ateneu*, por exemplo, o peso relativo da perífrase foi de .630, enquanto o peso relativo de cada uma das outras duas formas não chega à metade desse valor. Somente na obra *Lucíola* e em *Dom Casmurro* é que duas formas ficam aproximadas. Esses resultados são interessantes ao se considerar que, de certa forma, há uma predominância de uma ou outra forma em cada obra do período.

O principal objetivo deste trabalho, porém, foi o de se observar a competição entre a forma sintética do futuro do presente e a forma perifrástica, com o verbo *ir*.

Houve progressão da forma perifrástica, como forma inovadora, que passou a concorrer diretamente com a forma sintética do futuro do presente.

A rodada binária, por período, com as variantes, perífrase com verbo *ir* e futuro simples do presente do indicativo, explicitam essa competição:

Tabela 6: Futuro do Presente – 1º Período – Rodada binária entre a perífrase com *vou+inf.* x futuro do presente sintético.

Livro	Autor	Nasc. Autor	Período	vou + inf.			Futuro simples		
				Nº	%	PR	Nº	%	PR
A Moreninha	Macedo	1820	1º	32	13	.19	209	87	<u>.81</u>
Lucíola	José de Alencar	1829	1º	19	13	.19	142	87	<u>.81</u>
O Cortiço	Aluísio de Azevedo	1857	1º	22	23	.33	72	77	.68
Dom Casmurro	Machado de Assis	1839	1º	49	26	.38	141	74	.63
O Ateneu	Raul Pompéia	1863	1º	9	53	<u>.63</u>	8	47	.37
Total				131	18		572	82	

Comparativamente, em relação à perífrase formada com o verbo *ir + inf.*, com a forma do futuro simples, percebe-se, através da comparação entre as duas formas, a progressão do uso da primeira em relação à segunda. Embora a forma sintética do futuro do presente permaneça, durante este período, com um peso relativo maior que a perífrase, na última obra esse resultado se inverte, indicando que a forma perifrástica começa a suplantar a forma sintética.

2º Período

Neste período, compreendido entre os anos de 1900 e 1950, a comparação das formas de expressão do futuro começa a demonstrar resultados mais efetivos. A perífrase formada com o verbo *haver* começa a entrar em forte declínio, quase desaparecendo ao final do período. De acordo com o cópua analisado, aliás, é possível verificar o percurso feito por esta perífrase nos dois períodos e observa-se que, na comparação entre ambos, ela perdeu força, sendo, aos poucos, substituída pela perífrase com o verbo *ir* e pelo presente do indicativo. O quadro abaixo demonstra os pesos relativos do 2º período, com o comportamento de todas as variantes:

Tabela 7: Futuro do Presente – 2º Período - todas as variantes.

Livros	Nasc. Autor	Ir + infinitivo			Futuro simples			Presente			haver + de + inf.		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Policarpo Quares.	1881	43	37	.191	29	27	.097	24	21	.371	16	15	.342
Cidades Mortas	1882	23	12	.103	147	79	<u>.482</u>	1	1	.015	16	9	<u>.400</u>
São Bernardo	1892	37	38	.187	29	29	.110	25	25	<u>.531</u>	7	7	.171
Amar Verbo Intrans.	1893	36	33	.236	63	56	.369	4	4	.112	8	7	.283
Terras do Sem	1912	186	61	<u>.424</u>	55	18	.081	54	18	.411	8	3	.084
Total		325	41		323	41		108	12		55	6	

Houve um aumento gradual do uso da perífrase com *ir+inf.*, em relação à formada com o verbo *haver* e com a forma do futuro simples. A tabela demonstra, através da comparação dos pesos relativos entre a forma perifrástica com o verbo *ir* e o futuro simples, o favorecimento da forma perifrástica. Em algumas obras, como *São Bernardo*, há um uso maior do presente do indicativo. Monteiro Lobato, por outro lado, como o segundo autor mais velho deste período, mantém uma estabilidade de uso entre a forma do futuro sintético e a perífrase com o verbo *haver*.

O 2º Período também demonstrou um uso bastante frequente do presente na expressão do futuro:

Tabela 8: Futuro do Presente – 2º Período – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com *vou+inf.*, futuro do presente sintético e presente do indicativo.

Livros	Autor	Nasc. autor	vou + inf.			Futuro simples			Presente		
			Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
O Triste Fim	Lima Barreto	1881	43	44	.248	29	31	.133	24	25	.619
Cidades Mortas	Monteiro Lobato	1882	23	13	.140	147	86	<u>.834</u>	1	1	.026
São Bernardo	Graciliano Ramos	1892	37	41	.197	29	31	.135	25	28	<u>.668</u>
Amar Verbo Intr.	Mario de Andrade	1893	36	35	.281	63	61	.570	4	4	.149
Terras do Sem	Jorge Amado	1912	186	63	<u>.409</u>	55	19	.092	54	18	.499
Total			325	43		323	43		108	14	

Verifica-se que na seleção dos livros, o presente mantém uma certa estabilidade no período, ainda que em *Cidades Mortas* e *Amar Verbo Intransitivo* apresente pouco uso.

Mais adiante, ao se tratar do uso do presente no 3º período, será feita uma comparação entre todos os períodos para uma visualização mais ampla dos resultados.

A observação da rodada binária, feita com o futuro do presente e a perífrase com o verbo *ir*, demonstra um maior avanço da forma perifrástica sobre o futuro sintético.

Tabela 9: Futuro do Presente – 2º Período – Rodada binária entre a perífrase com *vou+inf. x* o futuro do presente sintético.

Livros	Autor	Nasc. Autor	vou + inf.			Futuro simples		
			Nº	%	PR	Nº	%	PR
O Triste Fim de Policarpo Qua.,	Lima Barreto	1881	43	59	.72	29	41	.28
Cidades Mortas	Monteiro Lobato	1882	23	14	.21	147	86	<u>.79</u>
São Bernardo	Graciliano Ramos	1892	37	57	.66	29	43	.34
Amar Verbo Intransitivo	Mario de Andrade	1893	36	35	.42	63	65	.58
Terras do Sem Fim	Jorge Amado	1912	186	77	<u>.86</u>	55	23	.14
Total			325	39		323	61	

A comparação entre os pesos relativos da perífrase, em relação ao futuro simples, revela uma semelhança quanto aos resultados do primeiro período, ou seja, permanece o avanço da forma perifrástica, havendo uma inversão de resultados, entre as duas formas. Ressalta-se, porém, que Lima Barreto, o autor mais velho do período tem o segundo maior peso relativo do período. Conclui-se com isso, e com a comparação dos demais resultados que a perífrase com *ir+inf.*, no presente do

indicativo, que neste período a perífrase foi ganhando terreno, com os autores menos conservadores, e passando a concorrer, definitivamente com a forma sintética.

3º Período

A próxima tabela apresenta os resultados da rodada enária do 3º período:

Tabela 10: Futuro do presente – 3º Período – todas as variantes.

Livros	Nasc. Autor	vou + inf.			Futuro simples			Presente			haver +de + inf.		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
O Xangô de Baker Street	1938	64	44	.346	61	42	.228	15	10	<u>.297</u>	5	3	<u>.129</u>
O Estorvo	1944	62	22	.244	205	73	.559	10	4	.127	3	1	.069
Manual do Guerreiro da Luz	1947	19	22	.247	64	74	<u>.587</u>	2	2	.097	1	1	.069
Juliano Pavolini	1952	147	77	.615	26	14	.082	18	9	.285	1	1	.018
Paris 98	1956	63	89	<u>.760</u>	4	6	.038	3	4	.148	1	1	.055
Total		355	47		360	47		48	5		11	1	

A tabela 10 mais uma vez revela a progressão da perífrase ao longo do período. Jô Soares, o autor mais velho do período tem um peso relativo do uso da forma sintética maior que autores mais jovens. Isso pode ter relação com o fato de ele trabalhar com meios de comunicação de massa, o que requer uma linguagem mais formal. Já Mario Prata, que é o autor mais jovem, apresenta o maior peso relativo no uso da perífrase. Ao se comparar os estilos, o que se verificou é que ambos tem um tom informal, mais cômico, porém, ao que parece, a diferença de idade (18 anos) interferiu na frequência de uma ou outra forma.

A rodada ternária, com as variantes: perífrase com o verbo *ir*, futuro do presente e presente do indicativo, indicou algumas diferenças importantes em relação aos períodos anteriores.

Tabela 11: Futuro do Presente – 3º Período – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com *vou+inf.*, futuro do presente sintético e presente do indicativo.

Livro	Autor	Nasc. Autor	Vou+inf.			Futuro simples			Presente		
			Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
O Xangô de B. Street	Jô Soares	1938	64	90	.228	61	6	.330	15	4	.441
O Estorvo	Chico Buarque	1944	62	22	.154	205	74	.680	10	4	.166
Manual do Guerreiro	Paulo Coelho	1947	19	22	.150	64	75	<u>.719</u>	2	2	.132
Juliano Pavolini	Cristovão Tezza	1952	147	77	.414	26	14	.122	18	9	<u>.465</u>
Paris 98	Mario Prata	1956	63	90	<u>.625</u>	4	6	.070	3	4	.305
Total			355	47		360	47		48	6	

A ordem da tabela expressa, em especial, o avanço da forma perifrástica em comparação às outras. Surpreendentemente, este período ainda apresenta um alto peso relativo para o uso da forma sintética do futuro do presente. Os livros *O Estorvo* e o *Manual do Guerreiro da Luz*, apresentam um peso relativo semelhante às obras do 1º período (no caso do *Manual do Guerreiro da Luz*, o peso relativo é superior aos resultados obtidos no 1º período, na comparação das três formas) . Todavia, esses resultados modificam-se nas obras seguintes, sendo que o valor mais baixo da forma sintética corresponde à última obra do período, *Paris 98!*.

Feita a comparação dos três períodos, quanto ao uso do presente, esta demonstrou os seguintes resultados, em peso relativo:

Tabela 12: Futuro do Presente – todos os períodos – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com *vou+inf.*, futuro do presente sintético e presente do indicativo.

Livros	Período	<i>Ir+inf.</i>	Futuro simples	Presente
A Moreninha	1º	.14	.74	.12
Lucíola	1º	.08	.43	.49
Dom Casmurro	1º	.16	.30	.54
O Cortiço	1º	.08	.19	.73
O Ateneu	1º	.37	.27	.36
O Triste Fim de Policarpo Quaresma	2º	.30	.15	.56
Cidades Mortas	2º	.17	.80	.03
São Bernardo	2º	.23	.14	.64
Amar Verbo Intransitivo	2º	.33	.56	.16
Terras do Sem Fim	2º	.47	.09	.45
O Xangô de Baker Street	3º	.40	.26	.34
O Estorvo	3º	.26	.60	.14
Paris 98!	3º	.81	.40	.15
Manual do Guerreiro da Luz	3º	.27	.63	.10
Juliano Pavolini	3º	.63	.08	.29

Observa-se, na comparação dos três períodos, que o processo de variação do futuro do presente, embora tenha sido progressivo, nem sempre foi linear, isto é, houve mudanças na competição entre as variantes. O primeiro período demonstrou ser a perífrase formada com o verbo *haver*, a variante que competia com a formada com o verbo *ir* e a forma sintética. O segundo período evidenciou o declínio do presente do indicativo em relação às duas outras variantes . O terceiro período foi finalizado com a constatação de que a forma inovadora da perífrase formada com *ir+inf.* parece estar se instalando como uma forma preferencial para a expressão do futuro do presente. A análise deste período mostrou uma constante progressão da

forma perifrástica, o declínio do presente do indicativo e a diminuição no uso da forma sintética do futuro do presente.

Na rodada binária, com as duas variantes, a perífrase com o verbo *ir* e o futuro simples, obteve-se os seguintes resultados:

Tabela 13: Futuro do Presente – 3º Período – Rodada binária entre a perífrase com *vou+inf.* x futuro do presente sintético.

Livro	Autor	Nasc. Autor	Per.	Vou+inf.			Futuro simples		
				Nº	%	PR	Nº	%	PR
O Xangô de Baker Street	Jô Soares	1938	3º	64	51	.63	61	49	.37
O Estorvo	Chico Buarque	1944	3º	62	24	.35	205	76	.65
Manual do Guerreiro da Luz	Paulo Coelho	1947	3º	19	24	.36	64	76	.64
Juliano Pavolini	Cristovão Tezza	1952	3º	147	85	.91	26	15	.09
Paris 98	Mario Prata	1956	3º	63	94	.96	4	6	.04
Total				355	39		360	61	

Evidenciou-se, neste período, um grande aumento no uso na forma perifrástica, em especial, entre os autores mais novos do período, Cristovão Tezza e Mario Prata. Mais uma vez chama-se a atenção para a obra de Jô Soares, estando em terceiro lugar, ao se considerar que ele é o autor mais velho do período.

Como estes são os resultados finais do último período, conclui-se que, entre os períodos analisados, houve uma mudança na forma de representar o tempo futuro, mudança que favoreceu a forma perifrástica com o verbo *ir*. A perífrase *ir + inf.* contém um valor temporal, sendo favorecida pelo modo indicativo e pela modalidade deôntica.

5.20 FUTURO DO PRETÉRITO

Na tabela 14 estão distribuídas todas as variantes. Nesta rodada fez-se necessário a exclusão da variante *havia+de*, conforme explicado na metodologia do trabalho, pois o número de ocorrência entre as obras além de muito pequena, está relacionada ao uso do imperfeito. As ocorrências com *havia+de*, somaram um total de 67 entre os 2182 casos de futuro do pretérito:

Tabela 14: Futuro do Pretérito – 1º e 2º períodos - Rodada ternária com as variantes: perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.

Livros	Per.	ia+inf.			Fut. do pret. simples			imperfeito			Total
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
A Moreninha	1º	5	4	.210	124	91	.335	8	6	.454	137
Lucíola	1º	6	5	.222	106	88	.279	8	7	.500	120
Dom Casmurro	1º	5	2	.230	206	96	.602	4	2	.167	215
O Cortiço	1º	1	1	.048	130	94	.396	7	5	.556	138
O Ateneu	1º	8	10	.309	69	84	.199	5	6	.492	82
Policarpo Quaresma	2º	12	12	.478	78	80	.216	7	7	.305	97
Cidades Mortas	2º	3	4	.232	74	94	.411	2	3	.357	79
São Bernardo	2º	8	7	.326	101	87	.228	7	6	.447	116
Amar Verbo Intransitivo	2º	11	10	.247	88	79	.154	12	11	.599	111
Terras do Sem Fim	2º	84	24	.650	248	72	.151	13	4	.198	343
O Xangô de Baker Street	3º	9	5	.347	188	94	.508	2	1	.145	199
O Estorvo	3º	3	3	.257	92	96	.545	1	1	.198	96
Manual do Guerreiro da Luz	3º	1	13	.382	6	75	.297	1	13	.320	8
Juliano Pavolini	3º	7	2	.186	348	97	.599	2	1	.215	357
Paris 98	3º	45	54	.905	38	45	.051	1	1	.044	84
Total		206	9		1896	87		80	4		2182

A tabela 14 demonstra, em termos de distribuição numérica, o grande número de ocorrências da forma sintética do futuro do pretérito, e que as ocorrências da forma perifrástica não chegam a 10% do total. Ainda assim, a forma perifrástica em termos percentuais, equivale a 3 vezes mais que a forma do pretérito imperfeito como expressão do futuro do pretérito. Ao se fazer uma comparação com o futuro do presente, observa-se que a forma do futuro simples, no futuro do pretérito, é a privilegiada. Todavia, em termos de peso relativo percebe-se uma distribuição (5 livros em cada variante para maiores pesos relativos), indicam um crescimento, com o passar do tempo, do uso da forma perifrástica, a qual, no último livro do período, atingiu um peso quase absoluto, em relação as outras formas. Também verificou-se ter havido um crescimento das outras duas formas. Isso significa que, se retirada a última obra, ainda seria a forma sintética do futuro do pretérito que permaneceria mais representativa. Pode-se concluir da análise que: ou o autor do último livro tem um estilo muito mais informal que os demais, ou que a forma perifrástica do futuro do pretérito está ganhando força mais hodiernamente.

No quadro abaixo estão os resultados da rodada geral da perífrase em relação a todos os períodos:

Tabela 15: Futuro do Pretérito – Pesos Relativos - Todos os Períodos – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito e pretérito imperfeito.

Livros	Nasc. Autor	Período	Peso Relativo
Paris 98	1956	3º	.919
Terras do Sem Fim	1912	2º	.650
O Ateneu	1863	1º	.406
O Triste Fim de Policarpo Quaresma	1881	2º	.371
São Bernardo	1892	2º	.349
O Xangô de Baker Street	1938	3º	.348
O Estorvo	1944	3º	.274
Amar Verbo Intransitivo	1893	2º	.264
Cidades Mortas	1882	2º	.241
Dom Casmurro	1839	1º	.226
Juliano Pavolini	1952	3º	.220
A Moreninha	1820	1º	.218
Lucíola	1829	1º	.217
Manual do Guerreiro da Luz	1947	3º	.134
O Cortiço	1857	1º	.041

* 1º Período: 1850 a 1900; 2º Período: 1901 a 1950; 3º Período: 1951 a 2000. (data de publicação da obra)

A tabela demonstra a relação entre a perífrase com *ia+inf.* em relação às demais formas. Percebe-se que a progressão da forma perifrástica não ocorre de forma linear, como é o caso do futuro do presente. Ainda que o último livro dos períodos seja o que apresenta o maior peso relativo em termos de perífrase com o verbo *ir*, livros como O Manual do Guerreiro da Luz, do 3º período, aparece como um com maior uso da forma sintética, semelhante às obras do 1º período. Além disso, O Ateneu, obra do 1º período, é o que está em 3º lugar em relação ao uso da forma perifrástica.

Mais uma vez, a análise, por período, permite que se verifique o comportamento das variantes.

1º Período

Na tabela 16, os pesos relativos demonstram que, apesar do baixo número de ocorrências da forma do imperfeito, ele expressa um alto peso relativo na rodada estatística. Disso abstrai-se que, embora em termos numéricos ele pareça pouco produtivo, proporcionalmente ele é bastante relevante.

Tabela 16: Futuro do Pretérito – 1º Período – Rodada ternária entre as variantes:perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.

Livros	Per.	ia+inf.			Futuro do pretérito simples			Imperfeito		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
A Moreninha	1º	5	4	.218	124	91	.340	8	6	.442
Lucíola	1º	6	5	.217	106	88	.275	8	7	.508
Dom Casmurro	1º	5	2	.226	206	96	.595	4	2	.179
O Cortiço	1º	1	1	.041	130	94	.334	7	5	.625
O Ateneu	1º	8	10	.406	69	84	.254	5	6	.341
Total		25	4		635	96		23	2	

Faz-se importante esclarecer aqui, que a perífrase com *havia+de* foi amalgamada com as formas do imperfeito, porque está no pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito. Além disso, houve ocorrência da perífrase com *haveria+de*. (10 no total, amalgamadas à variante futuro do pretérito sintético). A perífrase com *havia+de* além da não ocorrer no 3º período, entre os 1º e 2º ela somou um total de 18. Destas 18, foram 9 ocorrências em cada período.

Nesta tabela há uma distribuição entre as variantes selecionadas, em relação às obras. Curiosamente a obra *Dom Casmurro* é a que apresenta o maior peso relativo em uso da forma perifrástica e ele é o autor que, em se tratando das datas de nascimento dos autores, está no “meio” do período. A perífrase com o imperfeito teve um crescimento no período, crescimento que, em termos de peso relativo, superou a forma sintética.

Chamou a atenção, nas rodadas iniciais, o fato das formas do pretérito imperfeito obterem uma grande produtividade. Uma análise mais detalhada demonstrou que entre estas formas havia uma grande ocorrência de verbos modais, predominando os verbos *poder* e *dever*. Em função disso, foram feitas novas rodadas sem estes verbos, o que se mostrou apropriado. Sendo assim, as rodadas apresentadas a seguir demonstram as ocorrências das formas do pretérito imperfeito sem os verbos modais *poder* e *dever*. Estes serão analisados ao final da seção.

A rodada com as duas variantes apresentou, porém, os seguintes resultados:

Tabela 17: Futuro do pretérito – 1º Período - Pesos relativos – Futuro simples x perífrase *ia+inf.*

Livro	Autor	Nasc. Autor	Período	ia+inf.			futuro sintético		
				Nº	%	Peso	Nº	%	Peso
A Moreninha	Manuel de Macedo	1820	1º	5	4	.33	124	96	.67
Lucíola	José de Alencar	1829	1º	6	5	.34	106	95	.66
Dom Casmurro	Machado de Assis	1839	1º	5	2	.55	206	92	.45
O Cortiço	Aluizio de Azevedo	1857	1º	1	3	.21	130	97	.69
O Ateneu	Raul Pompéia	1863	1º	8	12	.49	69	88	.41
Total				25	4		635	96	

* 1º Período: 1850 a 1900; 2º Período: 1901 a 1950; 3º Período: 1951 a 2000. (data de publicação da obra)

Vê-se que houve um aumento, quanto ao peso relativo, da forma perifrástica em relação a forma sintética do futuro do pretérito, ainda que a forma sintética tenha superado a perifrástica.

Há diferenças semânticas entre uma forma e outra, no que diz respeito ao sentido que elas imprimem ao enunciado. A perífrase alternou, ora um caráter temporal (maioria dos casos), ora um caráter aspectual, que, embora aconteça em menor número entre as ocorrências, ainda é um fator importante para que o uso da perífrase se concretize ou não.

2º Período

A tabela 20 apresenta o peso relativo obtido na rodada com todas as variantes, perífrase com *ia+inf.*, forma sintética do futuro do pretérito e as formas verbais no imperfeito:

Tabela 18: Futuro do Pretérito – 2º Período – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com *ia+inf.* futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.

Livros	Per.	ia+inf.			Futuro do pretérito simples			imperfeito		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Policarpo Quaresma	2º	12	12	.478	78	80	.216	7	7	.305
Cidades Mortas	2º	3	4	.232	74	94	<u>.411</u>	2	3	.357
São Bernardo	2º	8	7	.326	101	87	.228	7	6	.447
Amar Verbo Intransitivo	2º	11	10	.247	88	79	.154	12	11	<u>.599</u>
Terras do Sem Fim	2º	82	24	<u>.650</u>	248	72	.151	13	4	.198
Total		116	15		589	80		41	5	

Neste período, houve um aumento do peso relativo em relação à perífrase, que passou a superar as demais formas. As formas verbais no imperfeito, na última obra do período, têm uma queda significativa, se comparadas aos livros anteriores.

Nota-se que em termos de peso relativo, a forma do imperfeito é bastante expressiva, apesar da retirada das locuções com verbos modais. No entanto, ao se verificar o número de ocorrências e considerando-se que alguns exemplos necessitaram ser implantados para que fosse possível as rodadas, este valor, mesmo em termos de peso relativo, não é confiável.

A tabela com a rodada binária entre as duas variantes, futuro do pretérito simples e forma perifrástica, demonstra o avanço da forma perifrástica no período, como aconteceu com a forma perifrástica do futuro do presente:

Tabela 19: Futuro do Pretérito – Rodada binária entre a perífrase com *ia+inf.* x futuro do pretérito sintético.

Livro	Autor	Nasc. Autor	Período	ia+inf.			futuro sintético		
				Nº	%	Peso	Nº	%	Peso
Policarpo Quaresma	Lima Barreto	1881	2º	12	13	.76	78	87	.24
Cidades Mortas	Monteiro Lobato	1882	2º	3	4	.63	74	96	<u>.47</u>
São Bernardo	Graciliano Ramos	1892	2º	8	7	.65	101	93	.35
Amar Verbo Intransitivo	Mario de Andrade	1893	2º	11	9	.63	88	91	<u>.47</u>
Terras do Sem Fim	Jorge Amado	1912	2º	82	24	<u>.89</u>	248	76	.21
Total				116	16		589	84	

Observa-se na tabela 19 que, embora haja o aumento da forma perifrástica, este aumento acontece quase que de forma contínua, no período. O livro com maior peso relativo em relação à forma perifrástica com *ia+inf.* é *Terras do Sem Fim*, cujo autor, é o mais novo, se comparado aos outros autores do período. Em segundo lugar está o autor mais velho do período, Lima Barreto, o que é um fato que surpreende.

Ao se comparar com a tabela do primeiro período, observa-se que em ambos este avanço ocorreu. Mais interessante é observar que a perífrase, neste período, já iniciou com um peso .76. Isto significa que ela já era representativa no período, e ainda, que já tinha um espaço na língua, significando que o verbo *ir* acumula funções, pois ele mantém, em muitos casos, sua conotação aspectual, indicando processo ou iminência e, na forma perifrástica, funciona como um verbo auxiliar para expressar futuridade.

3º Período

Os dados do terceiro período demonstraram a ocorrência da perífrase em contextos dêiticos, isto é, conforme dito anteriormente, o eixo temporal dêitico se estabelece em relação ao próprio texto e ao contexto textual, no qual é possível trabalhar-se com a proposta de linha temporal, onde se inserem passado, presente e futuro. Neste período não houve ocorrência do uso da perífrase com valor aspectual.

Fez-se uma rodada ternária, com o futuro do pretérito simples, a forma perifrástica com *ia+inf.* e com as formas no imperfeito, expressando futuro do pretérito:

Tabela 20: Futuro do Pretérito – 3º Período – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.

Livros	Período	ia + inf.			Fut. do pretér. sint.			Imperfeito		
		Nº	%	Peso	Nº	%	Peso	Nº	%	Peso
O Xangô de Baker St	3º	9	5	.348	188	94	.507	2	1	.145
O Estorvo	3º	3	3	.274	92	96	.570	1	1	.156
Manual do Guerreiro da Luz	3º	1	13	.134	6	75	.122	1	13	.743
Juliano Pavolini	3º	7	2	.220	348	97	.701	2	1	.079
Paris 98	3º	45	54	.919	38	45	.051	1	1	.030
Total		65	9		672	90		7	1	

Novamente observa-se a progressão da perífrase quanto ao peso relativo. Chama a atenção, o fato de a distribuição demonstrar um “salto”, por assim dizer, no último livro do período. Esta obra, além de ser a mais recente, é a do autor mais jovem do período. Porém, mais uma vez pondera-se se este fato tem relação com a idade do autor, com seu estilo ou com o fato desta perífrase estar começando um processo de concorrência com as outras formas.

Como aconteceu com o caso do presente do indicativo, o imperfeito também demonstrou ocorrer com certa estabilidade, no decorrer dos períodos. Nos primeiros dois períodos esta forma apareceu com pesos relativos mais expressivos (no 1º período, o maior peso relativo foi de .556, no 2º .599 e no 3º .320) Ele também parece variar um pouco de acordo com o estilo de cada autor.

Quanto a rodada binária, os resultados são os seguintes:

Tabela 21: Futuro do Pretérito – 3º Período – Rodada binária entre a perífrase com *ia+inf.* x futuro do pretérito sintético.

Livro	Autor	Nasc. Autor	Per.	ia+inf.			Futr. do Pretér. Sim.		
				Nº	%	PR	Nº	%	PR
O Xangô de Baker Street	Jô Soares	1938	3º	9	5	.36	188	95	.64
O Estorvo	Chico Buarque	1944	3º	3	4	.35	92	96	.65
Manual do Guerreiro	Paulo Coelho	1947	3º	1	14	.66	6	86	.34
Juliano Pavolini	Cristovão Tezza	1952	3º	7	2	.20	348	98	.80
Paris 98	Mario Prata	1956	3º	45	52	.94	38	48	.06
Total				65	9		672	91	

Se comparada a data de nascimento dos autores, percebe-se que não é o autor mais velho, neste caso Jô Soares, quem mantém o menor índice de uso da forma sintética, mas sim, Cristóvão Tezza, que é o segundo autor mais novo do período. Novamente, a explicação para isso, pode ser a formação acadêmica deste autor. Os pesos relativos da forma perifrástica, neste período, equivalem aos pesos

relativos da forma sintética no período anterior. Há, de certa forma, um retrocesso ou um maior controle de uso da forma perifrástica, o que pode indicar que esta forma vem sofrendo algum tipo de restrição de caráter social, que a impede de se desenvolver na escrita.

Ainda assim, a forma perifrástica vem aumentando seu uso, embora sem a mesma força que a forma perifrástica do futuro do presente.

Após o levantamento e análise dos dados, verificou-se a necessidade, então, de uma seleção, entre as formas do imperfeito com sentido de futuro do pretérito, para se determinar quais eram os casos de verbos modais no pretérito imperfeito, significando futuro do pretérito. Fez-se uma rodada, com a variável futuro do pretérito, na qual foram codificados os casos de locuções com verbos modais (especificamente *poder* e *dever*, que foram os modais com maior produtividade entre as ocorrências de futuro do pretérito), como verbos auxiliares e no pretérito imperfeito, com sentido de futuro do pretérito.

Os resultados, dos três períodos compuseram o quadro abaixo:

Tabela 23: Futuro do pretérito – Rodada Geral entre as variantes: perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito sintético e os verbos modais, *devia* e *podia*.

Livro	Per.	ia+inf.			Fut. Pret. Sint.			devia			Podia		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
A Moreninha	1º	5	3	.084	124	86	.215	2	1	.104	13	9	.597
Lucíola	1º	6	4	.064	106	80	.143	11	7	.390	13	8	.404
Dom Casmurro	1º	5	5	.165	206	81	.165	10	4	.228	21	8	.442
O Cortiço	1º	1	3	.129	130	95	.317	1	1	.397	2	1	.157
O Ateneu	1º	8	11	.185	69	76	.148	9	10	.494	3	3	.174
Policarpo Quaresma	2º	12	18	.515	78	78	.194	2	2	.158	2	2	.133
Cidades Mortas	2º	3	9	.239	74	85	.247	5	5	.430	1	1	.084
São Bernardo	2º	8	10	.301	101	83	.186	4	3	.290	4	3	.223
Amar Verbo Intrans.	2º	11	8	.194	88	85	.210	2	2	.161	5	5	.435
Terras do Sem Fim	2º	82	23	.509	248	72	.168	7	2	.132	12	3	.191
O Estorvo	3º	3	4	.129	92	90	.317	4	4	.397	2	2	.157
Juliano Pavolini	3º	7	2	.116	348	96	.556	2	1	.108	5	1	.221
Paris 98	3º	45	49	.740	38	45	.060	4	4	.149	1	1	.051
Total		196	10		1702	83		63	3		84		

Desta rodada não constaram dois dos livros do 3º período: *O Xangô de Baker Street* e *Manual do Guerreiro da Luz*, por não apresentarem ocorrências de verbos modais no futuro do pretérito.

Os verbos modais tiveram grande uso nos primeiros períodos. Eles permaneceram com menor uso no 3º período, mas superaram as outras formas verbais usadas no pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito. Conforme foi visto, na fundamentação teórica desta pesquisa, estas formas verbais já eram usadas no lugar do futuro do pretérito há bastante tempo na língua, uma vez que Jerônimo Soares Barbosa (1822), em sua gramática filosófica já as cita.

5..3 CONTEXTO ORACIONAL

Uma das hipóteses dessa dissertação foi a de que o contexto oracional poderia implementar ou não o uso de uma determinada forma verbal, para a expressão do futuro. Considerou-se que as formas do futuro do presente não apareceriam, por exemplo, em orações subordinadas condicionais, por ser este um lugar em que, normalmente, ocorre o uso do subjuntivo.

5.3.1 . Futuro do Presente

O contexto oracional, na rodada com todas as variantes, apresentou os seguintes resultados com o futuro do presente, em relação à perífrase com *ir+inf.*:

Tabela 23: Futuro do Presente – Contexto Oracional.

Orações	vou + inf.			Futuro simples			Haver + de			Presente			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
Absolutas	259	46	.332	199	34	.199	57	10	.264	58	10	.205	569
Principais	162	24	.211	387	58	.327	56	8	.247	67	10	.215	672
Interrogativas	60	24	.146	115	47	.264	41	17	.392	30	12	.198	246
Subordinadas	164	33	.273	221	45	.228	50	10	.253	61	12	.245	496
Coordenadas	136	25	.231	298	55	.282	37	7	.163	70	13	.324	541
temporais	18	38	.174	17	36	.257	4	9	.300	8	17	.269	47
Condicionais	2	29	.426	3	43	.168	1	14	.150	1	14	.255	7
Total	801	31		1236	48		246	10		295	11		2578

A rodada do futuro do presente apresentou, em relação ao surgimento das formas verbais em orações condicionais, 3 ocorrências de futuro do presente simples, 2 de perífrase, e 1, nos demais tipos de orações. Ainda assim, em termos de peso relativo essa parece ser uma oração preferencial para o uso da perífrase com *ir+inf.*

Outro contexto em que não se considerou que ocorreria a forma perifrástica, foram as orações subordinadas adverbiais temporais, que implementariam o uso do presente do indicativo. No entanto, nestas orações foi a perífrase com *haver+inf.* que obteve maior expressividade, em termos de peso relativo. Este é um fato interessante que merece ser analisado, futuramente, com maior detalhamento.

O que se observou foi que um contexto que pareceu ser preferencial para a perífrase com *ir+inf.* foi o das orações absolutas. Das 569 orações absolutas, 259 foram formadas com esta forma perifrástica. A perífrase formada com *haver +de* ocorreu mais nas orações interrogativas, o que chama a atenção, considerando-se que esta perífrase veio a especializar-se como modal, com sentido de dever, de obrigação e este ambiente não pareceu condizer com seu uso. Na análise dos dados verificou-se que nas orações interrogativas esta forma perde parte seu valor modal, adquirindo um maior valor temporal. Essa alteração semântica da perífrase com *haver* pode ainda ser percebida nas orações temporais, nas quais ela também se sobressai.

Os resultados, por períodos, das formas verbais demonstraram que a perífrase com *haver+de* teve grande produtividade nos dois primeiros períodos.

Depois ela sofreu um grande decréscimo, indicando sua especialização e arcaização. Os resultados desta rodada geral tiveram, portanto, a influência destes primeiros períodos.

5.3.2 Futuro do Pretérito

Em se tratando do futuro do pretérito, a hipótese inicial seria a de que ele não ocorreria em orações subordinadas condicionais. Esta hipótese confirmou-se. Uma observação mais atenta dos dados demonstrou que as orações selecionadas não apresentavam condição, apesar da conjunção condicional *se*, o que será revisto na análise dos dados.

Tabela 24: Futuro do Pretérito – Contexto Oracional.

Orações	ia + inf.			Futuro do Pret. Sintético			Imperfeito			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
Principais	26	4	.162	550	93	431	12	3	407	588
temporais	7	15	.404	37	80	.259	1	4	.337	45
Interrogativas	8	3	.128	227	93	<u>.295</u>	13	3	.577	248
Absolutas	43	15	.269	230	81	.239	13	4	.493	286
Coordenadas	21	5	.105	393	91	.180	32	4	<u>.715</u>	446
Subordinadas	99	18	<u>.476</u>	452	80	.319	8	2	.206	559
Condicionais	2	13	.788	7	75	.197	1	13	.015	10
Total	206	9		1896	87		80	3		2182

Em um total de 2182 orações, houve somente 10 ocorrências de condicionais. Mais uma vez a forma sintética prevalece nas apódoses.

Conforme Mattoso Câmara (1956, p. 4) há uma correlação na qual uma frase assertiva toma o aspecto de uma apódose condicionada por uma prótase condicionante. Isso comprova-se, porém, seria necessário um estudo cujo escopo fosse o contexto oracional para se verificar esta correlação. No entanto, na presente análise, da comparação entre a forma perifrástica e a forma sintética do futuro do pretérito, verificou-se que a forma sintética prevalece nas apódoses, o que não ocorreu com a forma perifrástica. Aliás, nesta comparação, o contexto oracional preferencial para a forma perifrástica são as orações subordinadas, uma vez que, nos dados computados, ela sobressaiu-se nas subordinadas e nas subordinadas temporais.

5.4 NÚMERO DE SÍLABAS.

Em relação ao número de sílabas os resultados do futuro do presente estão expressos no quadro abaixo:

5.4.1 Futuro do presente

Tabela 25: Futuro do Presente – Número de sílabas – todas as variantes.

Nº de Sílabas	<i>vou + inf.</i>			Futuro simples			<i>haver + de</i>			Presente			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
Dissilábicos	198	24	.166	458	54	.289	89	11	.275	96	11	.270	841
Trissilábicos	375	24	.254	475	43	.203	103	9	.240	140	13	.303	1093
Quatro sílabas	174	37	.281	212	45	.212	39	8	.240	49	10	.267	474
Cinco sílabas	49	32	.251	81	53	.267	14	9	.311	9	6	.171	153
Seis sílabas ou +	5	29	.303	10	59	.272	1	6	.184	1	6	.242	17

A hipótese inicial era a de que o número de sílabas interferiria no uso entre a forma sintética e a forma perifrástica de futuro. Supôs-se que o maior o número de sílabas do verbo favoreceria o uso da perífrase. Por exemplo: os verbos dissilábicos, como o verbo *ser*, apresentariam maior uso na forma sintética do futuro do presente, ou seja “*será*”; os verbos trissilábicos, como o verbo *cantar*, derivariam tanto em uso da forma perifrástica como a forma sintética; e os verbos com cinco sílabas, como o verbo *arrepender*, implicariam em maior uso da forma perifrástica. Isto porque,

conforme foi comentado no início do trabalho, entende-se que a língua escrita, embora mais conservadora, mantenha características do uso da língua oral, isto é, ainda que as mudanças na língua escrita possam ser mais lentas, em face do controle sofrido por essa forma de expressão, elas podem servir de referências para as mudanças ocorridas na língua oral.

A hipótese confirmou-se, em relação à variável futuro do presente, conforme demonstrado no quadro acima, no qual se verifica que os verbos dissilábicos obtiveram um maior peso relativo na forma sintética e os com mais de cinco sílabas na forma perifrástica.

5.4.2 Futuro do Pretérito

Tabela 26: Futuro do Pretérito – Número de sílabas – Rodada ternária entre as variantes: perífrase com ia+inf., futuro do pretérito e pretérito imperfeito.

Nº de Sílabas	ia + inf.			Futuro do Pret. simples			Imperfeito			Total
	Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR	
Dissilábicos	1	6	.049	7	39	.075	10	56	.876	18
Trissilábicos	49	6	.264	765	92	.666	17	2	.070	831
Quatro sílabas	89	10	.388	786	88	.534	22	2	.078	897
Cinco sílabas	50	15	.508	264	80	.390	14	4	.102	328
Seis sílabas	1	10	.052	1	10	.022	8	80	.926	10
+ de seis sílabas	16	16	.531	73	74	.312	9	9	.157	98

Na contagem em relação ao número de sílabas e quanto aos pesos relativos estão apresentados verbos dissilábicos, porém esta contagem foi feita com base em dados fictícios, uma vez que não existem verbos dissilábicos no futuro do pretérito.

Interessa nesta sessão observar o número de ocorrências das formas do imperfeito, dissilábicos, no futuro do pretérito. Eles apresentam o segundo maior peso relativo. No entanto, conforme já dito, estas são as únicas formas verbais dissilábicas no futuro do pretérito, e basicamente ocorreram com os verbos *ir – ia*, e com *ser – era*.

Conforme houve o aumento do número de sílabas das formas verbais, aumentou, proporcionalmente o uso da forma perifrástica.

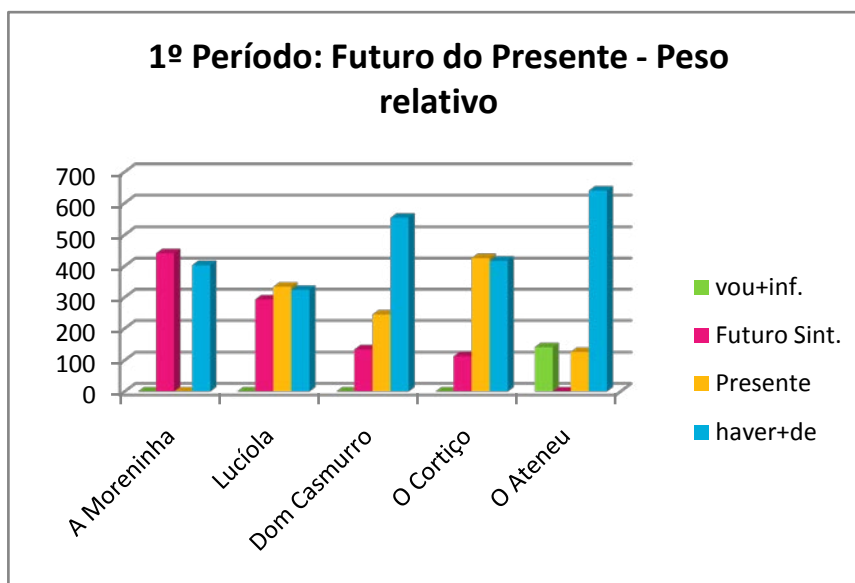
6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

6.1 FUTURO DO PRESENTE

A apresentação dos resultados demonstrou que a perífrase formada com *ir +inf.*, no início dos períodos estudados, já apresentava uma certa representatividade na concorrência com as formas de expressão do futuro do presente. Após o 2º período ela passou a substituir a perífrase formada com *haver+de.*, que demonstrou estar se especializando na expressão de modalidade, com a ideia de dever, obrigação.

Isso pode ser verificado no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1: Futuro do Presente – 1º - Período - Pesos Relativos – Todas as variantes

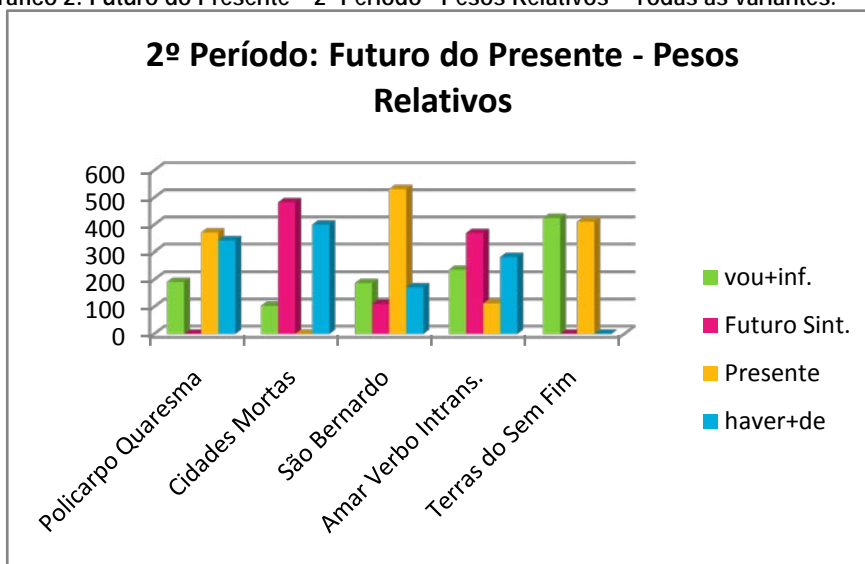


O que se vê no 1º período é que a concorrência para expressão do futuro do presente acontecia, efetivamente, entre a forma sintética, a perífrase com *haver+de* e o presente do indicativo. Com base no cópús, pode-se afirmar que o processo de mudança teria se iniciado, isto é, a forma perifrástica com *ir+inf.* começou a concorrer com o futuro do presente sintético, no final do período. A obra *O Ateneu* é do autor mais jovem do período e é a obra em que a perífrase começou a ganhar relevância, obtendo maior peso relativo que o presente, inclusive.

Um dos fatores que pode ter implementado essa substituição é o traço de movimento do verbo *ir*, que não só denota modalidade, com a ideia da certeza, como indica temporalidade, através da ideia de deslocamento espacial de um ponto a outro, transferida, metaforicamente, para algo que irá acontecer, conforme Menon (2003).

Na comparação dos primeiros períodos, percebe-se que a perífrase com *haver+de* teve grande produtividade no 1º e menor no 2º. Há uma relação entre o aumento da perífrase com *ir+inf.* com a queda da perífrase com *haver+de.*, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 2: Futuro do Presente – 2º Período - Pesos Relativos – Todas as variantes.



Verifica-se, neste período, que a perífrase com *haver+de* perdeu a estabilidade, oscilando, até na obra do último autor do período, quase desaparecer. Nota-se, também, que a forma verbal que concorre com o futuro sintético é o presente do indicativo, fato já mencionado por Mattoso Câmara, ao expressar que a forma verbal que legitimamente expressa futuro no PB seria o presente. No entanto, o decorrer dos períodos demonstra que isso irá se alterar e será a perífrase que ocupará este lugar.

A forma perifrástica com o verbo *haver+de*, segundo Dias (1916, p.197), também indicaria, além do valor temporal, um uso modal, como algo possível ou de dever, de conveniência. Para ele, a perífrase com o verbo *haver+de.*, exprime a ideia

de que alguém é levado, por certas considerações, a crer que algo acontece ou acontecerá, com certeza. É o que se verificou na análise dessas ocorrências:

- (050) O senhor **há de confessar** que estamos à beira de um abismo.
São Bernardo.
- (051) **Há de escrever** isso no meu álbum, esse lindíssimo pensamento, sim?
Cidades Mortas.

Nos exemplos, a perífrase demonstra que é o verbo *haver*, como auxiliar da perífrase, que confere um valor modal, de dever, de obrigação, ao enunciado. Entretanto, há algumas diferenças de sentido entre os exemplos. O exemplo (79) imprime mais um valor modal do que temporal ao enunciado. O valor temporal fica subentendido devido ao sentido de obrigação da perífrase, como uma expressão imperativa. Já o exemplo (80) indica mais um pedido enfático, uma maneira de convencer o interlocutor a atender ao pedido feito.

A análise da perífrase, nos períodos, demonstrou haver também uma alteração na sua estrutura morfológica, o que alterou, em alguns contextos, sua significação.

De acordo com Pereira (1929, p. 497), havia, entre os bons escritores, aqueles que empregavam a perífrase com o verbo *haver* sem a regência da preposição *de*, linguagem tachada por alguns de solecista. Dias, (1916, p. 249), por outro lado, explica ser essa supressão do português arcaico médio:

...haveis deixar entrar a todos, ou vos hão de ter por villão ruim
(Cam. Seleuco. Prologo).

Em dois casos, entre os dados selecionados, por exemplo, a perífrase não apareceu com o uso da preposição *de*:

- (052) Mas nesse caso do soco há um apêndice – para os colegas, onde não **há vir** gorjeta.
Cidades Mortas
- (053) Ali está um de joelhos... De joelhos... Não **há perguntar**; é o Franco.
O Ateneu

No exemplo (052), em especial e, segundo o contexto, ainda há a ideia de futuridade. Já no exemplo (053), a perífrase expressa um caráter modal : “Não

precisa perguntar; ...”. Nesse sentido, a perífrase com o verbo *haver* tem, por um lado, uma noção temporal consequente do traço modal que ela expressa, através da intenção, do firme propósito, da certeza, que sempre remetem a algo que se tenciona alcançar.

Por outro lado, o que se verificou com o decorrer do tempo é que esta perífrase passou a especializar-se como forma de transmitir obrigação, dever, necessidade:

(054) Ora dentre cinquenta presenteados, não tem exagero algum supor que ao menos **hão de ler**²⁰ o livro... Esses **lerão** meu livro, juro.

Amar Verbo Intransitivo, p. 57

(055) **Há de saber** alemão.

Cidades Mortas, p. 39

(056) O Barão **há de sonhar** com um genro de certa ordem!...

Cortiço, p. 105.

Nos exemplos (055) e (056) não há valor de tempo, mas somente de obrigação “*tem que saber alemão*”, “*O Barão deve sonhar com um genro de certa ordem*”, “*...que ao menos terão de ler o livro*”. A especialização da perífrase com *haver* possibilitou que ela fosse, aos poucos, sendo substituída por uma outra construção concorrente, expressando o mesmo sentido.

Segundo Said Ali (1971, p. 162), a perífrase formada com o verbo *haver+de* é linguagem antiga, que contém um aspecto necessitativo. De acordo com o autor, do século XVIII para frente, usou-se a perífrase *ter de*, com um sentido específico, que indica uma ação que não depende da vontade o sujeito:

(057) ..., muito satisfeito no íntimo por ter afinal descoberto uma coisa em que podia empregar dinheiro, sem ter, nunca mais, de restituí-lo à mulher, nem **ter de deixá-lo** a pessoa alguma.

O Cortiço, (p. 23)

Bechara (2004, p. 232) observa que atualmente, em vez de *ter* ou *haver de* mais infinitivo, há ainda as formas *ter e haver que*. Os dados confirmam ter havido,

²⁰ Da perífrase formada com *hão de*, registrou-se um total de somente 9 ocorrências, em todos os livros.

no *cópus* estudado, um aumento de uso das formas *ter de* ou *ter que*, no decorrer dos três períodos.

- (058) D. Clementina **terá de ser** a relatora da sentença.
A Moreninha, p. 56.
- (059) – **Tens que fazer** sábado depois do teatro? Perguntou-me Sá com um sorriso maligno. – Nada, senão **dormir**.
Lucíola, p. 20
- (060) Assim era melhor para ele também, já que não **teria de puxar** do dinheiro.
Terras do Sem Fim, p. 52
- (061) O senhor **tem que ir** lá amanhã **assinar**...
Terras do Sem Fim, p. 170.
- (062) Logo começou a acontecer o que eu temia, mas **teria de enfrentar**: ela desejava saber mais de mim, um jogo inocente de decifrar um mistério.
Juliano Pavolini, p. 127.
- (063) Sabe que seus companheiros também **têm que se adaptar**, e não fica surpreso, quando eles só mudam de atitude.
Manual do Guerreiro da Luz, p. 132.

Em relação à variável futuro do presente, houve o registro de 18 casos de *ter de* e *ter que*, nos três períodos, contra 247 ocorrências de *haver+de*. Das ocorrências de *haver+de*, 181 aconteceram no 1º período, 55 no segundo e 8 no terceiro. Essas ocorrências, de uma ou outra forma, diminuíram durante os três períodos. Por um lado, isso significa que a locução *ter de* ou *ter que*, estaria, de fato, substituindo a perífrase com o verbo *haver+de*, para expressar obrigação. Porém, os dados levantados e a sua análise não permitiram que se fizesse alguma conclusão segura sobre isso.

Quanto às formas com *haver que*, estas apareceram em número muito reduzido. Foram somente 2 e estão apresentadas nos exemplos (064) e (065):

- (064) [...] ; não se poderia, assim, aí pelas horas em que não **há que fazer**, ir nas mangueiras, cantar um pouco [...]
O Triste Fim de Policarpo Quaresma (p. 105)
- (065) Se ele manda matar **há que matar**.
Terras do sem fim (p. 72)

O exemplo (066), retirado do livro *A Moreninha*, demonstra a distinção de significados que as duas perífrases passaram a ter:

- (066) Por último uma terceira de quatorze anos... moreninha, que, ou seja, romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, **há de**, por força, **ser** interessante, travessa e engraçada; e por consequência qualquer das três, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma peteca, de meu coração pitorra!... Filipe, **vou visitar** tua avó. (p. 14)

Neste exemplo, a perífrase com o verbo *haver* imprime um caráter mais modal, “*Deve, por força, ser interessante travessa e engraçada,*” e a ideia de tempo futuro foi expressa através da perífrase com o verbo *ir*.

Nota-se também neste exemplo, a distinção que surgiu entre o *haver* (com sentido de obrigação), e a perífrase com *ir+inf.*. A primeira, com *haver* passou a manter um caráter modal, especializando-se. A ideia de futuro expressa por esta perífrase parece só ter sobrevivido em expressões cristalizadas como: *Hei de vencer!* Tal expressão dá ideia de futuro, porém uma ideia vaga e distante, parecendo-se mais com uma promessa. A perífrase com *ir*, no entanto, com o tempo passou a expressar um futuro iminente, e, atualmente, uma ideia de futuro completo. Quanto as perífrases formadas com *ter de* e *ter que*, essas parecem (mas não é possível afirmar com base neste trabalho) terem tomado o lugar das com a forma *haver de*, que, de maneira geral, parece estar arcaizada.

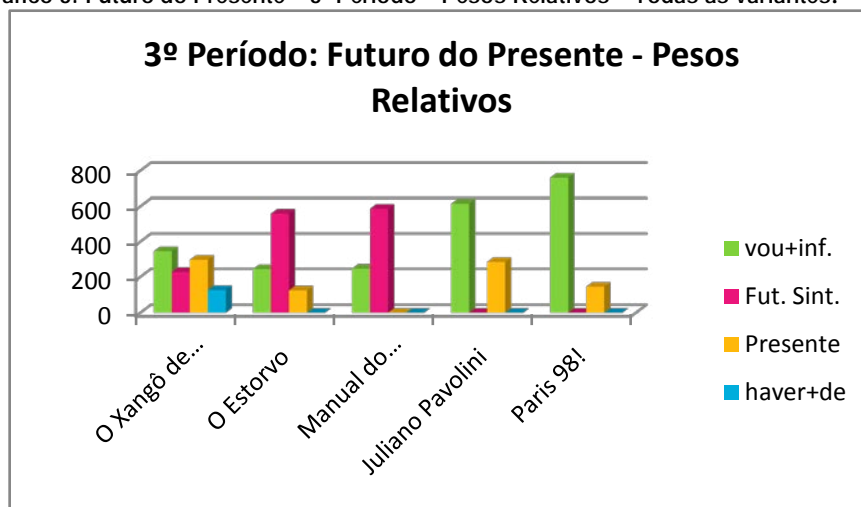
Nos exemplos a seguir, é possível perceber melhor as distinções entre o uso das formas perifrásticas e da sintética:

- (067) É promessa, **há de cumprir-se**. (p.24).
 (068) “... Agora é que ele **vai namorar** de veras”... (p.25).
 (069) Ao cabo era amigo, não **direi** ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo.(p.26).

Os três exemplos foram retirados do livro *Dom Casmurro*, e a comparação entre eles denota as diferenças entre as formas utilizadas. No exemplo (067) há o sentido de dever, quanto ao que será feito. Nos exemplos (068) e (069) parece haver uma similaridade semântica entre a forma da perífrase com o verbo *ir* e o futuro simples, com a diferença de que a perífrase tanto carrega um valor modal quanto temporal.

É no 3º período que a perífrase com *haver+de* praticamente desaparece, aumentando, dessa forma, o número de ocorrências com a perífrase com *ir+inf.*

Gráfico 3: Futuro do Presente – 3º Período – Pesos Relativos – Todas as variantes.



O gráfico 3 possibilita que se verifique que o que permaneceu foi a concorrência entre o futuro sintético, a forma perifrástica com *ir+inf.* e o presente do indicativo, sendo que o presente parece ter adquirido uma certa estabilidade, enquanto que a perífrase passou a ganhar maior expressão.

O livro *O Cortiço* foi o que mais apresentou o uso do presente do indicativo como forma de expressar futuro.

Essa também é a forma mais usada nos casos dos verbos aspectuais, isto é, que assinalam um tipo de ação (conclusa ou inconclusa) e têm traços semânticos capazes de expressar, entre outras coisas, duração, ou movimento, traço que remete à ideia de futuridade:

- (070) ... E você se eu o tomar, disse depois o vendeiro, **muda-se** cá para a estalagem?
O Cortiço, p. 40
- (071) Sabes o que me traz à tua casa: se te desagradar por qualquer motivo, dize francamente, que eu **tomo** o meu chapéu e não te aborrecerei mais.
Lucíola, p. 23
- (072) Ainda não estou inteiramente resolvida! Murmurou com lentidão, e atalhou logo com certo estorvamento: porém não, **vou!**
Lucíola, p. 31

O contexto de futuridade para o presente do indicativo surge quando se instala um contexto de realidade, de modalidade e, também, quando um item verbal expressa aspecto, com ideia de movimento, de processo, duração, etc.

Ainda que se tenha verificado o uso de verbos aspectuais no presente do indicativo, como forma de expressar futuro, é o caráter modal do presente, na indicação de maior certeza na ocorrência de um fato, que parece propiciar, inclusive, a propagação do uso da perífrase com o verbo *ir*. Nesta construção, o verbo *ir* conota movimento, posterioridade, ou seja, expressa aspecto e o fato dele estar no presente do indicativo, expressa certeza na concretização do fato, isto é, expressa modo. Sendo assim, a perífrase com o presente de *ir* tira sua motivação e sua frequência de emprego da significação modal e aspectual que contém e sua noção semântica de tempo não se relaciona com a categoria morfológica de tempo verbal. A perífrase comporta um aspecto gramatical, pois envolve distinções semânticas representadas através do uso de alguns dispositivos linguísticos explícitos, como é o caso do uso dos verbos auxiliares.

Junto a isso, a perífrase formada com o verbo *ir+inf.* indica modalidade e futuridade, sem os problemas de ambiguidade que o presente do indicativo pode imprimir em alguns contextos, fato que limita a expansão desta forma para expressar futuro.

Os dados apresentados demonstraram ter havido uma progressão da forma perifrástica, como forma inovadora, que passou a concorrer diretamente com a forma sintética do futuro do presente.

Com a diminuição do uso da perífrase com *haver*, a forma perifrástica com *ir* e o presente do indicativo equipararam-se e o futuro do presente simples, ao final dos períodos, teve uma grande diminuição. Verificou-se que a perífrase e o presente do indicativo concorreram entre si e, mais importante que isso, o futuro do presente não se sobressaiu, isto é, não foi a forma privilegiada de expressão do futuro.

A forma perifrástica com o verbo *ir* e a forma do presente indicam um contexto *realis*, de realização. Elas mantêm um sentido modal, fato que não ocorre com o futuro sintético. Entretanto, a perífrase remete mais à ideia de futuro do que o presente, em alguns contextos. A diferença entre eles, como já foi dito, está nos problemas de ambiguidade que o presente pode apresentar, uma vez que este tempo verbal tem uma modalidade deôntica. Os exemplos abaixo exemplificam essa ideia:

- (073) Eu **almoço** sempre no mesmo lugar.
- (074) Eu **almoçarei** sempre no mesmo lugar.

- (075) Eu **vou almoçar** sempre no esmo lugar.
(076) Eu **hei de almoçar** sempre no mesmo lugar.

Estes exemplos foram criados, porém, são exemplos bastante possíveis na fala ou na escrita. O que se percebe é que, conforme o exemplo (073), o presente mantém uma ideia de periodicidade, que se refere ao antes, ao durante e ao depois do momento da enunciação, indicando que algo está ocorrendo durante um período de tempo.

Cabe aqui retomar a proposta de Reinchenbach (p. 5, primeiro capítulo), pois se verificou através dos exemplos, que a ideia de tempo é apreendida metaforicamente e que está relacionada a um princípio de anterioridade, posterioridade e coincidência com o momento da fala.

O exemplo (074) denota uma ideia de futuridade, expressa pela desinência temporal do verbo, indicando que algo passará a acontecer a partir de um determinado momento, após o momento da fala. Já no exemplo (075), o que se observa é que a perífrase expressa o mesmo valor temporal da forma sintética, ou seja, de algo que passará a acontecer após o momento da fala. E, no exemplo (076), acontece o mesmo que no exemplo (075), porém, a perífrase formada com o verbo *haver* denota mais uma ideia de promessa, de comprometimento e embora apresente um caráter modal de firme intenção, esta perífrase indica algo que se pretende realizar, porém, algum dia.

Em relação aos quatro exemplos, o uso da perífrase formada com o verbo *ir* demonstra ser essa forma de expressão do futuro a que mais se adapta a uma expressão temporal de futuridade e modal de certeza, sem sofrer as restrições das outras formas.

A concorrência entre as variantes do futuro do presente indicou, na análise dos dados, que o futuro simples não tem sido uma forma privilegiada para indicar futuridade, tendo sido, apenas, mais uma das opções para expressar esse tempo.

Alguns estudos, como o de Oliveira (2006), concluíram que o futuro sintético é de uso preferencial na escrita e em contexto formais. Em se tratando do cópuz analisado, os pesos relativos dos períodos demonstram que esta forma, de fato, tem maior número de ocorrências, porém, ela vem sendo suplantada pela forma perifrástica formada com *ir+inf.*.

Essa progressão, da forma perifrástica com o verbo *ir*, pode ser ainda identificada, ao se verificar, por exemplo, essa construção aliada a contextos nos quais predominavam a forma sintética. É o caso de construções com o gerúndio, por exemplo:

- (077) Pensa que nada tem a dizer, que **vai ficar repetindo** bobagens sem sentido.
Manual do Guerreiro da Luz, p. 33.
- (078) Conserve as bênçãos para si mesmo, ou **vai terminar perdendo** tudo.
Manual do Guerreiro da Luz, p. 45.
- (079) Ela dirá que, se ninguém der um basta nessas festas os dois **vão acabar morando** num conjugado.
O Estorvo, p. 109
- (080) Onde será que eu **vou poder encontrar** de novo aquela mulata?
O Xangô de Baker Street, p. 153.
- (081) Lamento, senhor, mas acho que os senhores não **vão poder ir** ao teatro hoje.
O Xangô de Baker Street, p. 300.

O interessante desses exemplos é que ocorreram nas obras em que, na comparação entre as ocorrências do futuro sintético e da forma perifrástica, houve maior peso relativo do futuro sintético, como em *O Manual do Guerreiro da Luz* e *O Estorvo*. Ainda que a escrita sofra maior controle em relação às normas ditadas pelas gramáticas tradicionais, a mudança da forma de expressão avançou a tal ponto que, exemplos como os citados, não sofreram restrições.

Outra forma que sofre restrição, principalmente na língua escrita, é a forma perifrástica na qual o verbo *ir* ocorre como verbo auxiliar e pleno: *Vou ir*. Não foi encontrado nenhum dado, nos três períodos, com este uso, mesmo em contextos narrativos de maior informalidade.

Há, contextos, porém, em que a forma sintética é que sofreu restrição de uso:

- (082) Quando **vou catar** as pedras, **recebo** na face direita um golpe violento, não sei se de algum objeto ou joelho, ou ponta de bota ou caratê, e o susto é maior do que a primeira dor.
O Estorvo, p. 74

Em (082), a troca da locução pelo futuro sintético não é possível, pois nele o que predomina é o valor aspectual iminencial do verbo *ir*. Sendo assim, não se trata de uma perífrase codificando o futuro, mas de uma locução, na qual o traço de

movimento do verbo *ir* apresenta peso semântico. Essa ideia fica mais explicitada com a ocorrência do verbo *receber*, no presente do indicativo, dando ideia de algo que está acontecendo naquele momento.

Na próxima seção, quando será tratada a variável futuro do pretérito, será possível verificar que esta é uma restrição para as duas variáveis, isto é, para o futuro do presente e o futuro do pretérito.

No que diz respeito ao processo de gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro, pode-se concluir, conforme Menon (2003) e com base no *cópus* analisado, que ele está em processo de finalização, porém, com alguns contextos restritivos.

Com base nisso, conclui-se que no PB atual, o verbo *ir* continua a ocorrer como verbo pleno, indicando movimento no espaço, como auxiliar modal, indicando intencionalidade e como auxiliar de tempo, indicando futuridade.

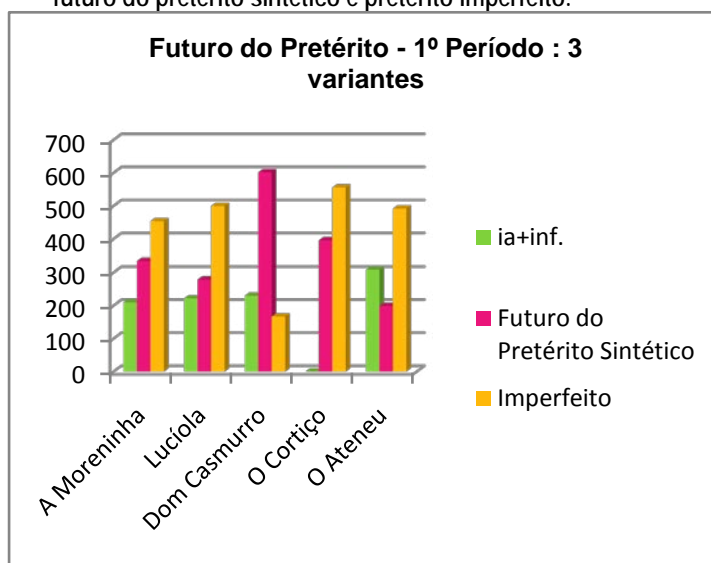
6.2 O FUTURO DO PRETÉRITO

Comparando-se os resultados do futuro do pretérito, o que se verifica é que a perífrase com *ia+inf.*, ainda tem um uso muito restrito do que a com *vou+inf.*. Chama a atenção o livro *Lucíola*, no qual há uma predominância das formas verbais no imperfeito, com sentido de futuro do pretérito:

- (083) É demais! Em menos tempo dou conta de uma cesta de champanha! – Não admira! Uma burra vale mais do que uma cesta; e tu **eras** capaz de esvaziá-la num minuto! (p. 35).
- (084) -... **Preferias** que deixasse de ver-te?(p. 69).
- (085) Se o bebesse todo!... balbuciu. – Tu **morrias**, Lúcia!(p. 37).

Nos três exemplos retirados daquele livro, as formas verbais, em negrito, estão no pretérito imperfeito, porém, com sentido de futuro do pretérito. O total de ocorrências deste uso, na obra, foi de 8.

Gráfico 4: Futuro do Pretérito – 1º Período – Rodada ternária – perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.



Há, entre as formas do imperfeito expressando futuro do pretérito, duas formas que prevalecem: as formas verbais terminadas em *-ia* e *-ava*.

Para esta pesquisa adotou-se essa divisão para se tentar estabelecer se uma ou outra forma teria maior ocorrência para expressar futuro do pretérito.

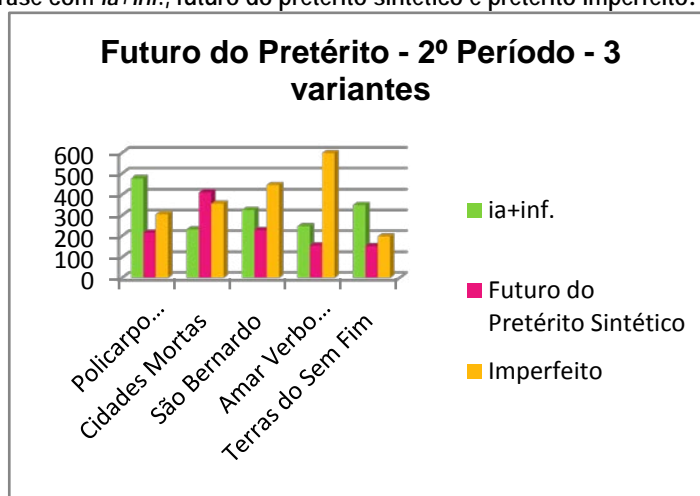
Em se tratando das formas verbais terminadas em *-ava*, por, exemplo, com sentido de futuro do pretérito, o livro com maior número de ocorrências foi *O Cortiço*, com um total de 4 ocorrências:

- (086) Além de que, um rompimento brusco seria obra para escândalo, e, segundo a sua opinião, qualquer escândalo doméstico **ficava** muito mal a um negociante de certa ordem. (p. 16).
- (087) ...Olhe, se me cedesse as dez braças do fundo, a sua parte ficaria cortada na linha reta até a pedreira, e **escusava** eu ficar com uma aba de terreno alheio a meter-se pelo meu.(p. 18)
- (088) ...; uma vez de dentro, **associava-se** logo com o sogro e iria pouco a pouco,...(p. 145).
- (089) A luta **ficava** para outra ocasião. (p. 128).

Quanto à perífrase formada com *ia+inf.*, o livro com maior número de ocorrências, no período, foi *Dom Casmurro*, com um total de 19.

Este seria um estudo interessante a ser feito, no sentido de se verificar se há relação entre um uso preferencial para as formas terminadas em *ia*, indicando futuro do pretérito, em função do número de sílabas que poderia ter relação com questões fonológicas, por exemplo. Exemplo disso seria o exemplo (115), no qual o uso do imperfeito, *tu morrerias*, implicaria em maior número de sílabas e em um problema fonológico, decorrente do aumento do uso do [r].

Gráfico 5: Futuro do Pretérito – 2º Período -Rodada ternária: perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.



A comparação com futuro do presente, em relação às ocorrências com a perífrase formada com o verbo *ir* e o futuro do pretérito, demonstrou que as ocorrências de perífrase, neste último, são muito menores. Porém, percebe-se que a forma perifrástica já se faz presente no período.

Um fator interessante no estudo das ocorrências é o fato de a perífrase demonstrar uma variação semântica, que vai se delineando no decorrer dos períodos. Ela parece estar vinculada ao caráter aspectual do verbo *ir*, indicando um processo em andamento, ou denotar um caráter temporal, sobre algo que viria a acontecer.

(090) Quando **ia beber**, cogitei se não seria melhor esperar que Capitu e o filho saíssem para a missa, beberia depois, **era** melhor.

Dom Casmurro, (p. 144).

(091) Avaliem o prazer que tive, quando me disse meu pai que eu **ia ser** apresentado ao diretor do Ateneu e à matrícula.

O Ateneu, p.5

- (092) Nessa noite fui para o superior; eu **ia entabular** um namoro romântico, e não podia ser de outro modo.

A Moreninha (p. 8)

No exemplo (090) embora a construção pareça uma perífrase, ela não tem o mesmo significado de futuro do pretérito sintético, ou seja, uma forma não pode ser substituída pela outra. Isso porque, nesse caso, a construção denota um caráter iminencial do fato, em função da conjunção subordinativa temporal *quando*. Em (091), a perífrase mantém um valor temporal, sobre algo que aconteceria depois de um fato passado, permitindo a substituição pela forma sintética do futuro do pretérito: ... *que eu seria apresentado ao diretor do Ateneu e à matrícula*. O mesmo ocorre com o exemplo (092), da obra *A Moreninha*, ou seja, neste exemplo a perífrase contém um valor temporal de futuro do pretérito.

Há uma alternância de significado entre a forma perifrástica e a locução verbal que apresenta um aspecto iminencial, não permitindo a substituição pela forma sintética, como ocorre com as perífrases do futuro do presente. No exemplo (120), a locução *ia beber* não pode ser substituída pela forma *beberia*, uma vez que também não se trata de uma perífrase, mas de uma locução verbal. No caso do futuro do presente, no exemplo (112), do livro *O Estorvo*, “*Quando vou catar as pedras, recebo na face direita um golpe violento..*” ocorre o mesmo problema. O caráter iminencial do verbo *ir* não possibilita que a locução *ia catar* possa ser substituída por *catarei*. Nestes casos o aspecto lexical do auxiliar *ir* interfere no significado, acarretando em uma locução e não em uma perífrase temporal.

Por outro lado, a forma sintética do futuro do pretérito, além do caráter temporal intrínseco à morfologia verbal, também carrega um traço modal, aliado à ideia de certeza. Exemplos, como os tirados do livro *A Moreninha* demonstram o fato:

- (093) Não, não, disse ele. Carolina é muito rebelde, e se fosse condenada não **cumpriria** a sentença. (p.56).
- (094) Porém, se um atento observador a estudasse, **descobriria** que ela adrede se mostrava assim, para ostentar as longas e ondeadas madeixas negras, em belo contraste com a alvura de seu vestido branco. (p. 58).

Esta característica permanece nas outras obras do período, conforme os exemplos a seguir:

(095) Qual! Eu, se fosse diretor, **seria** safado!

O Ateneu, p. 40.

(096) Pádua obedeceu, confessou que **acharia** forças para cumprir a vontade de minha mãe.

Dom Casmurro, p. 36

Em *A Moreninha* há 124 ocorrências de caráter hipotético, irreal, com a forma sintética do futuro do pretérito, dentre as quais 20 são com a perífrase formada com *poderia* e 14 com *deveria*, constituindo-se assim, 34 construções de futuro do pretérito com verbos modais:

(097) Todo mundo adivinha que Augusto disse que não; ele **poderia** responder que não queria caçar, porque estava pescando, mas contentou-se com dizer: Coitada!

A Moreninha, (p. 74)

(098) Nunca a mão grosseira de um homem **poderia** marcar assim!

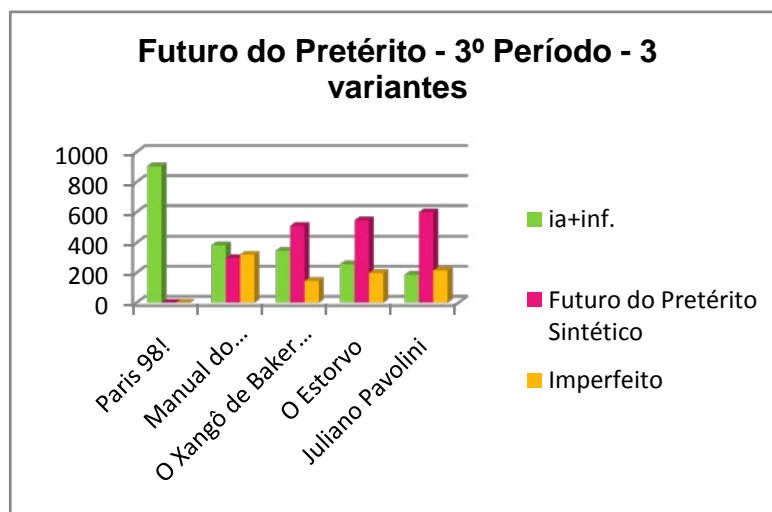
A Moreninha, (p. 76)

(099) ... ; estavam, pois, esgotados os belos tipos... eu **deveria** morrer celibatário.

A Moreninha, (p. 34)

Houve, em relação ao cópula, uma distinção entre as locuções com os verbos auxiliares modais no futuro do pretérito sintético e os modais auxiliares no pretérito imperfeito. Isso porque, na seleção das formas verbais do pretérito imperfeito, com valor de futuro do pretérito, o que se verificou foi que, entre elas, havia grande ocorrência dos verbos modais *dever* e *poder*, implicando no aumento do peso relativo desta variante. Por essa razão foi feita uma nova rodada, na qual estas formas verbais foram integradas como variantes da variável futuro do pretérito.

Gráfico 6: Futuro do Pretérito – 3º Período – Rodada Ternária:
perífrase com *ia+inf.*, futuro do pretérito e pretérito imperfeito.



O resultado foi que a forma do imperfeito, sem os verbos modais, tem seu peso relativo diminuído. A alternância semântica entre uma forma e outra, porém, não prejudicou o crescente aumento do uso das perífrases, conforme visto nos períodos seguintes.

Houve um aumento constante, no que se refere ao peso relativo da forma perifrástica em relação à forma sintética do futuro do pretérito.

Há diferenças semânticas entre uma forma e outra, em relação ao sentido que elas imprimem ao enunciado. Apesar da perífrase alternar, ora um caráter temporal (maioria dos casos), ora um caráter aspectual, (que, embora aconteça em menor número entre as ocorrências, ainda é um fator importante para que o uso da perífrase se concretize ou não) a perífrase com o imperfeito teve um crescimento no período que, em termos de peso relativo, superou a forma sintética.

Observou-se que, embora haja o aumento da forma perifrástica, este aumento não aconteceu de forma linear, no 2º período, por exemplo. O segundo livro com maior peso relativo em relação à forma perifrástica com *ia+inf.* é *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, cujo autor, é o mais velho, se comparado aos outros autores do período.

Neste período, observou-se, também, que a perífrase esbarra em alguns contextos de uso que não a favorecem:

- (100) **Iria**, se não houvesse lá nenhuma dessas coisas, nem a moça que corre no cavalo, nem o homem do arame, nem...

No exemplo (100) há o verbo *ir*. Esse item verbal desfavorece a perífrase *ia ir*, possivelmente em função do significado lexical do verbo. Assim como a perífrase formada com *vou ir* ainda enfrenta uma última barreira para gramaticalizar-se, conforme Menon (2003), em trabalho já citado, a perífrase com *ia* mais o verbo *ir* no infinitivo, também pareceu ter uso bastante restrito, uma vez que em todo o cópuz pesquisado não foi encontrada nenhuma ocorrência de *ia ir*.

O verbo *ir*, em sua função como auxiliar, ainda oferece uma outra barreira de uso: quando ele ocorre em locuções nas quais o verbo principal também tem um traço aspectual, indicando movimento, a locução perde seu traço temporal, como no exemplo com o verbo *andar*:

- (101) Onde **andaria** ela?
 (101 a) Onde **ia andar** ela?

A oração do exemplo (101) foi retirada do livro *Terras do Sem Fim*. Na oração (101 a) fez-se uma substituição da forma sintética pela perifrástica. Observa-se, nestes exemplos, que há alteração de sentido. No exemplo (101 a), o significado constrói-se no questionamento sobre “*onde ela estaria*”; a substituição pela perífrase modificaria este sentido da oração, que passaria a ancorar seu significado no verbo *andar*, passando a ideia de lugar: *em que lugar ela poderia andar*? Além disso, (101) é uma pergunta retórica, para a qual não se espera resposta. É similar ao uso da forma *será*, caracterizado por Mattoso Câmara como problemático.

Os verbos no infinitivo foram outro fator de restrição para o uso da perífrase, nas obras analisadas. Neste período, somente no livro *Terras do Sem Fim* é que a perífrase aparece acompanhada de um outro verbo no infinitivo, além do principal, diferente do que ocorre, por exemplo, com a perífrase do futuro do presente:

- (102) O coronel **ia mandar matar** Juca, mas queria que fosse ele quem desse a ordem ao jagunço, assim, ele entraria para o rol dos homens valentes de Ilhéus...(p.247).
 (103) Se nunca ouviu, vosmicê **vai ouvir falar** muito em Juca Badaró... (p.21).

Nas demais ocorrências em que a perífrase aparece com um verbo no infinitivo, ela está acrescida de uma preposição:

- (104) Por isso ficou de boca semi aberta naquele gesto de quem **ia começar a** dizer qualquer coisa.

Terras do Sem Fim, p. 155.

- (105) Eu **ia lá continuar a** aguentar semelhante desgraça?

São Bernardo, p. 137.

Nestas construções, a preposição modifica o sentido das orações e as formas infinitivas têm um significado próprio, independente da perífrase. No exemplo (104), se feita a substituição pela forma sintética do futuro do pretérito a oração ficaria *Começaria a dizer*. Já no exemplo (105) a substituição seria *continuaría a aguentar*, porém com sentido de *continuaría aguentando...* Essa é uma característica do uso da perífrase neste período.

No 3º período só apareceram as construções com a perífrase acompanhada de outro verbo no infinitivo, no livro *Paris 98!*, último livro do período e, ainda assim, houve somente duas ocorrências:

- (106) O que aconteceu foi o seguinte: eu saquei que, com o dinheiro do banco, eu nunca **ia poder comprar** as coisas. (p. 12)

- (107) Tinha todas as frases que eu **ia precisar dizer** lá na França. (p. 28).

Tanto no caso das construções com *ia+inf.*, como no caso das construções no presente do indicativo, essas perífrases, no corpus trabalhado, só ocorreram com verbos modais.

O mesmo ocorreu com a forma sintética do futuro do pretérito:

- (108) Aí deixava a repetição nos pés da cama porque Sinhô **poderia querer voltar** a qualquer momento e um moleque do povoado **corria** as casas de mulheres à procura do negro.

Terras do Sem Fim, p. 79

Outro contexto sintático que desfavoreceu a forma perifrástica do futuro do pretérito, nos textos, incluindo os do primeiro e terceiro períodos, é a presença do participípio, em especial com o verbo auxiliar *ter*:

- (109) **la nascer** sem pai, o pai **teria ficado** debaixo da pontaria do negro Damião.
Terras do Sem Fim, p. 78
- (110) O'moleque! Prosseguiu Felipe, voltando-se para o corredor, traze-me café, ainda que seja no púcaro em que o côas; pois creio que a não ser a falta de louças, já teu senhor mo **teria** oferecido.
A Moreninha, p. 2
- (111) Ou **teria** lido o jornal do Brito?
São Bernardo, p. 140

Embora a substituição pela forma perifrástica seja possível, ela não ocorreu nos textos dos três períodos. O particípio indica um fato acabado, o que entraria em atrito com a ideia de processo ou movimento expressa pelo verbo *ir*. Nestes tipos de ocorrências, a ideia da locução formada com o verbo no futuro do pretérito + particípio, tem uma conotação *perfectiva*, diferente da forma sintética, que denotaria um aspecto *imperfectivo*: ... o pai ficaria debaixo da pontaria....

Além disso, o verbo *ter*, acrescido do particípio, nem sempre expressa futuro do pretérito, mas uma ideia de pretérito perfeito, conforme o exemplo (112):

- (112) **Teria acontecido** alguma coisa, mano Cosme?
Dom Casmurro, (p.90).

Nesse exemplo a locução adquire um sentido de pretérito perfeito “*Aconteceu alguma coisa, mano Cosme?*”. O uso da forma do futuro do pretérito na locução parece denotar tanto uma certa delicadeza, polidez ao se fazer a pergunta, quanto expressar a ideia de dúvida sobre o que aconteceu.

Observou-se na análise dos dados que o verbo *gostar*, no futuro do pretérito, também é usado para expressar polidez, ao se fazer uma solicitação, ou na manifestação de desejo. No livro *O Xangô de Baker Street*, por exemplo, das 188 ocorrências da forma sintética do futuro do pretérito, 28 foram com a forma verbal *gostaria*:

- (113) **Gostaria** de convidá-los para **espairecer** por uns tempos em Petrópolis, porém, no momento, os deveres de Estado me obrigam a permanecer no paço. (p. 327).
- (114) Só **gostaria de saber** que forma de combate é essa. (p. 328).

Esse uso não indica exatamente temporalidade, mas é uma forma delicada de se fazer uma solicitação ou manifestar um desejo ou intenção. Nesse caso, o verbo

gostar não poderia ser substituído pela forma perifrástica, pois haveria alteração semântica:

- (115) **la gostar** de convidá-los para espairecer por uns tempos em Petrópolis...
 (116) Só **ia gostar** de saber que forma de combate é esse.

A substituição, conforme os exemplos, implicaria em uma conotação temporal, o que, conforme dito, não é o caso.

Há outros contextos em que a forma perifrástica parece não poder ocorrer:

- (117) Consultei com meus botões como **devia principiar** e conclui que para portar-me romanticamente **deveria namorar** alguma moça que estivesse na quarta ordem.
 A Moreninha, p. 8

No exemplo (117), a locução é formada pelo verbo *dever*, o que impede a substituição pela forma perifrástica: *ia dever namorar*. Observe-se que no enunciado há as duas formas de locução: uma no imperfeito e a outra no futuro do pretérito sintético e a restrição serve para ambas. O verbo *dever* é um verbo modal e que já cumpre um papel de auxiliar, neste exemplo. Interessante é que com o verbo *poder*, também um auxiliar modal, não há os mesmos problemas semânticos:

- (117 a) Consultei com meus botões como **ia poder principiar** e...

Uma interpretação possível para a questão, é o significado do verbo *dever*, denotar obrigatoriedade momentânea em sua forma infinitiva, isto é, ele indica algo a ser feito o mais breve possível.

Quanto a isso, ressalta-se que ocorreram casos, no terceiro período, conforme já demonstrado, de locuções construídas com a perífrase com o verbo *ir* no pretérito imperfeito, com o verbo *poder*, como verbo principal da perífrase e mais um verbo no infinitivo, mas não houve ocorrências deste tipo com o verbo *dever*.

Os dados do terceiro período demonstraram a ocorrência da perífrase em contextos dêiticos. Neste período não houve ocorrência do uso da perífrase com valor aspectual.

Entretanto, algumas restrições permaneceram e outras não:

- (118) Depois, eu ficaria sabendo o nome dele: Geraldinho. Naquele momento, eu ainda não **poderia** supor que os dois eram amigos há muito tempo.

Paris 98, p. 42.

- (119) O que aconteceu foi o seguinte: eu saquei que, com o dinheiro do banco, eu nunca **ia poder** comprar as coisas

Paris 98, p. 12

Os exemplos são da obra *Paris 98*. No exemplo (148) é a forma sintética que constitui a locução com o infinitivo e no exemplo (149) é a perífrase que a constitui. Este, durante o segundo período, seria um contexto em que a perífrase apareceu muito pouco, isto é, em orações temporais.

Permaneceram algumas restrições quanto ao uso da perífrase:

- (120) O que o torcedor queria mesmo era a turbulência. Bagunça, **diria** uma criança

Paris 98, p. 47

Neste contexto, *ia dizer* seria uma locução, que significaria, novamente, a iminência da ação, não se caracterizando como perífrase temporal.

Os exemplos a seguir apresentam as restrições já descritas nos períodos anteriores:

- (121) A vida para ele era mesmo uma tarefa incômoda, alguma penitência da qual ele **deveria** se livrar tão logo as lições estivessem pagas.

Juliano Pavolini, p. 9.

- (122) **Teria** eu uns três anos, e, sentado à sua frente na longa mesa onde ele se apurava ao centro, como Cristo (e não à cabeceira, como o pai do meu vizinho), via em primeiro plano aquele amontoado de ossos e calos entrelaçados na oração do almoço.

Juliano Pavolini, p. 9

No exemplo (121) o verbo auxiliar *dever* expressa modalidade, o que impede o uso da perífrase: *ia dever se livrar*, conforme explicado anteriormente.

No exemplo (122) o uso da perífrase alteraria o significado da oração, que adquiriria um caráter iminencial, de algo que iria acontecer em seguida: *ia ter eu uns três anos*. Neste caso, há o uso da forma verbal no futuro do pretérito para indicar dúvida, incerteza quanto a real idade que teria o personagem, quando aconteceu o fato relatado.

Na perífrase que expressa futuro do pretérito, o verbo *dever* muitas vezes é usado no pretérito imperfeito, constituindo uma perífrase com a forma verbal *devia*, que mantém tanto um caráter temporal, quanto um traço modal. Uma vez que o

verbo *dever* possui um significado de obrigação a ser cumprida, ele normalmente remete a algo que deverá ser feito, isto é, que obrigatoriamente se irá fazer. No caso do futuro do pretérito, a morfologia do verbo, no pretérito imperfeito, não compromete esse significado. O que se verificou nas ocorrências, é que há a alternância de uso, nas locuções, com os verbos modais no futuro do pretérito ou no pretérito imperfeito, considerando-se que eles obtêm o mesmo resultado semântico, como o exemplo (153) e (154), nos quais a alternância diz respeito ao texto como um todo:

- (123) Trataram da viagem para a ilha de... no dia seguinte retiraram-se descontentes, porque Augusto não se quis convencer de que **deveria dar** um ponto na Clínica para ir com eles ao amanhecer.

A Moreninha, (p. 6).

- (124) Consultei com meus botões como **devia principiar** e concluí que para portar-me romanticamente deveria namorar alguma moça que estivesse na quarta ordem.

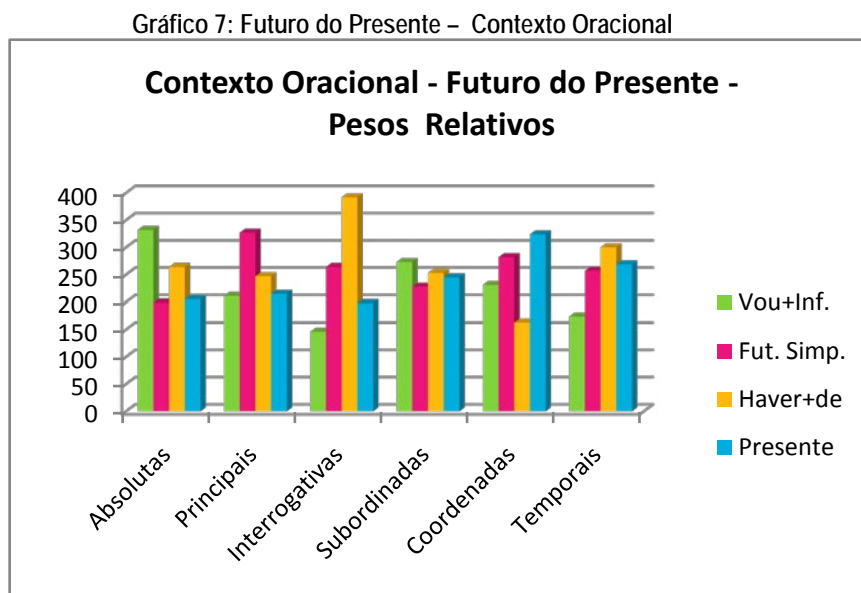
A Moreninha, (p. 8)

Os verbos modais tiveram grande uso nos primeiros períodos, assim como a perífrase com *havia+de*. Eles permaneceram com menor uso no 3º período, mas superaram as outras formas verbais usada no pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito. Conforme foi visto, na fundamentação teórica desta pesquisa, estas formas verbais já tinham este comportamento há bastante tempo na língua, uma vez que Jerônimo Soares Barbosa (1822), em sua gramática filosófica já as cita.

A conclusão na análise do 3º período, é que a forma perifrástica *ia+inf.*, quanto ao peso relativo, aumentou no final do período. Porém, ocorreu uma diminuição dos valores dos pesos relativos quanto ao período como um todo. No segundo período, embora o maior peso tenha sido .89, com o livro *Terras do Sem Fim*, os demais livros permaneceram com índices superiores ao ponto neutro (neste caso, em virtude do número de variáveis o peso relativo, considerado como ponto neutro foi o .030), o que não ocorreu no 3º período.

6.3 CONTEXTO ORACIONAL

O gráfico abaixo demonstra os resultados em valores por peso relativo, dos tipos de orações, com todas as variantes, da variável futuro do presente.



No gráfico observa-se que o contexto preferencial para o uso da perífrase com o verbo *ir*, são as orações absolutas e o contexto que menos as favorece é o das orações interrogativas. Entre os exemplos com perífrases em orações absolutas tem-se:

(125) Eu **vou pregar** uma mentira.

A Moreninha, (p.29)

(126) Agora **vai** o amiguinho **dizer** mais alguma coisa. “Vai dizer, com o mesmo calor, com outro soco na mesa, mais isto: ...”

Cidades Mortas, (p.176).

(127) Eu **vou cuidar** de você.

Juliano Pavolini, (p. 20).

Nos exemplos observa-se que as orações absolutas propiciam um ambiente de assertividade e de concretização ao fato, o que condiz com a perífrase com o verbo *ir+inf.*, que se vincula a um contexto *realis*, isto é, de realização do fato.

Em contrapartida, as orações interrogativas denotam dúvida, incerteza, fato que explica o menor número de ocorrências das perífrases do futuro do presente

nestes contextos. Foram selecionados alguns exemplos em que estas perífrases ocorreram em orações interrogativas, para análise:

(128) ... Você **vai mudar-se**?

Dom Casmurro, (p. 66).

(129) Mas onde **vou encontrar** técnicos? E que dinheirão! Por enquanto é apenas um bocado de leitura, escrita e conta. Você **estará** em condições de **encarregar-se** disso, Padilha?

São Bernardo, (p. 48).

(130) O guerreiro já ouviu comentários do tipo: “como **vou saber** se este caminho é sério?”.
Manual do Guerreiro da Luz, (p. 64).

A primeira observação em relação aos exemplos, é que a perífrase aparece em orações interrogativas, quando o período é curto. No exemplo (129) há as duas formas. Talvez seja o traço de movimento do verbo *ir* que desloca o eixo dêitico para após o momento da fala, ou o fato de o autor preferir não repetir a mesma forma duas vezes, por uma questão de estilo literário.

No caso da forma sintética do futuro do presente, os resultados do peso relativo indicaram que sua ocorrência é maior em orações principais. Considerando-se que há um grande número de perífrases em orações subordinadas, tanto com o verbo *ir* quanto com o verbo *haver*, isso pode resultar do estilo empregado pelo autor. Em casos de períodos compostos por subordinação, verificou-se que o paralelismo formal, isto é, o uso de uma forma implica em se usar a mesma forma no restante da oração, não pôde ser considerado, porque esta é uma questão que se refere, particularmente, ao estilo de cada autor. Contudo, o que se observou, em muitas obras, é que há, normalmente, a repetição da mesma forma, principalmente quando se trata da forma sintética. Ainda assim, foram selecionadas orações que apresentaram alternância de uso :

(131) – **Vem jantar** comigo; **entrará** imediatamente no regime higiênico que pretendo.

Lucíola, (p. 107)

(132) **Vou incomodar-me**, luxo... **Mando** um leitão e um peru.

O Triste Fim de Policarpo Quaresma, (p. 57)

(133) E a mulher, ela **verá** que estou ali, mas não **vai** mais **conseguir** interromper, não **vai querer** interromper, e **estará** com os cabelos castanhos abertos como um leque no lençol, e **vai** me **olhar** de um modo que nunca me olhou.

O Estorvo, (p. 63).

Nos exemplos há a alternância de usos, de uma ou outra forma. O exemplo (131) é um caso de coordenação. Nesse caso, em especial, é a proximidade das formas que pode levar à alternância de uso. O exemplo (132) há alternância se dá entre a forma perifrástica e o presente do indicativo. Há neste exemplo, um contexto de certeza, de firme intenção, portanto, um contexto modal, que favorece as duas formas. Novamente a proximidade das formas verbais é que pode ter favorecido a alternância.

Curiosamente, a perífrase com o verbo *haver* tem seu maior peso relativo nas orações interrogativas, o oposto do que acontece com as perífrases com o verbo *ir*. Esta perífrase também denota certeza e muitas vezes quase uma obrigação. A análise dos dados demonstrou, em primeiro lugar, que esta é uma característica dos dois primeiros períodos; em segundo lugar, que quando esta perífrase aparece em orações interrogativas seu significado é o mesmo que o da perífrase com verbo *ir* ou da forma sintética do futuro do presente, indicando, nesses contextos, somente futuridade:

(134) Como não me **hei de queixar**, se tudo me corre mal?

O Cortiço, (p. 139).

(135) Queria dizer pérolas porém saiu pérolas, o que a gente **há de fazer** com a comoção?
Amar Verbo Intransitivo, (p. 75).

(136) Por que não **há de sair** a sorte grande de um desditoso destes?

Cidades Mortas, (p. 119).

Salienta-se que não há nenhuma ocorrência desta perífrase em orações interrogativas em três livros do 3º período: *Paris 98*, *Manual do Guerreiro da Luz* e *Juliano Pavolini*. Nos outros dois livros a ocorrência também é muito pequena: 5 no *Xangô de Baker Street* e 3 em *O Estorvo*. Ainda que o terceiro período tenha se mostrado um tanto conservador, em termos de expressão do futuro, vê-se que a perífrase com o verbo *haver* está caindo em desuso. Entretanto, esse fato reforça a ideia de que a perífrase com *haver* foi adquirindo maior valor modal de obrigação, o que parece não deixá-la ocorrer em contextos de dúvidas, como as orações interrogativas.

Há algumas características quanto às formas verbais que são importantes mencionar. Na obra *Juliano Pavolini*, por exemplo, só ocorreram dois casos de futuro simples, em pergunta. Os demais são em forma de perífrase e presente:

(137) Pediriam, um mês depois, para eu mostrar o dedo: **estará** gordo o suficiente?
 Juliano, p. 40

(138) **Haverá** uma vida em que não se tenha medo dos outros?
 Juliano, p. 74

Em *Paris 98!* são 8 os casos de futuro simples e todos eles com o uso do verbo *ser*:

- (139) Quantos anos **será** que ela deve ter agora? (p. 21).
- (140) **Será** que o Brasil chega lá? (p. 25).
- (141) **Será** que eu **ia dar** conta? (p. 49).
- (142) **Será** que um dia **vou ter** grana pra trazer a Magdala aqui no singolzão? (p. 52).
- (143) **Será** que ela entende de futebol ou só tá acompanhando o cara? (p. 54)
- (144) **Será** que todos os ingressos até o final da Copa **iam ser** baratos daquele jeito? (p. 57)
- (145) E a Carolina, **será** que ela ficava pensando no que é que eu fazia? (p. 73).
- (146) Quem **será** que dorme naqueles quartos todos? (p. 73).

Nenhum dos exemplos foi contado na análise dos dados, em função do valor semântico do verbo *ser* nesses casos. O que se verifica é que ele tem um valor de conjectura, questionamento. São os denominados, por Said Ali, de futuro problemático, pois aparecem em expressões interrogativas sobre as quais não se pode ter uma resposta em seguida. A resposta será dada, obrigatoriamente, no futuro, um futuro impossível de predizer. É uma averiguação vindoura.

Mais importante nesses casos é que em nenhum deles pode haver a substituição pela forma perifrástica:

(140 a) *Vai ser que o Brasil chega lá?

(141 a) *Vai ser que eu ia dar conta?

Nesse sentido, o verbo *ser* está empregado com uma forma cristalizada na língua, de questionamento, forma que poderia ser feita de outra maneira:

(140 b) O Brasil chegará lá?

(141 b) Eu darei conta?

O valor temporal nessas orações não é indicado pelo verbo *ser*. O verbo, nesses casos, garante um valor hipotético, mas não de futuro, pois não implica exatamente em algo que ocorrerá após o momento da fala. Nestas orações, o verbo *ser* adquire mais um caráter enfático, não sendo ele que caracteriza a oração como interrogativa.

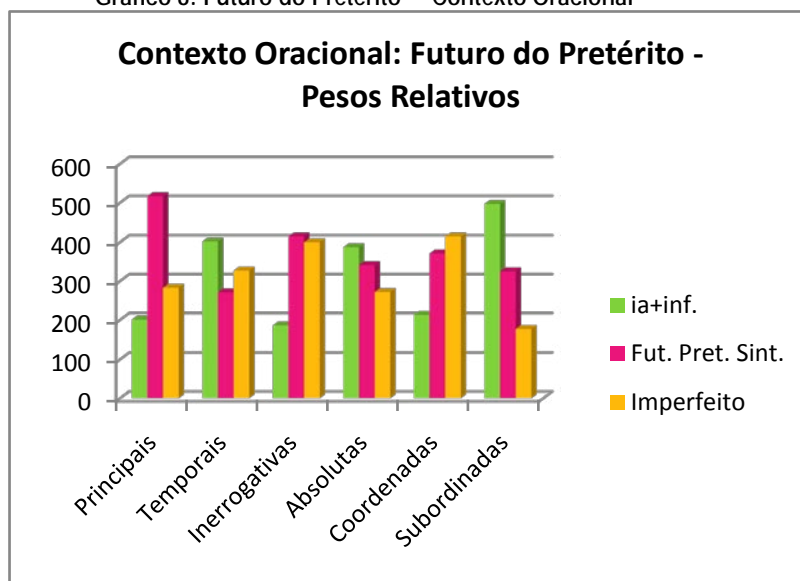
Ao que parece, durante os períodos, o contexto oracional pareceu ter favorecido uma ou outra forma. Porém, o terceiro período demonstrou que a forma sintética do futuro do presente está sendo substituída pela forma perifrástica, inclusive em contextos que a desfavoreciam. Se, conforme as gramáticas tradicionais, a perífrase expressa muito mais um caráter modal de uso, de algo que está para ocorrer, nos textos pesquisados, esta forma adquiriu também uma conotação temporal, de algo que ocorrerá após o momento da fala, sem, obrigatoriamente, ser em seguida:

- (147) Pelo fuso horário, **vai chegar** na madrugada do dia 10 em Paris.
Paris 98, (p. 20).
- (148) - Acho que o caso do Stradivarius roubado **vai ficar** ainda obnubilado por esses recentes acontecimentos.
O Xangô de Baker Street, (p. 62).
- (149) Dá novo salto e diz “eu já **vou arrumar** o quarto do senhor”.
O Estorvo, (p. 27).
- (150) Diz o demônio: “você **vai fraquejar**. Você não **vai saber** o momento exato.
O Manual do Gurreiro da Luz, (p. 81).
- (151) Você nunca **vai ser** nada na vida
Juliano Pavolini, (p. 29).

Em todos os exemplos a perífrase codifica tempo, indicando algo que irá acontecer no futuro, sem expressar brevidade ou iminência. Inclusive, nos exemplos, as perífrases se encontram em um tipo de oração na qual, normalmente, não ocorriam, isto é, em uma oração temporal.

Quanto ao futuro do pretérito, há alterações em relação às ocorrências e o contexto oracional em que aparecem, conforme pode ser verificado nos valores dos pesos relativos por tipo de oração:

Gráfico 8: Futuro do Pretérito – Contexto Oracional



O gráfico demonstra que o maior número de ocorrências da forma sintética do futuro do pretérito, nos textos estudados, também ocorreu em orações principais e interrogativas. Abaixo, segue um exemplo do futuro do pretérito em uma oração principal, antecedida por uma subordinada condicional:

- (152) Se não fosse a moça, dona Laura **levaria** um dilúvio de manhãs pra se acomodar com a situação nova.

Amar Verbo Intransitivo, p. 53

Neste exemplo há, conforme Mattoso Câmara (1956, p. 4), uma correlação na qual uma frase assertiva toma o aspecto de uma apódose condicionada, “...*dona Laura levaria um dilúvio de manhãs...*” por uma prótase condicionante, “*Se não fosse a moça...*”. Esta análise, sobre a relação entre condicionada e condicionante merece estudo, que não pode ser realizado no presente trabalho, em função das implicações, tanto metodológicas quanto teóricas a serem tratadas.

Chamou a atenção, porém, o fato de o futuro do pretérito sintético ter como segundo ambiente oracional preferencial, as orações interrogativas.

- (153) Eu **requestraria** D. Joaquina, não é assim?.. Tu a deixavas, fingindo ciúmes, e depois quem me **livraria** dos apertos em que necessariamente tinha de ficar?

A Moreninha, p. 16

- (154) E do que mais **poderia** ser o brinquedo das meninas?

Amar Verbo Intransitivo, p. 105

(155) **Pisariam** nele?

Juliano Pavolini, p. 19

A explicação destas ocorrências está relacionada ao sentido temporal da forma sintética do futuro do pretérito. Uma vez que o futuro simples do pretérito pressupõe um caráter temporal, é lógico ele apareça em orações interrogativas, pois estas orações remetem a uma ideia de futuro hipotético, no qual serão dadas as respostas ao que foi perguntado.

As orações subordinadas condicionais, normalmente, apresentam verbos no subjuntivo, ditando condições para que algo aconteça:

(156) **Rir-se-ia** a noite inteira, talvez, se não fosse interrompido pelo Rafael, que o vinha chamar para tomar chá.

A Moreninha, (p.11).

(157) Se lhe dessem nova coleção de algum mensário inovador, mais livros, **leria** tudo página por página.

Amar verbo Intransitivo, (p. 71).

(158) Caso não tivesse morrido do ataque assassino, a vítima **seria**, com certeza, candidata a uma cirrose precoce.

O Xangô de Baker Street, (p. 29).

Nos exemplos, de cada um dos períodos, observa-se que há o uso do futuro sintético do pretérito, nas orações principais com subordinadas condicionais. Isso significa que se há uma condição, o fato só poderá ocorrer após o preenchimento da condição, o que remete ao futuro, propiciando a ocorrência da forma sintética.

Para a composição do corpus foram selecionadas, para registro, as orações condicionais, na intenção de se verificar se elas permitiriam a ocorrência do futuro do pretérito sintético. Foram selecionadas 6 orações, nas quais o verbo no futuro do pretérito sintético estaria na condicional. A análise dos dados, porém, demonstrou que, apesar da conjunção condicional *se*, não se tratavam de orações condicionais, conforme os exemplos abaixo, ambos do livro *Dom Casmurro*:

(159) Depois, declarou crer que eu **cumpriria** o juramento, mas ainda assim não consenti logo; **ia ver se não haveria** outra coisa... (p. 112)

(160) ...; fez-me o favor de perguntar se Capitu não **daria** uma boa esposa; ...(p.115)

Nestas orações a conjunção *se*, embora condicional, não implica em condição para que o fato ocorra, o que não caracteriza uma oração condicional. Todos os exemplos são semelhantes.

No caso das coordenadas, este parece ser um contexto que atrai o uso da forma sintética e que pode ter relação com um tipo de paralelismo formal, no qual as coordenações mantenham uma certa sequência de fatos, que ficariam mais interligados pela mesma forma verbal.

- (161) ... e que eu **poria** aqui com os erros de ortografia que trouxesse, mas não **traria** nenhum...
Dom Casmurro, (p. 34).
- (162) Se o fosse **passaria** ali e em outras localidades meses e anos, **indagaria**, **observaria** e com certeza **havia de encontrar** motivo e o remédio.
O Triste Fim de Policarpo Quaresma, (p. 75).
- (163) Nem precisava sentir o medo que senti: ninguém me **reconheceria**, ninguém me **levaria** pela orelhas de volta ao ninho, a cidade inteira fiscalizava meu pai.
Juliano Pavolini, (p.17).

Isso é o que ocorre também com as orações absolutas. Nos textos, houve ocorrências de orações absolutas que se sucediam, isto é, vinham uma seguida da outra (conforme os exemplos abaixo) e, nestes casos, a forma verbal utilizada na primeira (se futuro sintético, ou perifrástico) normalmente aparecia nas seguintes.

- (164) Depois não **seria** preciso mais: o pedestal, ele mesmo **oferecer-se-ia** para adiantar. E **parafusaria**, acumuladas as peças do seu orgulho, a pilha dos seus anelos, a estátua!
O Ateneu, (p. 60).
- (165) Dentro de cinco anos ele, Sinhô Badaró, **entraria** nos escritórios de Zude, Irmãos e Cia. E lhes **venderia** cacau colhido nas roças novas. Assim o dissera e assim o **faria**.
Terras do Sem Fim, (p. 229).
- (166) Nos próximos dias eu **andaria** o dia inteiro, a pé, por Paris. **Ficaria** apaixonado pela cidade. **Faria** planos totalmente absurdos de um dia morar ali. la ter que convencer a Maria Alice, a gerente, a abrir uma filial do Bradesco lá. De câmbio eu já entendia. Um dia eu ainda **viria** morar em Paris.
Paris 98!, (p. 73).

Parece ter havido uma distribuição regular entre as orações das formas do imperfeito, sendo que estas formas obtiveram um maior peso relativo entre as subordinadas. Os verbos *poder* e *dever* prevaleceram nas orações coordenadas e

absolutas, respectivamente, e a perífrase com a forma verbal *havia+de*, nas orações interrogativas:

- (167) Se eu soubesse não **vinha** aqui.
O Triste Fim de Policarpo Quaresma, (p. 22).
- (168) Ia comer os lucros do cacau, nunca mais **plantava** roça, nunca mais **derrubava** mata. Ia gozar pelo mundo o que nunca gozou.
Terras do Sem Fim, (p. 261)
- (169) ...não deram atenção a isso e continuaram: o jogo tornou-se duvidoso; qualquer dos dois **podia (dar** ou levar gamão.
A Moreninha, (p. 74).
- (170) Via idiota, **podia** ter esperado ele chegar mais perto. **Devia estar** mais apavorado que Odair, assim no clarão da luz.
Juliano Pavolini, (p. 155).
- (171) ...; era uma loucura, mas que **havia eu de fazer?** ...
A Moreninha, (p. 31)

A perífrase formada com *havia+de* também predomina nas orações interrogativas, como no caso das perífrases com o verbo *haver* no futuro do presente. A forma perifrástica com o verbo *haver*, nesse contexto, pode ainda manter o mesmo valor temporal das outras formas. Outros exemplos desta perífrase confirmam essa noção:

- (172) Não se lembra que aqui mesmo lhe disse “que não longe estava o dia em que o Sr. **havia de esquecer** sua mulher?
A Moreninha, (p. 84).
- (173) Pois tão cheiroso e radiante como se sentia, **havia de por** a cabeça naquele mesmo travesseiro sujo em que se enterrava a hedionda carapinha da crioula?...
O Cortiço, (p. 107).
- (174) Que é que eu **havia de fazer?** **Havia de negar?**
São Bernardo, (p.124).
- (175) ...mas quem **havia de dizer**, hein?
Terras do Sem Fim

Nestes exemplos, a perífrase poderia ser trocada tanto pela forma perifrástica, quanto pela forma sintética do futuro do pretérito, mantendo o mesmo significado temporal.

- (172 a) ... que não longe estava o dia em que o senhor esqueceria sua mulher?

(174 a) *Que é que eu faria?*

O exemplo (175), é o que melhor demonstra essa substituição: *...mas quem diria, hein?*

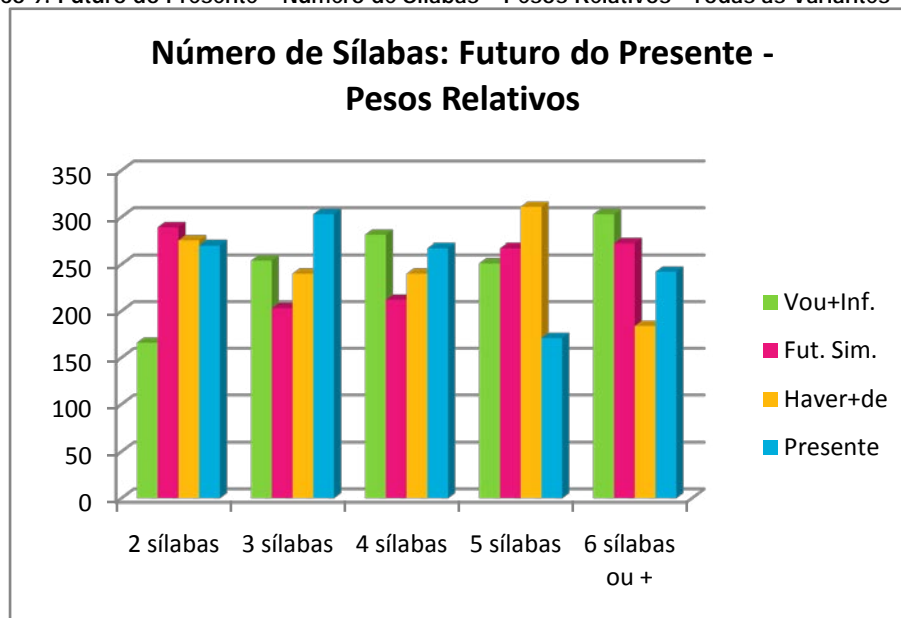
Essa dissertação, entre suas hipóteses, partiu do pressuposto que o contexto oracional implementaria uma ou outra forma. Essa hipótese confirmou-se, pois os resultados obtidos demonstraram haver tipos de orações nas quais há o predomínio de uma ou outra forma. As orações principais, por exemplo, parecem ser um contexto propício para a forma sintética tanto do futuro do presente, quanto do pretérito.

6.4 NÚMERO DE SÍLABAS

6.4.1 Futuro do Presente

O gráfico abaixo demonstra, em relação ao futuro do pretérito, a distribuição das formas verbais quanto ao número de sílabas:

Gráfico 9: Futuro do Presente – Número de Sílabas – Pesos Relativos - Todas as Variantes



No caso do futuro do presente, observa-se que a distribuição das formas verbais não parece indicar haver uma maior preferência de uma ou outra forma quanto ao número de sílabas²¹.

(176) Há livros que apenas **terão** isso dos seus autores; alguns nem tanto.
Dom Casmurro, (p. 21).

(177) Desculpe-me; **vou dançar**.
Lucíola, (p. 63).

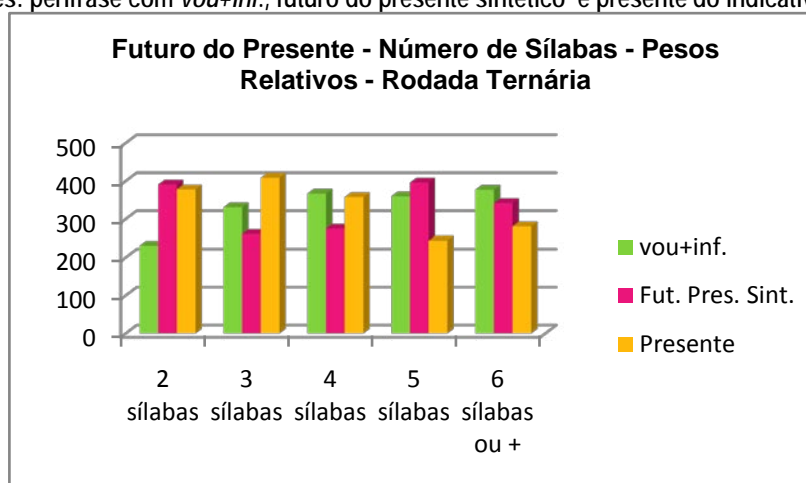
(178) Você não **vai voltar** mais, outro **ia me pegar** um dia qualquer
Terras do Sem Fim, (p. 25).

(179) Agora, sim . disse ele com seus botões, **vou recuperar** o tempo perdido.
A Moreninha, (p. 14).

Para uma melhor interpretação dos resultados, foi preciso retirar da rodada a perífrase com *haver+de*. Isso porque ela os compromete, uma vez que houve grande produtividade desta forma somente no primeiro período.

O gráfico10, a seguir, demonstra então a rodada quanto ao número de sílabas somente com as variantes: futuro do presente sintético, presente do indicativo, e a perífrase com *vou+inf.*:

Gráfico 10: Futuro do Presente – Número de Sílabas – Rodada Ternária com as variantes: perífrase com *vou+inf.*, futuro do presente sintético e presente do indicativo.



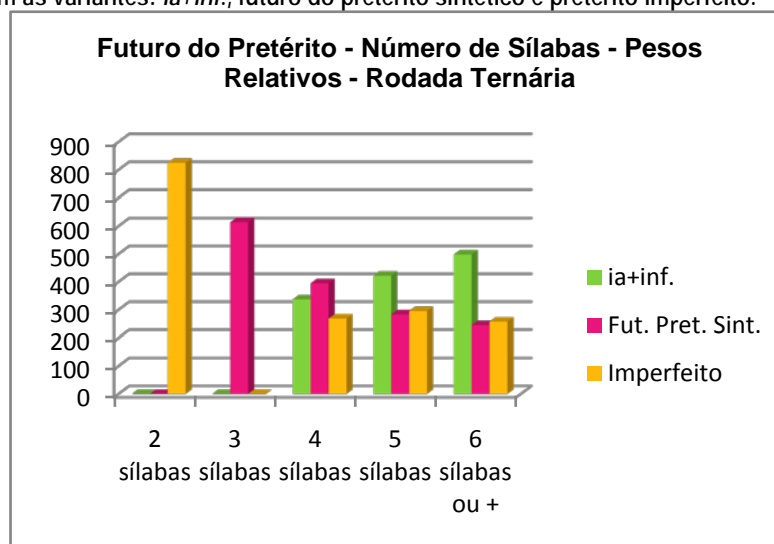
²¹ Reitera-se que a contagem das sílabas foi feita a partir da contagem das sílabas, quando convertidas em futuro sintético.

O gráfico indica que a forma sintética, ao contrário do que se supunha, não tende a diminuir com o aumento do número de sílabas. Em verbos com 5 ou mais sílabas, como *requisitar*, há ainda, um grande uso do futuro sintético, ainda que a perífrase o ultrapasse neste tipo de verbo. Mais interessante é o futuro sintético ter se sobressaído em verbos com 4 sílabas, como *palpitar*, que flexionado ficaria *palpitará*. Nesta rodada ternária a distribuição das formas pareceu regular.

6.4.2 Futuro do Pretérito

O gráfico 11 demonstra a rodada por número de sílabas da variável futuro do pretérito:

Gráfico 11: Futuro do Pretérito – Número de Sílabas – Rodada ternária com as variantes: *ia+inf.*, futuro do pretérito sintético e pretérito imperfeito.



No futuro do pretérito, como era de se esperar, entre os verbos dissilábicos há a predominância dos verbos no imperfeito, e os verbos sintéticos predominam entre os trissilábicos. Isso estava previsto considerando-se que não existem verbos no futuro do pretérito sintético com duas sílabas, sendo que sua grande maioria está entre os trissilábicos.

Interessam, portanto, os resultados a partir das formas com 4 sílabas. Entre eles ainda predominam as formas do futuro do pretérito sintético, porém, a partir dos de 5 sílabas, há o predomínio da forma perifrástica. Isso difere da variável do futuro

do presente, na qual ainda há maior peso relativo da forma sintética nos verbos com 5 sílabas.

Isso reflete o uso dos verbos no imperfeito, de certa forma, conforme os exemplos retirados da obra *Lucíola*:

(180) -... **Preferias** que deixasse de ver-te? (p. 69).

(181) Se o bebesse todo!... balbuciu. – Tu **morrias**, Lúcia! (p. 37).

Há nestes exemplos, com formas verbais terminadas em *-ia*, aliás, dois verbos no imperfeito, o do exemplo (180) com 4 sílabas e o do (181) com 3. Nestes casos do primeiro, se passado para o futuro do pretérito sintético ficaria com 5 sílabas e o segundo com 4. Haveria, portanto, um aumento de uma sílaba em cada um.

Em se tratando do futuro do pretérito, pode-se concluir, então, que há um aumento do uso da forma perifrástica entre os verbos com mais de 5 sílabas, porém, parece ser a forma no imperfeito que melhor representa a “economia” de sílabas.

No caso do número de sílabas, acredita-se haver uma relação entre o paradigma verbal e o uso da forma perifrástica. A simplificação do paradigma em relação à pessoa – *eu, você, ele vai* – e a “facilidade” em se empregar a conjugação da forma perifrástica, uma vez que é somente o verbo auxiliar que sofre desinência temporal, são fatores que, possivelmente, contribuíram para essa distribuição.

7 CONCLUSÃO

A hipótese que ensejou este trabalho foi a de que a perífrase formada com o verbo *ir*, no presente do indicativo, estaria substituindo a forma sintética do futuro do presente, como forma de expressar o tempo futuro, no PB.

Essa hipótese confirmou-se, no sentido de que esta perífrase, atualmente, já pode ocupar a forma do futuro do presente sintético em praticamente todos os contextos. Porém, verificou-se, também, que ainda que o verbo *ir* esteja em final de processo de gramaticalização, ele não perdeu seu significado, mantendo-se no PB como um verbo pleno, que significa movimento espacial, como um verbo auxiliar com forte característica modal para a indicação de certeza, de intencionalidade, e como um codificador de futuro.

A comparação das duas perífrases, a do futuro do presente e do pretérito, demonstrou que ambas não ocorreram, neste córpus, junto com o verbo *ir* com função de verbo pleno, isto é, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *vou ir* ou *ia ir*. Isso foi atribuído a questões sociais que ainda interferem na finalização do processo de gramaticalização, pois, conforme Menon, no caso do futuro do presente há um problema de preconceito linguístico.

E a formada com *ia+inf.* não ocorreu em locuções com o verbo *andar*, que é um verbo com traço semântico de movimento, conforme visto nos exemplos. A análise demonstrou que, junto a este verbo, o verbo *ir* mantém seu traço aspectual, alterando o significado da construção:

- (182) Onde **andaria** ela?
 (182 a) Onde **ia andar** ela?

No exemplo (182) o verbo expressa uma conjectura, uma dúvida, enquanto que no exemplo (182 a), ele expressa lugar.

Esse fenômeno merece ser melhor investigado, uma vez que é preciso se determinar se é o verbo pleno que modifica o sentido da construção ou se é o fato de estar em uma oração interrogativa:

- (183) Onde *estaria* ela?
 (183 a) Onde *ia estar* ela?

O verbo *estar* é um verbo estativo e ainda assim a locução tem seu sentido alterado. No exemplo (183) *estaria* mais uma vez implica em dúvida quanto ao lugar onde alguém estaria, porém, com um sentido parecido com o de *Onde ela andaria?*. O exemplo (183 a) também implica em lugar, porém parece ser mais específico, de *em que lugar ela estaria*.

O estudo dos dados revelou, também, contextos semânticos nos quais o verbo *ir* funciona como auxiliar, constituindo apenas locução, pois estas construções não têm função de expressar futuro, nem um significado como um todo. Nelas, o verbo *ir* mantém seu significado aspectual, indicando a iminência de algo que está para acontecer, mas sem projeção futura:

- (184) Quando **vou catar** as pedras, recebo na face direita um golpe violento, não sei se de algum objeto ou joelho, ou ponta de bota ou caratê, e o susto é maior do que a primeira dor.

O Estorvo, (p. 74).

- (185) Quando já o cabra na tocaia preparava a sua repetição para o tiro, o ouvido atento aos passos a cavalhada que se aproximava, os olhos fitos no cavaleiro que vinha na frente e em quem ele reconhecera Juca Badaró, quando o homem **ia levar** a repetição ao ombro para firmar a pontaria, Antonio Vítor percebera um rumor levíssimo ao lado da estrada e...

Terras do Sem Fim, (p. 255)

Observou-se que a conjunção subordinativa temporal *quando*, não permite o uso da perífrase, principalmente, em contextos com ideia de acontecimento iminente. Interessante nestes casos, é que a ideia de iminência aqui se refere a algo que não acontecerá em seguida, quase como uma condição ou obstáculo que impede que a ação se conclua. No entanto, não há esse mesmo problema, se o *quando* for advérbio interrogativo.

- (186) Quando você *vai sair*?
(186 a) Quando ele *ia sair*?

A ocorrência de perífrase com o verbo *ir* indicando futuro do presente e do pretérito, quando acompanhada de outro verbo auxiliar e mais um verbo no infinitivo, ainda foi muito pequena, no córpus analisado:

- (187) - Onde **será** que eu **vou poder encontrar** de novo aquela mulata?

O Xangô de Baker Street, (p. 153).

- (188) O coronel **ia mandar matar** Juca, mas queria que fosse ele quem desse a ordem ao jagunço, assim, ele entraria para o rol dos homens valentes de Ilhéus...
Terras do Sem Fim, (p. 247)
- (189) O que aconteceu foi o seguinte: eu saquei que, com o dinheiro do banco, eu nunca **ia poder comprar** as coisas.
Paris 98, (p. 12).
- (190) Tinha todas as frases que eu **ia precisar dizer** lá na França.
Paris 98, (p. 28).

Destaca-se, porém, o fato de que essa restrição, ao que parece, está se modificando, uma vez que no último livro apareceram duas ocorrências, as do exemplo (189) e (190).

De maneira geral foi possível concluir, em relação à hipótese geral do trabalho, que as perífrases com o verbo *ir*, indicando futuro, ganharam espaço progressivamente e de forma constante, sendo que a do futuro do presente progrediu significativamente no decorrer dos períodos. Há que se chamar a atenção ao fato de ter sido surpresa o comportamento do futuro do presente em sua forma sintética. Ainda que o primeiro período tenha demonstrado um maior peso relativo desta forma, ela nunca foi a única e muito menos a forma mais privilegiada. A surpresa surgiu ao se imaginar que o futuro sintético seria a forma de maior uso nos 1º e 2º períodos, mas não foi assim. Ela sempre teve uma forma concorrente, como o presente do indicativo, a perífrase formada com *haver+de* e a perífrase com o verbo *ir+inf.*, que a acompanhasse.

Entre os objetivos deste trabalho estava, ainda, o de se verificar, nos textos literários, se a construção perifrástica formada com *ir+inf.* estaria se equiparando à forma sintética do futuro simples e se essa comparação poderia ser feita por período. O que se pode perceber é que sim, a perífrase com verbo *ir + inf.* está se igualando em uso à forma do futuro simples e que esta mudança pode ser verificada por período, mostrando um efeito ascendente da forma inovadora.

Essa alteração na forma da representação do futuro no PB mostrou-se constante durante os três períodos. A observância por período permitiu verificar o processo durante o tempo. Se comparadas as duas variáveis, futuro sintético do presente e futuro do pretérito do indicativo, percebe-se que a forma perifrástica da primeira, formada com *vou+inf.*, a princípio, era a que tinha um maior peso relativo, indicando um grande número de ocorrências em relação à segunda. Entretanto,

verificou-se que ao final dos períodos, a forma perifrástica do futuro do pretérito também começou a ganhar expressão.

Em relação ao verbo *haver*, foi possível observar, no cópuz, que a perífrase com este verbo como auxiliar, teve grande relevância no primeiro período, partilhando com o futuro do presente, em sua forma sintética, a disputa pela expressão do futuro. Quanto à perífrase formada com *havia+de*, esta já não apresentou uma concorrência tão expressiva se comparada à forma sintética do futuro do pretérito.

Foi possível, através do estudo dos pesos relativos, por período, evidenciar o declínio desta perífrase que, no 2º período, já perdera sua força e, no 3º período, praticamente desapareceu como perífrase para expressar futuridade. Ao mesmo tempo, verificaram-se as alterações lexicais da perífrase e sua alteração de significado, em especial no futuro do presente, que adquiriu aos poucos um valor muito mais modal de dever e obrigação e, ao mesmo tempo sofreu concorrência com a locução formada por *ter de* ou *ter que*.

À medida que se fez a análise por período, sentiu-se a necessidade de se estudar, mais detalhadamente, o presente do indicativo como forma de expressar futuro. A rodada ternária com as variantes - perífrase com *ir+inf.*, forma sintética do futuro do presente e presente do indicativo - demonstrou ser essa uma forma que suplantou a perífrase nos dois primeiros períodos, ao se comparar os pesos relativos. Embora a última obra do 3º período tenha sido a que obteve o maior peso relativo em relação à perífrase, o presente, na comparação dos pesos relativos do maior ao menor, ainda a ultrapassou em 4 livros, mesmo que por diferenças pequenas.

Pode-se afirmar, quanto ao cópuz analisado, que o presente do indicativo é uma forma muito representativa na expressão do futuro do presente e a mais constante entre as variantes pesquisadas. Todavia, este cópuz foi selecionado de forma aleatória, mesmo que se tenha considerado a data de nascimento dos autores. Não houve, por exemplo, a preocupação com o estilo de cada autor. A obra de cunho mais informal foi *Paris 98!* e, portanto, a que mais apresentou resultados significativos em relação à forma perifrástica. Não é possível afirmar quais resultados seriam obtidos se fosse feita uma seleção de obras considerando a formalidade na linguagem. Constatou-se que os textos narrativos têm uma

linguagem que, de maneira geral, tende a aproximar-se da língua oral, como forma de tornar o texto mais atraente a um número maior de leitores. Em uma seleção na qual fosse considerada a norma culta ou a formalidade na expressão escrita, muito possivelmente os resultados, em especial no 3º período, poderiam ter sido bastante diferentes. Isso porque foi possível perceber um esforço em se manter a forma sintética do futuro do presente, neste período. Acredita-se que a seleção por autor, quanto as variáveis extra-linguísticas, considerando nível de escolaridade e a formação acadêmica, pudesse, também, oferecer um quadro com resultados diferentes.

A variável futuro do pretérito, nesta análise, demonstrou estar passando por um processo semelhante ao futuro do presente, em relação às formas perifrásticas e até mesmo por apresentar formas verbais alternativas para expressá-lo, como é o caso do pretérito imperfeito. O estudo das formas verbais no imperfeito demonstrou um discreto, mas crescente aumento destas formas na representação deste tempo verbal.

A distinção entre as formas do imperfeito, coma as terminadas em *-ia* e *-ava* mostrou-se produtiva quanto à preferência pelas formas em *-ia*. Isso acontece em grande parte, em função dos verbos modais. Porém, há uma questão fonológica que pode interferir na morfologia verbal, pois formas como *preferia*, pareceram ser mais constantes que *preferiria*, o que pode estar relacionado ao morfema [r].

Além disso, essa questão merece investigação, principalmente se atrelada a um contexto oracional, com orações condicionais, nas quais se verificasse o comportamento dos verbos no subjuntivo.

No contexto oracional, identificaram-se as orações absolutas como as preferenciais para o uso da forma perifrástica. Em seguida viriam as subordinadas. Associou-se esse resultado ao fato da perífrase com *ir+inf.*, com sentido de futuro do presente, expressar um alto grau de modalidade, indicando certeza, firme propósito. Isso condiz com o contexto das orações absolutas, que expressam, objetivamente, uma ideia, sem a expressão de condições ou explicações para completá-la. A forma sintética do futuro do presente indicou um maior peso relativo nas orações principais, o que pode ser interpretado como um contexto em que a ideia principal necessita ser completada, continuada. Ao se considerar a somatória das subordinadas, nelas incluindo as temporais e condicionais, a forma perifrástica

prevalece nas orações subordinadas. Entende-se que este seja um fenômeno a ser investigado. O estilo do autor é um ponto a ser analisado, porém, podem haver questões semânticas e sintáticas que expliquem o fato.

A perífrase com o verbo *haver* surpreendeu por ocorrer, em sua maioria, ou por apresentar um peso relativo maior nas orações interrogativas. Ficou demonstrado que essa forma perifrástica adquiriu, nessas orações, um sentido mais temporal e menos modal, indicando apenas uma conjectura sobre alguma coisa possível de ocorrer, ou codificando apenas tempo.

O presente do indicativo ocorreu, principalmente, nas orações temporais. Este é mais um ponto que merece uma análise específica: o uso dos advérbios ocorre para tirar a ambiguidade das expressões de tempo ou há outros fatores que o motivem. No levantamento verificou-se que nem sempre há um advérbio em orações temporais com presente. Deve haver, portanto, outros fatores envolvidos.

Quanto ao futuro do pretérito, os resultados demonstraram que a forma sintética deste tempo verbal também ocorre, preferencialmente, em orações principais, como ocorre com a forma sintética do futuro do presente. Contudo, o segundo contexto preferencial para esta forma são as orações interrogativas. Vinculou-se esse contexto ao caráter temporal da forma sintética do futuro do pretérito, o que condiz com a ideia de futuridade instaurada pelo questionamento, que implica sempre em conjecturas, em hipóteses. As orações subordinadas foram as orações em que a forma perifrástica do futuro do pretérito obtiveram maior peso relativo, assim como a perífrase do futuro do presente. Uma análise mais detalhada do contexto oracional indicou, neste caso, que esta perífrase ocorreu, em sua maioria, nas orações subordinadas objetivas diretas. Mais uma vez percebe-se a semelhança de comportamento das duas variáveis, mesmo no contexto oracional.

O contexto oracional, conforme dito na metodologia do trabalho, buscou somente um levantamento diagnóstico, através do qual se pudesse ter alguns parâmetros para futuras pesquisas. A pesquisa para este trabalho, bem como o levantamento dos dados, demonstrou que para cada forma verbal há um tipo de oração ao qual ela está vinculada. Essas especificidades invocam novas pesquisas, mais aprofundadas e mais pontuais.

A hipótese sobre o número de sílabas era de que quanto maior o número de sílabas do verbo, maior seria a sua incidência em perífrases. No caso do futuro do

presente, ainda que tenha havido uma maior incidência da perífrase em verbos com mais de 6 sílabas, a distribuição das formas verbais foi quase homogênea, não indicando haver uma preferência por uma ou outra forma. Aliás, surpreendeu o uso do futuro do presente sintético em verbos com 4 e 5 sílabas. No caso da hipótese quanto ao número de sílabas ficou sem conclusão, pois seria necessário uma investigação mais detalhada sobre a questão.

O mais importante resultado obtido nesta pesquisa foi a verificação dos processos de mudanças, que parecem ocorrer de forma análoga, nas duas variáveis. Tanto uma como a outra tem similaridades interessantes: em ambas houve, como variante a ser considerada, a perífrase com *haver*. No caso do futuro do presente, esta perífrase quase desapareceu e, ao que tudo indica está sendo substituída pela perífrase com *ter de* e *ter que*.

As duas variáveis têm uma forma alternativa: no futuro do presente é o presente do indicativo e no futuro do pretérito, o pretérito imperfeito. E as duas variáveis têm uma perífrase com *ir* para expressar futuro. Essa observação é interessante ao se considerar o ponto no processo de mudança do futuro do presente, no qual a perífrase parece estar sobrepujando a forma sintética, e o ponto do processo do futuro do pretérito, no qual a perífrase parece em início de concorrência, nas últimas duas décadas. Um estudo comparativo das duas formas, em outros contextos, poderá permitir que se verifique melhor, as motivações e os processos que implementam mudança.

Há, portanto, muito trabalho e muito o que se investigar, no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. **Fonologia: A Gramática dos Sons**. Revista Letras, nº 5. São Paulo, 1993.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa (Curso Único e Completo)**. 23ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1971.

ASSIS, Joaquim Maria Machado. **Dom Casmurro**. Biografia de M. Cavalcanti Proença; Estudo Introdutivo e notas de Afrânio Coutinho e Introdução de Ivan Cavalcanti Proença. Ediouro S.A. – Coleção Prestígio.

AZEVEDO, Aluísio Tancredo Gonçalves de. **O Cortiço**. 19ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1988. Série Bom Livro.

BARBOSA, Juliana Bertucci. A expressão do futuro no português contemporâneo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. INSS 1678-3182. Volume VI, Número XXIII, Out – Dez. 2007. Disponível em: www.unigranrio.br/unidades_acad/ihm/graduação/letras/revista/galleries/downloads/A_expressão_do_futuro-texto_Juliana.pdf. Acessado em 15/05/08.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Revisada e ampliada. 37ª ed. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri: revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2005.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Editora Cultrix Ltda., 1997.

BRASIL, **Código de Proteção e Defesa do Consumidor e legislação correlata**. 2ª ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2006.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística – uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionelo. São Paulo : Parábola, 2002, 176 p.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Organizadoras). **Introdução à linguística – domínios e fronteiras**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2003. P. 49 - 75

CHOMSKI, Noan. **Aspectos da Teoria da Sintaxe**. Tradução, Introdução, Notas e Apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. 2ª ed., Coimbra, Armênio Mamado Editor, ... 1978.

COELHO, Paulo. **Manual do Guerreiro da Luz**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 1997.

CORÔA, Maria Kuiza M. S. **O Tempo nos verbos do português**. 1ª ed. São Paulo, SP : Parábola Editorial. 2005, 94 p.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O Aspecto em Português**. 3ª ed., São Paulo : Contexto, 2002. (Repensando a Língua Portuguesa). 97 p.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. 7ª ed., Rio de Janeiro: FENAME, 1980.

CUNHA, Celso Ferreira da.; CINTRA, Luis F. Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva. **Syntaxe Histórica Portuguesa**. 5ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1916. Impressão terminada em 1970.

FLEISCHMAN, Suzanne. **The futur in thought and language – diachronic evidence from Romance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GIBBON, Adriana de Oliveira. **A Expressão do Futuro na Língua Falada de Florianópolis: gramaticalização e variação**. UFSC, 2000.

GÖRSKI, Edair Maria, et al. Variação nas Categorias Verbais de Tempo e Modo na Fala de Florianópolis. In: (Organizado por) VANDERSEN, Paulino. **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas: Eucat, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento : um estudo enunciativo da designação**. Campinas, SP : Pontes, 2ª ed., 2005. 96 p.

HALLIDAY, David, RESNICK, Robert, WAKER, Jearl. **Fundamentos da Física Volume 4**. 6ª ed. LTC Editora S.A.: Rio de Janeiro, RJ. 2003, 299 p.

HOPPER, Paul J, TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Gramaticalization**. 1ª ed. Cambridge : Cambridge University Press, 1993. 278 p.

HOLANDA, Francisco Buarque. Disponível em:
http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_494.html, acessado em 22/07/08, às 16:07 h.

ILARI, Rodolfo. **A Expressão do Tempo em Português**. 2ª ed. São Paulo : Contexto, 2001. (Repensando a Língua Portuguesa).

_____, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina.(Organizadoras). **Introdução à Linguística 3 – Fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004. Volume 3.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: **Sociolinguística**. (Org.) Maria Stella V. Fonseca, Moema F. Neves. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda., 1974, p. 49 – 85.

LABOV, Willian. **Principles of Linguistic Change – Internal Factors**. Blackwell Publishers Inc. Malden, Massachusetts, 1999. Volume I

LYONS, John. **Linguagem e Linguística – uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. **Dicionário de Linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986

_____. Contribuição à estilista portuguesa. 3ª ed. revisada. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

_____. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 32ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

_____, Joaquim. **Uma forma verbal portuguesa – estudo estilístico gramatical**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A variação haver/ter. In.: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). **A Carta de Caminha – Testemunho Linguístico de 1500**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996, p. 181 – 193.

_____. **O Português Arcaico – fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo : Contexto, 2006.

_____. **Contradições no Ensino de Português**. 2 ed.. São Paulo: Contexto; Salvador Bahia: Editora da Universidade Federal da Bahia. 1997. (Repensando a Língua Portuguesa).

MENON, Odete Pereira da Silva; LOGERIAN-PENKAL, Loremi. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no sul do Brasil. In: VANDRESEN, Paulino. (org.) **Variação e Mudança no Português Falado da Região Sul**. Pelotas: Educat, 2002.

MENON, Odete Pereira da Silva. “**Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização**”. In: PUSCH, Claus D. & Andreas WESCH (HG.) **Verbalperiphrasen in den(iber-) romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmuth Buske Verlag. 2003.

OLIVERIA, Josane Moreira. **O Futuro da Língua Portuguesa Ontem e Hoje: Variação e Mudança**. UFRG, 2006. Tese de Doutorado. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/posverna/doutorado/OliveiraJM.pdf. Acessado em 15/05/08.

PEREIRA, Eduardo Carlos. **Grammatica Historica**. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

_____. Eduardo Carlos. **Gramática Expositiva: Curso Superior**. 77ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950. 2ª série de Livros Didáticos, Biblioteca Pedagógica Brasileira, vol.5.

PRATA, Mario. **Paris 98!**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PRETI, Dino. **Sociolinguística – os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do Diálogo na Literatura Brasileira**. 9ª ed. 1 reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

PEZATTI, Erolilde Goreti. In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Anna Christina. (Org.) **Introdução à Linguística 3 – fundamentos epistemológicos**. São Paulo : Cortez, 2004. 472 p.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Posfácio de João Luiz Lafetá. 39ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

REICHENBACH, Hans. The Tenses of Verbs. In: DAVIS, Steven, GILLON, Brendan S. **Semantics – A Reader**. New York, NY, : Oxford University Press, 2004. p.526 - 533.

RODRIGUES, Angélica T. C. “**Eu fui e fiz esta tese**”: **As construções do tipo foi fez no Português do Brasil**. Tese de Doutorado. Disponível em: www.gel.org.br/4publica-estudos-2006/sistema06/258.pdf. Acessado em 15/05/08.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 7ª Ed. Melhorada e aumentada. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971. Biblioteca de Filologia, volume 19.

SOARES BARBOSA, Jeronymo. **Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza**. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1822. XIV, 466. Disponível em: <http://purl.pt/128>, acessado em 10/08/08.

TARALLO, Fernando. **Tempos Linguísticos**. 1ª ed. São Paulo : Editora Ática S.A. 1990.

_____, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7ª ed. São Paulo: Editora Ática S. A., 2002.

TRASK, R.L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros Silva. São Paulo: Contexto, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O uso do futuro do pretérito no português falado. In: **Gramática do Português Falado**. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. Volume 7 – Novos estudos. p. 673 – 697.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem – Campinas, SP, nº 1 (ago. 1978 -) Publicação semestral. P. 211 – 232.

WEINRICH, Uriel. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Uriel Weinreich, William Labov, Marvin I. Herzog; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco; posfácio Maria da Conceição A. de Paiva, Maria Eugênia Lamoglia Duarte. – São Paulo : Parábola Editorial, 2006.